

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

VANESSA DOS SANTOS MILDER

**O SÍTIO DA FIGUEIRA/AREAL (RS) E SEU MAPA DISCURSIVO: CERÂMICA  
ARQUEOLÓGICA E REPRESENTAÇÕES MAESTRAS DE MATRIZ ACADÊMICA E  
COLONIAL**

Porto Alegre

2017

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

VANESSA DOS SANTOS MILDER

**O SÍTIO DA FIGUEIRA/AREAL (RS) E SEU MAPA DISCURSIVO: CERÂMICA  
ARQUEOLÓGICA E REPRESENTAÇÕES *MAESTRAS* DE MATRIZ ACADÊMICA E  
COLONIAL**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com área de concentração em Sociedade, Cultura Material e Povoamento.

Orientador: Prof. Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert

Porto Alegre  
2017

## Ficha Catalográfica

M641s Milder, Vanessa dos Santos

O sítio da Figueira/Areal (RS) e seu mapa discursivo : cerâmica arqueológica e representações maestras de matriz acadêmica e colonial / Vanessa dos Santos Milder . – 2017.

188 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert.

1. cerâmica arqueológica. 2. discursos legítimos. I. Hilbert, Klaus Peter Kristian. II. Título.

VANESSA DOS SANTOS MILDER

**O SÍTIO DA FIGUEIRA/AREAL (RS) E SEU MAPA DISCURSIVO: CERÂMICA  
ARQUEOLÓGICA E REPRESENTAÇÕES *MAESTRAS* DE MATRIZ ACADÊMICA E  
COLONIAL**

Dissertação apresentada como requisito para a  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de  
Pós-Graduação em História pela Escola de  
Humanidades da Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul, com área de concentração  
em Sociedade, Cultura Material e Povoamento.

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert – PUCRS

---

Prof. Dr. Luis Carlos dos Passos Martins – PUCRS

---

Prof. Dr. André Luis Ramos Soares – UFSM

Porto Alegre  
2017

## AGRADECIMENTOS

Ao longo desses dois anos de curso de mestrado, durante o qual eu estive extremamente envolvida na construção desta dissertação, eu obtive o apoio de algumas pessoas. O número de apoiadores desta pesquisa é relativamente pequeno, mas o grau de incentivo de cada um dos apoiadores e amigos que acompanharam o processo de desenvolvimento do projeto e das ideias aqui inseridas é altíssimo, o que me deixa muito motivada para seguir adiante com os objetivos e projetos ainda em processo de amadurecimento.

Pesquisar os vestígios humanos do passado é sem sombra de dúvidas um trabalho muito emocionante. Eu sou grata primeiramente ao voto de confiança e incentivo recebido pelo professor Dr. Saul Milder – *in memoriam*, e também pelos ensinamentos de Arqueologia que me foram passados em campo durante as intervenções arqueológicas em Quaraí-RS. O sítio do Areal representa uma motivação não só para a minha vida, mas para a pesquisa histórica e arqueológica.

Sou grata ao meu orientador, o professor Dr. Klaus Hilbert, que tão gentilmente me apoiou na construção desta pesquisa, e que com seu excepcional conhecimento me proporcionou *insights* durante o desenvolvimento da pesquisa. A acolhida que recebi na PUCRS foi muito importante para o meu amadurecimento como estudante, aluna e também pessoa. Todos os textos sugeridos, e todas as novas ideias e teorias que me foram apresentadas, foram revelações de diferentes caminhos a seguir.

As aulas que presenciei, foram muito mais do que a agregação de conhecimentos, foram também uma descoberta sobre os aspectos da construção de uma História. A motivação que tive no início dessa pesquisa disparou positivamente após as aulas no Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS. Sou grata as extraordinárias aulas sobre tecnologia e cultura material ministradas pelo professor Dr. Klaus Hilbert.

Também sou muito grata às aulas da professora Dr. Maria Cristina dos Santos, as quais representam algumas das melhores que pude assistir durante a minha jornada acadêmica, e que foram o ponto de partida que me proporcionou compreender, através de um novo olhar, os textos e documentos que nós historiadores utilizamos.

Durante o curso, participei de uma disciplina que me fez sair ainda mais da zona de conforto, e graças ao desafio que encontrei nela, é que foi possível estender algumas ideias sobre as Representações nesta pesquisa. Por isso, sou muito grata ao Professor Dr. Luis

Martins pelas brilhantes explicações durante as aulas, as quais me ajudaram a pensar o campo científico arqueológico sob um novo olhar.

Aos meus colegas de curso, Josiane, Paulo, Carlos e Filipi, agradeço pelo companheirismo, trocas de saberes e pela convivência em sala de aula. Ao meu amigo e colega Lucio Lemes, agradeço pelo incentivo desde o momento em que esta pesquisa era apenas uma vaga ideia. Também sou grata pela sua parceria nas exaustivas viagens entre Santa Maria e Porto Alegre, pelas conversas no ônibus, na rodoviária, no táxi e pelas vezes que por uma palavra e outra não me deixou desistir de encarar novos desafios acadêmicos.

Agradeço aos meus amigos e a minha família. Ao meu filho Lucas Gabriel que me apoiou e que foi um menino responsável e corajoso em todos os momentos. Um agradecimento também aos meus amigos antigos e novos, meus apoiadores: Thaís Balk, Mariusi Glasenapp e Anderson Pires, mas também a todos que me estenderam a mão nos momentos turbulentos e felizes da minha vida. Aos meus pais José e Jane que sempre me mostraram o valor da honestidade e do amor acima de qualquer título.

Gratidão

*Alcei a perna no pingo  
E saí sem rumo certo  
Olhei o pampa deserto  
E o céu fincado no chão  
Troquei as rédeas de mão  
Mudei o pala de braço  
E vi a lua no espaço  
Clareando todo o rincão  
[...]*

**Vitor Ramil (Deixando o pago)**

## RESUMO

Objetiva-se demonstrar a emergente necessidade de retomada das pesquisas arqueológicas quanto à historicidade das tradições cerâmicas estabelecidas para a região platina, já sugerida por Jorge Femenías (1990), a qual foi habitada por grupos indígenas no passado. A pesquisa busca reunir alguns estudos arqueológicos já realizados, afim de que os dados contidos nessas publicações possam nos mostrar o caminho conceitual utilizado na engenharia textual dos discursos e o encadeamento argumentativo sobre o sítio arqueológico da Figueira/Areal (Quaraí), com o intuito de contribuir para o entendimento do mapa discursivo construído sobre as áreas pesquisadas. A partir do isolamento de conceitos-chaves pode-se compreender o imbricado quadro de afirmações que tornam a região e o debate fragilizados arqueologicamente. Neste trabalho será priorizada a noção de representação, seja ela social ou coletiva, tendo em vista as diferentes questões que permeiam o tema abordado, ora as representações sociais concernentes às lutas de representação entre os arqueólogos e historiadores, ora entre a representação coletiva, que recai sobre o objeto das lutas de representação social, a cerâmica em si, essa materialização que é uma categoria do conhecimento na pesquisa histórica e arqueológica, oriunda de grupos humanos do período pré-colonial. Um dos objetivos consiste em apresentar algumas construções discursivas da região platina e como elas interferem na interpretação de artefatos, no presente, e na compreensão dos sítios arqueológicos. Levaremos em consideração as negociações efetuadas entre os sujeitos que construíram o discurso fundador concernente à cerâmica do sítio Areal/Quaraí-RS e a estipulação da tradição arqueológica Vieira para este sítio como um estudo de caso, que objetiva reconstruir o mapa discursivo dos arqueólogos pioneiros através de uma geografia do pensamento, o qual ganha suporte também através da História e suas fontes de pesquisa.

**Palavras-chave:** Tradição Arqueológica Vieira; cerâmicas; mapa discursivo.



## ABSTRACT

The purpose is to demonstrate the emerging need to resume archaeological research on the historicity of the established ceramic traditions for the platinum region, already suggested by Jorge Femenías (1990), which was inhabited by indigenous groups in the past. In order that the data contained in these publications can show us the conceptual path used in the textual engineering of the discourses and the argumentative chain about the archaeological site of Figueira/Areal (Quaraí), with the intention of contributing to the understanding of the discursive map built on the researched areas. From the isolation of key concepts one can understand the imbricated framework of statements that make the region and the debate fragile archaeologically. This work will prioritize the notion of representation, be it social or collective, in view of the different issues that permeate the topic addressed, sometimes social representations concerning the struggles of representation between archaeologists and historians, sometimes between collective representation, which falls on the object of the struggles of social representation, the pottery itself, this materialization that is a category of knowledge in historical and archaeological research, coming from human groups of the pre-colonial period. One of the objectives consisting of to present some discursive constructions of the platinum region and how they interfere in the interpretation of artifacts, in the present, and in the understanding of the archaeological sites. We will take into account the negotiations carried out between the subjects who built the founding discourse concerning the ceramics of the Areal/Quaraí-RS site and the stipulation of the Vieira archaeological tradition for this site as a case study, that which aims to reconstruct the discursive map of the pioneer archaeologists through a geography of thought, which also gains support through History and its sources of research.

**Keywords:** Vieira Archaeological Tradition; ceramics; discourse map.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Localização do município de Quaraí – Sudoeste do Rio Grande do Sul (Brasil), e fronteiras com Argentina e Uruguai. ....	24
Figura 2. Imagem de satélite com a localização do Areal de Quaraí. No detalhe o rio Quaraí afluente do rio Uruguai. ....	24
Figura 3. Imagem de satélite da mostrando dos arroios Cati e Areal em relação ao Areal. ....	25
Figura 4 Sítio Arqueológico do Areal – Quaraí/RS, à direita em último plano à direita, o Cerro da Panela. ....	25
Figura 5. Sítio arqueológico Areal-Quaraí/RS. No detalhe, gravuras rupestres mencionadas pelo arqueólogo Mentz Ribeiro. ....	29
Figura 6. Mapa das regiões do Areal/Quaraí onde Mentz Ribeiro (1984, 1994) realizou intervenções arqueológicas. ....	32
Figura 7. Sítio da Figueira, onde Milder (2000) coletou cerâmica [Waypoint 31 da tabela de Waypoints], coordenada UTM 21J 0574614 6630007. ....	33
Figura 8. UTM's lançadas no Google Earth e cálculo aproximado da distância (1,19Km) entre o local de coleta das cerâmicas e do Monolito com gravuras rupestres. ....	35
Figura 9. Metodologia de coleta de algumas das estruturas (concentrações de materiais arqueológicos), as quais estão indicadas pelas setas na parte inferior da imagem. O monolito está indicado na parte superior da imagem. ....	41
Figura 10. Evidências cerâmicas registradas no sítio Areal. ....	42
Figura 11. Representação das áreas funcionais do sítio do Areal, compreendidas por Marion (2007). Mapa construído a partir dos pontos de GPS marcados no sítio. ....	46
Figura 12. Estratigrafia dos areias retrabalhados. ....	50
Figura 13. Páginas 138 e 139 (BECKER, 1982) – Alimentação Charrua/Século XIX. ....	86
Figura 14. Página 105 (Serrano, 1936) – Citação de Becker (1982:138 e 139). ....	86
Figura 15. Página 141 (BECKER, 1982) – Alimentação Minuanos/Século XVII. ....	87
Figura 16. Fonte utilizada por BECKER (1982) para a interpretação indutiva sobre o uso das cerâmicas (para cozinhar). ....	87
Figura 17. Cazabe e os Minuanos ....	88
Figura 18. Século XVI – Charruas cozinham carne de avestruz em vasos de barro negro. ....	88
Figura 19. Segunda parada do Cuerpo de Blandengues, na perseguição aos Charruas. ....	88
Figura 20. Mapa construído por Antonio Serrano. O autor utilizou um método de sobreposição de dados históricos, étnicos e arqueológicos. ....	92
Figura 21. Representações dos Chanás, Minuanos e Charrúas. ....	94
Figura 22. Representação esquemática dos Quadrantes estabelecidos na metodologia de campo (sítio do Areal – 1999). ....	124
Figura 23. Remontagens agrupamento Vasilha 1. ....	126
Figura 24. Remontagem A do agrupamento Vasilha 1 (parede externa). ....	127
Figura 25. Remontagem A do agrupamento Vasilha 1 (parede interna). ....	127
Figura 26. Primeiro grupo de fragmentos cerâmicos (Vasilha 1). As letras A, B, C, D, E, F, G e H indicam as remontagens do primeiro agrupamento. ....	128
Figura 27. Fragmento Vasilha 1 (detalhe do antiplástico – arenito). ....	129
Figura 28. Segundo grupo de fragmentos cerâmicos (Vasilha 2). As letras A, B, C e D indicam as remontagens do segundo agrupamento. (Remontagens Maio/2016) ....	130
Figura 29. Remontagem cerâmica (Unidade 48) do Areal/Quaraí-RS. No detalhe, linhas paralelas de incisões (parede interna). Possível demarcação do limite de uma secção. ....	131

Figura 30. Remontagem A – no detalhe indício de um limite de secção da placa de argila. A olho nu é possível visualizar uma marca de incisão adentrando a face interna da parede. ....	132
Figura 31. Outras remontagens. À esquerda, possível remontagem correspondente à base da Vasilha 2. À direita, remontagem de parede (que possivelmente ficou exposta às intempéries, no terreno).133	
Figura 32. Remontagem (paredes) agrupamento Vasilha 2. ....	133
Figura 33. Sequência da remontagem C, em Junho/2016. Aparência das paredes externas da remontagem pertencente ao agrupamento Vasilha 2 – Sítio arqueológico da Figueira – Areal.134	
Figura 34. Sequência da remontagem C, em Junho/2016. Aparência das paredes internas da remontagem pertencente ao agrupamento Vasilha 2 – Sítio arqueológico da Figueira – Areal.134	
Figura 35. Remontagem de Borda. Junho/2016. ....	135
Figura 36. Fragmentos com incisões. Trabalha-se com a hipótese de que as incisões pertençam a face interna da vasilha, uma vez que possuem uma suave curvatura, que pode ser melhor detectada a partir da observação da face alisada (possivelmente a face externa da vasilha). ....	135
Figura 37. Fragmento de borda. Coleção cerâmica do sítio da Figueira-Areal. ....	136
Figura 38. Face interna da remontagem B do agrupamento Vasilha 2 (Bordas). No detalhe, marcas de instrumento utilizado durante uma das etapas do processo técnico. ....	137
Figura 39. Face externa fragmento Vasilha 3. ....	138
Figura 40. Face interna fragmento Vasilha 3. ....	139
Figura 41. (a e b). Detalhe do interior dos fragmentos cerâmicos – técnica de modelagem (Vasilha 3). Sítio da Figueira – Areal. ....	139
Figura 42. Terceiro grupo de fragmentos cerâmicos (Vasilha 3). As letras A e B indicam as remontagens do terceiro agrupamento. ....	140
Figura 43. Esquema hipotético/construção de categorias . ....	145
Figura 44 Esquema hipotético (transposição de modelo). ....	146
Figura 45. Representação esquemática da construção social do capital simbólico neste estudo de caso. ....	147
Figura 46. Mapa associativo de ideias e conceitos representando um capital simbólico largamente utilizado e incorporado nas publicações. ....	151
Figura 47. Charge de cavalerie Gouaycoursous [Voyage pittoresque et historique au Brésil [...] (Volume 1) /1834 – Jean Baptiste Debret]. ....	158
Figura 48. Ensaio de classificação aborígene. Os Charruas estão inseridos no ramo Guaicurús do Sul, segundo Porto, 1943:29) ....	158
Figura 49. Chef de Charruas sauvages. <i>Debret, Jean Baptiste, 1768-1848</i> ....	159

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Categorias observadas que definem a fase Icamaquã (Cerâmica).....	27
Quadro 2. Categorias observadas que definem a fase Ibirapuitã (Cerâmica).....	27
Quadro 3. Sistematização de trechos da obra de Basile Becker - El índio e la colonización: Charruas y Minuanes(1982). .....	81
Quadro 4. Relação das obras que receberam uma busca de argumentos e/ou elementos conceituais, e que estão relacionadas (em diferentes graus) à interpretação do sítio cerâmica da Figueira/Areal-Quaraí/RS. ....	103
Quadro 5. Sistematização dos principais temas abordados na obra que está indicada no cabeçalho do quadro abaixo. Os temas observados estão indicados à esquerda, e à direita os respectivos elementos argumentativos, conceituais e contextuais que puderam ser percebidos durante a etapa analítica da obra. ....	106
Quadro 6. Sistematização dos principais temas abordados na obra que está indicada no cabeçalho do quadro abaixo. Os temas observados estão indicados à esquerda, e à direita os respectivos elementos argumentativos, conceituais e contextuais que puderam ser percebidos durante a etapa analítica da obra. ....	106
Quadro 7. Sistematização dos principais temas abordados na obra que está indicada no cabeçalho do quadro abaixo. Os temas observados estão indicados à esquerda, e à direita os respectivos elementos argumentativos, conceituais e contextuais que puderam ser percebidos durante a etapa analítica da obra. ....	109
Quadro 8. Sistematização dos principais temas abordados na obra. Temas à direita, e elementos argumentativos, contextuais e conceituais à esquerda. ....	111
Quadro 9. Material Lítico encontrado em cada local (Camaquã, Rio Grande e Santa Vitória do Palmar). ....	113
Quadro 10. Elementos do contexto e sua relação com a ocorrência em cada tipo de sítio associado à cultura material. ....	114
Quadro 11. Categorias de análises cerâmicas (decoração e presença de antiplástico) para a criação de tipos. ....	115
Quadro 12. Definições estipuladas para a criação da Fase Torotama e fase Vieira da tradição Vieira para Rio Grande. As categorias observadas estão representadas nas células numeradas.....	115
Quadro 13. Fase Vieira, Subfases e as categorias de análise. ....	116
Quadro 14. Quadro com os números individuais e/ou de concentrações dos fragmentos cerâmicos do primeiro agrupamento, denominado Vasilha 1. ....	123
Quadro 15. Grupos étnicos e a representação destes através das tradições arqueológicas. ....	146
Quadro 16. Características atribuídas às cerâmicas da tradição Vieira. ....	156
Quadro 17. Características atribuídas aos sítios arqueológicos do tipo “cerrito”. ....	156
Quadro 18. Características atribuídas aos índios Charruas. ....	156
Quadro 19. Encadeamento de argumentos e o capital simbólico incorporado ao sítio da Figueira/Areal. ....	157

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Síntese das informações encontradas sobre a cerâmica do Areal.....	34
Tabela 2. Síntese das informações sobre o Sítio Arqueológico Parana Miní 1.....	67
Tabela 3. Síntese das informações sobre o Sítio Arqueológico Parana Miní 2.....	69
Tabela 4. Síntese das informações sobre o Sítio Arqueológico Parana Miní 3.....	70
Tabela 5. Síntese das informações sobre o Sítio Arqueológico Parana Miní 4.....	71
Tabela 6. Síntese das informações sobre o Sítio Arroyo Pescado (P1).....	72
Tabela 7. Síntese das informações sobre o Sítio La Fondita.....	72
Tabela 8. Síntese das informações sobre o Sítio Isidoro 1 (I1).....	73
Tabela 9. Síntese das informações sobre o sítio Arroyo Isidoro 2 (I2).....	74
Tabela 10. Síntese das informações sobre o Sítio Río de Los Amores (A1).....	74
Tabela 11. Tabela com as subfases da Tradição Arqueológica Vieira.....	118
Tabela 12. Tabela demonstrativa das concentrações cerâmicas, representadas pelas Unidades, seus respectivos Quadrantes e número de fragmentos (Sítio Areal/RS-Q.18).....	122

## SUMÁRIO

ABSTRACT.....	8
LISTA DE FIGURAS .....	9
LISTA DE QUADROS.....	12
LISTA DE TABELAS .....	13
INTRODUÇÃO .....	15
CAPÍTULO 1 .....	23
1.1 O sítio arqueológico da Figueira no Areal – Sudoeste do Rio Grande do Sul .....	23
1.2 O Complexo Itaqui e sua relação com o Complexo Areal .....	36
1.3 As interpretações para o sítio cerâmico do Areal.....	36
1.4 As pesquisas Geo sobre o Areal e sua relação com a História e a Arqueologia .....	47
1.5 Outros contextos e lugares .....	58
1.6 Leste uruguaio e Sul do Brasil .....	58
1.7 Nordeste argentino: Zona de Goya – Corrientes/Argentina.....	67
CAPÍTULO 2.....	76
2.1 As representações nas construções discursivas .....	76
2.2 Pontos importantes da obra: <i>Etnografía de la Antigua Provincia del Uruguay/1936</i> (Antonio Serrano).....	89
2.3 Crítica e (re)análise contextual e artefactual Jardim(2003) para as cerâmicas do sítio do Areal: .....	94
2.4 Sobre as construções das Tradições Arqueológicas .....	95
2.5 Tradição e Fase: perspectiva histórico-cultural.....	97
2.6 Quantificação, tipologia e enquadramentos – uma perspectiva da História.....	100
2.7 As publicações científicas e seus argumentos .....	102
CAPÍTULO 3 .....	120
3.1 Metodologia e hipótese interpretativa da cerâmica do sítio Areal – Quaraí/RS .....	120
3.1.1 Metodologia .....	120
3.2 Coleção A (LEPA-UFSM).....	122
3.2.1 Vasilha 1 .....	123
3.2.2 Vasilha 2 .....	129
3.2.3 Bordas (16 fragmentos) – agrupamento de fragmentos Vasilha 2.....	136
3.2.4 Vasilha 3 .....	137
CAPÍTULO 4.....	141
4.1 Formas de pensamento na Arqueologia a partir da perspectiva da História Intelectual (História Cultural) .....	141

4.2 As categorias socioprofissionais como um modelo para construção de categorias para as tradições arqueológicas .....	144
4.3 Mapa de associação de ideias: uma análise discursiva como proposta para o entendimento das interpretações (construções) históricas e arqueológicas para a cerâmica pré-colonial do sítio da Figueira/Areal-RS. ....	149
4.4 As cadeias argumentativas das construções discursivas sobre o sítio da Figueira: a trajetória conceitual de Pedro Augusto Mentz Ribeiro.....	151
4.5 O encadeamento dos argumentos .....	155
CONCLUSÃO .....	160
APÊNDICE .....	169
ANEXOS.....	174
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	179
BIBLIOGRAFIA.....	185
GLOSSÁRIO .....	187

## INTRODUÇÃO

A pesquisa que apresentaremos foi pensada primeiramente dentro de uma linha de reflexão que tem por objetivo construir um mapa conceitual do pensamento arqueológico sobre a cerâmica pré-colonial encontrada no sítio do Areal – Quaraí/RS. Para tanto, o objetivo que nos permitiu realizar uma pesquisa que entrelaça conceitos pioneiros e cultura material, pode ser colocado dentro de um espaço do debate acadêmico onde possamos discutir outras perspectivas sobre a construção de uma história, onde sejam contempladas a originalidade e uma consequente aprendizagem, afim de que o entendimento sobre a **base dos conhecimentos** que adquirimos ao longo de nossa caminhada acadêmica, seja não apenas assimilada, mas compreendida através da revelação de sua construção social – uma etapa essencial no processo de descolonização do pensamento.

Segundo os escritos de Ricoeur (2007), o historiador, (ou o arqueólogo - o autor do discurso), possui o desejo de reconhecer a coisa ausente. Assim, a representação do passado aparece “confiada à nossa custódia”. Existe uma condição histórica para que nossos textos, sejam eles materiais ou documentais, recebam uma interpretação ou compreensão, fazendo com que essa hermenêutica da condição histórica ocupe o lugar de uma filosofia especulativa da História (ou da Arqueologia).

A problemática inicial dessa pesquisa recai sobre a interpretação para a cerâmica arqueológica do sítio da Figueira/Areal, localizado no município de Quaraí/RS, a qual desencadeia uma discussão sobre os elementos representacionais referentes à cultura material em questão, e contempla indiscutivelmente uma **pesquisa bibliográfica** dos trabalhos acadêmicos produzidos pelos campos científicos intelectuais da Arqueologia e da História.

\*\*\*

O nosso questionamento nessa pesquisa está referenciado em teorias que buscam dar um novo fôlego para a historiografia. Por isso, autores como Pierre Bourdieu, Roger Chartier, Arjun Appadurai e Roland Barthes são alguns dos caminhos que podem nos indicar a perturbação discursiva que encerra a história do sítio da Figueira, mas não só isso. O aprofundamento do tema nos leva a desvelar caminhos que não enxergamos durante o nosso processo de aprendizado na academia, uma vez que o não questionamento do conhecimento velado nos torna prisioneiros de paradigmas, caso decidamos ficar na nossa zona de conforto teórica.



Do meu ponto de vista, Chartier nos direciona a realizar a correlação entre os questionamentos das nossas pesquisas em sua obra “À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes”, de 2002, pois de maneira clara ele nos assegura problemas historiográficos nas construções históricas que permitem ao pesquisador, e esta é uma opinião bem particular, reconhecer o seu instinto investigativo, bem como detectar, no objeto de pesquisa, problemas que parecem exteriores ao objeto, mas que possuem uma profunda relação, na qual conceitos e teorias estão entrelaçados de uma maneira muito difícil de perceber imediatamente.

Segundo Chartier (2002), houve um desaparecimento das antigas certezas (1960), marcando um período historiográfico que entra em crise, pois a organização das verdades até então dominantes começariam a destoar dos paradigmas vigentes. Assim, o trabalho histórico encontrou uma nova vitalidade, articulando de modo inventivo as reflexões teóricas ou metodológicas com a produção de novos saberes, com isso se reformulam algumas questões sobre a objetividade do discurso histórico e se correlacionam as formas de dominação, formação das identidades e as práticas culturais.

Acreditamos que mais do que construir uma história, ou uma versão diferente daquela história já publicada, nosso papel requer uma observação da construção das narrativas históricas ou arqueológicas (estas oriundas de vestígios textuais e/ou artefatuais). No entanto, para adentrarmos o mundo dos conceitos arqueológicos para a cerâmica, no contexto e área geográfica de pesquisa, precisaremos movimentar elementos do contexto arqueológico e histórico que estão na base da criação de determinadas construções discursivas, sejam estas as histórias contadas, as terminologias utilizadas e/ou as percepções individuais de diferentes agentes (ou grupos) que ocupam um lugar de destaque dentro do pioneirismo teórico arqueológico e histórico da região Sudoeste do Rio Grande do Sul.

Em um primeiro balanço, o objetivo exposto acima revolve todo um discurso reforçado historiograficamente ao longo dos anos, o discurso fundador, que possui em sua gênese as tradições arqueológicas e que está imbricado por representações sociais construídas por diferentes agentes ou grupos de agentes que buscavam autonomia e legitimação científicas nos momentos de suas produções e publicações.

Portanto, afim de que possamos contestar, reafirmar ou complementar os pontos de vista das pesquisas já realizadas na região em estudo, será necessária a decomposição das ideias e argumentos utilizados, bem como compreender conceitos e suas aplicabilidades práticas, os quais foram utilizados pelos primeiros pesquisadores que se debruçaram sobre a

temática aqui abordada, seja para a cerâmica ou para o sítio arqueológico abordados nesse enredo.

Há nessa pesquisa uma preocupação em analisar e compreender a cultura material oriunda do sítio da Figueira, bem como uma inclusão da percepção do mundo social de alguns pesquisadores que analisaram os registros da região do Areal. Segundo Bourdieu (1990) as percepções das construções das visões de mundo contribuem para a construção do mundo atual, e como essas construções são operadas sob coações estruturais que nos revelam um mundo social como evidente à nossa percepção, acabamos por incorporar a essência que interiorizamos das estruturas do mundo social, e que compreendemos como naturais.

Para Durkheim, os sistemas religiosos constituem os primeiros sistemas de representação que os homens produziram sobre o mundo, e sobre si. As categorias do intelecto como propriedades universais das coisas, ou como molduras sólidas são as “prenoções”<sup>1</sup> – como a “ossatura da inteligência” (Durkheim, 1989:38) sem as quais não podemos pensar sobre objetos no espaço ou no tempo. Também existem noções que não são fixas, e, portanto variam de sociedade para sociedade, talvez sejam as particularidades a que Durkheim, quando se refere ao naturismo, animismo ou outra forma religiosa (1989:32). Bourdieu (1990:152) afirma que “a contribuição maior daquilo que realmente se deve chamar de revolução estruturalista consistiu em aplicar ao mundo social um modo de pensamento relacional [...]”.

O verdadeiro alcance da afirmação de Durkheim sobre as categorias do intelecto se encontrarem naturalmente nas crenças religiosas primitivas, consiste em admitir que a religião seja por excelência do campo social, sendo, portanto, representações coletivas que exprimem a realidade coletiva.

Além das estruturas (objetivas) observadas ou percebidas por Durkheim em relação à religião ser uma representação da ordem social no sistema totêmico australiano, o cientista social deve construir seus objetos de pensamento (por sua vez, portanto) baseado nos “objetos de pensamento construído pelo senso comum dos homens que vivem sua vida cotidiana em seu mundo social” (Bourdieu, 1990:151).

Segundo Pitkin (1979: 8-9) a ideia de representação nem sempre esteve presente na história. Na Grécia antiga, se representavam acontecimentos nos palcos, por vezes alguém era mandado a falar em nome de outro. O termo “*repraesentare*”, de origem romana, ganhou

---

<sup>1</sup> Segundo Bourdieu (1990:151) “o conhecimento científico só é obtido mediante uma ruptura com as representações primeiras – chamadas ‘prenoções’ em Durkheim e ‘ideologia’ em Marx – que conduz às causas inconscientes [...]”.

maior visibilidade através do significado oriundo do latim clássico, significando fazer presente. E assim o termo adentrou a literatura religiosa durante a Idade Média (os religiosos eram considerados representantes de Deus – como imagem e encarnação).

Considerar a comunidade como uma pessoa representativa tornou possível a união de ideias que reúnem o porta-voz e a sua corporificação. Segundo Pitkin (1979:15), “pode-se [...] pensar em representação, não no sentido de agir por outras pessoas, mas no sentido de responder por alguma coisa que está ausente.”

A concepção de representação na semelhança (ou reflexo) descritiva a percepção que devemos ter é de que a ênfase deva se dar sobre uma composição correta da legislatura. Na semelhança descritiva está implícita a ideia de semelhança precisa, “pode ser o ato de responder por algo ausente” (Pitkin, 1979:16).

O simbolismo é um meio de representar algo ou alguém por substituição, mas não necessariamente se assemelhando ao que se quer representar, portanto um símbolo pode não ser tomado como uma fonte de informação, apenas de representação. Se o símbolo tem a capacidade de não ter como referente algo objetivo e semelhante, o que se quer representar pode ser algo existencial. O representante, para Pitkin (1973), assume ares de ator, agente, um delegado, etc., cada termo implica determinadas ordens ou disposições.

Moscovici (2001) argumenta que foi Durkheim quem fixou os contornos do conceito de representação que “lhe concede o direito de explicar os fenômenos mais variados na sociedade (Durkheim, 1968)” (MOSCOVICI, 2001:47). Ainda segundo o autor, as representações coletivas para Durkheim têm por substrato a sociedade em sua totalidade, e as representações individuais têm por substrato a consciência de cada um. Sendo assim, o autor aponta que a função da representação naquele contexto analisado por Durkheim (religião primitiva/sistema totêmico dos aborígenes australianos) seria a de “preservar o vínculo entre eles, prepará-los para pensar e agir de modo uniforme. Ela é coletiva por isso e também porque perdura pelas gerações e exerce uma coerção sobre os indivíduos, traço comum a todos os fatos sociais.” (Moscovici, 2001:47).

O objetivismo teórico de Durkheim torna a noção ou ideia de representação em algo que já é partilhado e reproduzido no coletivo ao qual faz parte.

Durkheim define uma dupla separação da representação social: a coletiva e a individual, mas por insistir tanto na “inteligência única” (Moscovici, 2001:48) acaba confundindo e o classificando como objetivista, ou seja, percebe apenas (ou de maneira mais

evidente), as estruturas objetivas a que Bourdieu (1990:152) se refere (onde se descartam as representações subjetivas dos agentes).

Ao descartar as representações subjetivas, se descarta aquele “germe de delírio” que menciona Moscovici (2001:48), ou seja, se distanciam do caminho seguido pela razão – que seriam as interações dos agentes.

\*\*\*

Tendo como pano de fundo a região platina e mais especificamente a região Sudoeste do Rio Grande do Sul, optou-se por selecionar alguns trabalhos levando-se em consideração aspectos contextuais semelhantes e atuantes dentro das perspectivas dos autores. Além da seleção de alguns trabalhos específicos para análise, optou-se também pela seleção de publicações referentes a áreas do entorno geográfico que mencionam aspectos e conceitos semelhantes ao que foi trabalhado pelo arqueólogo Pedro Augusto Mentz Ribeiro para o sítio da Figueira/Areal, inicialmente.

Portanto, nosso primeiro passo consiste em uma sistematização de algumas pesquisas realizadas no passado, para que desta maneira a nossa compreensão ganhe suporte para uma reinterpretação dos registros de campo do sítio da Figueira, bem como para o entendimento das disposições dos agentes construtores de representações da prática de grupos de humanos da pré-história para o mundo social. Para essa pesquisa trabalharemos com a noção de representação aplicada à tradição arqueológica Vieira, pois há uma insistência pioneira em atribuir uma tradição relacionada a elementos da cultura material encontrada no Areal. Portanto, a representação da visão de mundo tecnológica dos caçadores-coletores pretéritos se faz a partir de uma determinada construção discursiva insistentemente defendida no momento posterior a sua consagração, e que ainda hoje povoa a imaginação acadêmica, em muitos casos, por diferentes vieses teóricos.

A partir dos argumentos que enredam as construções discursivas, uma estrutura real (ou elemento da cultura material) se materializa no mundo social de quem (um agente, ou um grupo de agentes) dá a ordem do discurso, pois este na condição de habilitado possui as condições necessárias e exigidas dentro de um campo científico.

A materialização de uma determinada percepção no mundo social legítima, de antemão a posição do grupo que é responsável pela divulgação dos resultados científicos, que em um ato violento exige o reconhecimento de um fato realizado. As tradições arqueológicas

no Brasil foram enunciadas, como se fossem um “ritual social de linguagem”<sup>2</sup>, que até hoje é partilhado por alguns pesquisadores.

No capítulo 1, teceremos o histórico das pesquisas realizadas no sítio arqueológico da Figueira (ou Areal), de maneira que os aspectos históricos, arqueológicos e geográficos se interconectem. Atualmente, é conhecida por poucos pesquisadores a massiva quantidade de dados oriundos do local e dos elementos que compõem a paisagem e o contexto. Aos que conhecem a história e o histórico do Areal sabem que algo interessante vem acontecendo por aqueles campos desde um período bem antigo de nossa história.

Optamos por realizar, no primeiro capítulo, uma pesquisa que se compõem por uma revisão bibliográfica associada a algumas considerações ao longo do texto. Faz-se necessário também justificar os tópicos construídos, pois estes estão representados em sua maioria por pesquisadores que representam um ponto de inflexão na construção discursiva, que compartilham ideias ou que as tornam cumulativas. Os pontos de inflexão não representam mudanças drásticas de direção, mas desvios com pouca intensidade.

A maneira como a tradição arqueológica Vieira vem sendo proferida pode ser pensada dentro de um sistema de comunicação conhecido não como um objeto, um conceito ou uma ideia, mas como uma forma, uma mensagem ou um modo de significação. Para Roland Barthes (1957), na nossa sociedade atual, um mito é uma fala. Não uma fala qualquer, pois são necessárias condições especiais e específicas para que a linguagem se transforme em mito. A tradição arqueológica Vieira pode ser um mito?

A utilização de conceitos semelhantes para diferentes contextos arqueológicos no tempo e no espaço são algumas das nossas percepções iniciais, as quais são dispostas de maneira pulverizada no texto.

No capítulo 2, objetivamos associar as representações sociais que foram construídas através do entendimento de determinadas categorias por parte dos pesquisadores. Estes por sua vez utilizam categorias e percepções oriundas de outras pesquisas que popularizam determinados conhecimentos, tornando-os verdades fixas. Ao longo do texto são mencionados agentes ou grupos de agentes que constroem representações sobre a cultura material cerâmica conhecida como Vieira.

Mapear esse emaranhado de indivíduos e ideias não é uma das tarefas mais fáceis, porém necessária para adentrar a área em estudo através de uma geografia do pensamento.

---

<sup>2</sup> Maingueneau, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Editora da Unicamp – Pontes, Campinas/SP, 1997.

Conceitos são compartilhados, muitas vezes esvaziam-se de seu significado para preencherem-se novamente em outro contexto. A forma não se desmaterializa, mas o sentido sim. São jogos de ideias, palavras e contextos difíceis de serem assimilados na prática, mas em suas formas teóricas são perfeitas. A nossa questão central no capítulo II perpassa por trabalhos pioneiros importantes como o da historiadora Ítala Basile Becker e o arqueólogo Antonio Serrano, os quais trazem dados históricos não problematizados pelos pesquisadores que os utilizam, e que são oriundos de fontes documentais primárias.

Expor de uma maneira enfática algumas das ideias de Durkheim tem por intuito apresentar metaforicamente a reflexão das construções das categorias sociais pelos primeiros arqueólogos e estudiosos, os quais materializam as suas percepções em forma de nomenclaturas. Estas por sua vez tornam-se estruturas reais para o mundo social e uma linguagem arqueológica.

Alguns artigos científicos foram selecionados a fim de que averiguemos se há uma evidenciação de preenchimento e esvaziamento de argumentos ou até mesmo um abandono deste nos diferentes trabalhos publicados.

No capítulo 3 é apresentada a análise da coleção cerâmica do sítio da Figueira/Areal (Quaraí-RS). Optamos por realizar uma análise que privilegia os agrupamentos de fragmentos cerâmicos considerados por nós como sendo de uma mesma vasilha. O objetivo é pensar o contexto de uma maneira menos compartimentada, extraindo, portanto, percepções a partir de uma visão de conjunto e não apenas individual – aquela que privilegia apenas os atributos dos cacos cerâmicos, respeitando assim a integridade de um determinado grupo humano, ou seja, não o enquadrando dentro de um grupo étnico de antemão. Nossa análise consiste em perceber as vasilhas, dando margem principalmente para a prática dos indivíduos.

Nosso trabalho consiste em pontuar algumas ideias sobre a construção da representação da Tradição Arqueológica Vieira no mundo social científico (anos 60 até o presente), de maneira que as percepções da realidade social do presente (as nossas) se direcionem para as percepções de divisão étnica e tecnológica do universo pré-colonial à que se referiram os construtores da tradição arqueológica Vieira.

No capítulo 4, retomamos os apontamentos e percepções coletadas ao longo da pesquisa a fim de sugerir um enfoque teórico oriundo das preocupações historiográficas da História para a Arqueologia. A indagação relaciona-se com os seguintes questionamentos: Como observar ou perceber a construção dos dados que utilizamos nas nossas pesquisas? De

onde vêm aspectos particulares dos dados (dos vestígios ou das percepções de segunda ordem)?

Objetiva-se analisar os discursos que convergem para a tradição arqueológica Vieira, através da percepção dos elementos que esta engloba. Além disso, a pesquisa não tem por finalidade realizar somente uma análise contextual, mas principalmente, a compreensão de um ponto de vista representacional da visão de mundo, pois somente compreendendo a base das categorias e classificações, bem como as negociações sociais e políticas afirmadas no passado, será possível, no presente, questionar através da pesquisa e produção acadêmica, e não através de especulações ou ofensas ao paradigma que sustentou a Tradição Vieira. A partir da análise discursiva e do consequente entendimento hermenêutico, bem como da percepção das negociações que envolvem disputas de poder dentro de um campo científico, seus porta-vozes, impressos, monopólio de um dado conhecimento e sua eventual publicação que alarga as fronteiras do senso comum, é que serão pensadas e questionadas as representações que ainda hoje estão vigentes.

## CAPÍTULO 1

### 1.1 O sítio arqueológico da Figueira no Areal – Sudoeste do Rio Grande do Sul

O Sudoeste do Rio Grande do Sul foi local de passagem de alguns viajantes e estudiosos durante o século XIX e XX, entre eles, Robert Avé-Lallemant em 1858 (Viagem pela Província do Rio Grande do Sul), e do Padre Balduino Rambo em 1941 e 1944-1945 (Viagens ao Sudoeste do Rio Grande do Sul). A região do Areal não é mencionada especificamente em nenhum dos livros acima citados, porém conforme (AVÉ-LALLEMANT, 1858 apud SUERTEGARAY, 1987:127 apud BELLANCA & SUERTEGARAY, 2003:103), naquele período (século XIX) na região Sudoeste existiam áreas arenizadas, o que nos permite, no entanto, realizar associações de caráter geológico e ambiental.

“A lua um pouco velada, deitava um clarão turvo sobre a região. Subitamente, em torno de nós tudo parecia branco. Crer-se-ia viajar num campo de neve. Em volta, a areia pura, limpa sem nenhuma vegetação, verdadeiro deserto africano de pouca extensão. Dava-me uma impressão particularmente melancólica. Viajamos juntos em silêncio. Encontramos um pequeno lago e tivemos que contorná-lo fazendo um longo arco. Pareciam extintos quaisquer vestígios de vida, qualquer vegetação. Colhera-nos inesperadamente a mais estranha solidão. Tornou-se-me quase penosa a turva noite de luar.” (AVÉ-LALLEMANT, [1858]1980 :322)

Os vestígios materiais dos grupos humanos pretéritos que habitaram a região do Areal são os principais suportes que permitem, no presente, uma representação do estilo de vida, tecnologias, e outros aspectos daquelas populações.

Foi somente a partir dos anos oitenta (1980) que a região do Areal, em Quaraí, começou a receber pesquisas de caráter arqueológico e geográfico.

O sítio da Figueira localiza-se a aproximadamente onze quilômetros da fronteira entre Brasil e Uruguai, no município de Quaraí/RS, e representa uma das concentrações de vestígios materiais de grupos humanos pretéritos, dentro de uma ampla área denominada pelo arqueólogo Mentz Ribeiro (1994:200) como Complexo do Areal. Segundo KERN (1981), o termo “complexo” era utilizado, seguindo-se a metodologia do PRONAPA, para designar locais que possuem diferentes indústrias líticas e cerâmicas.

Ribeiro realizou coletas assistemáticas de material lítico e cerâmico. As coleções de materiais arqueológicos foram inseridas no acervo do CEPA-UNISC, e receberam análises e interpretação.

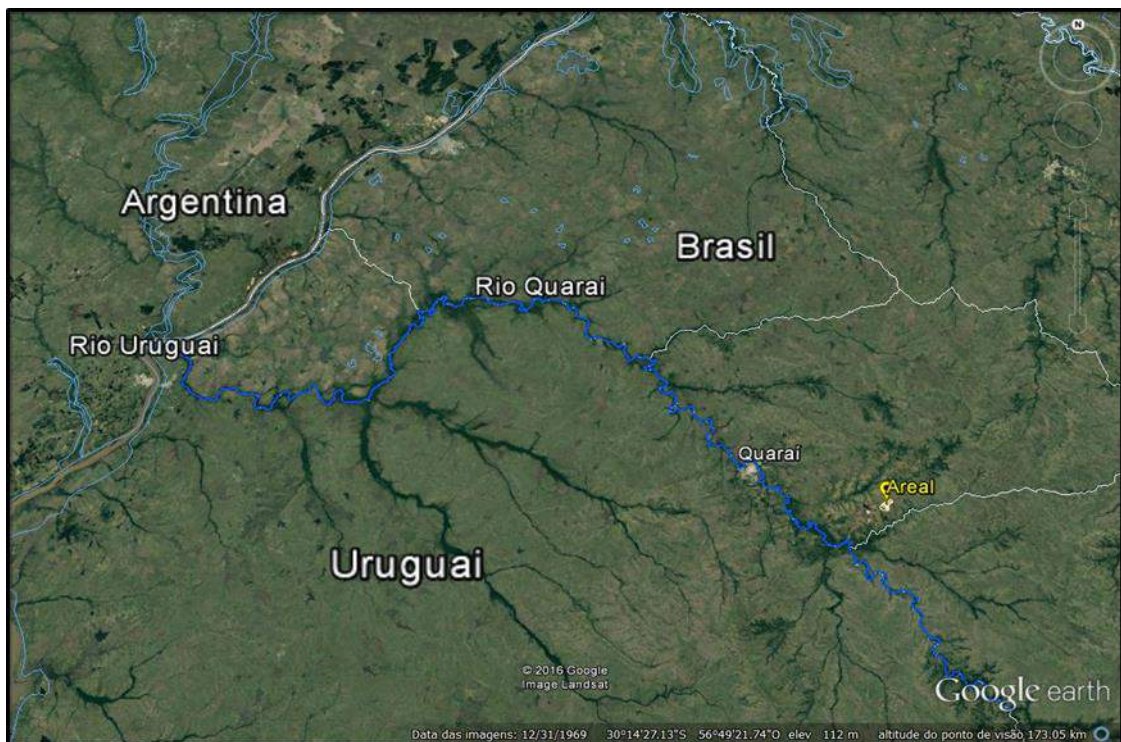


**Figura 1. Localização do município de Quaraí – Sudoeste do Rio Grande do Sul (Brasil), e fronteiras com Argentina e Uruguai.**



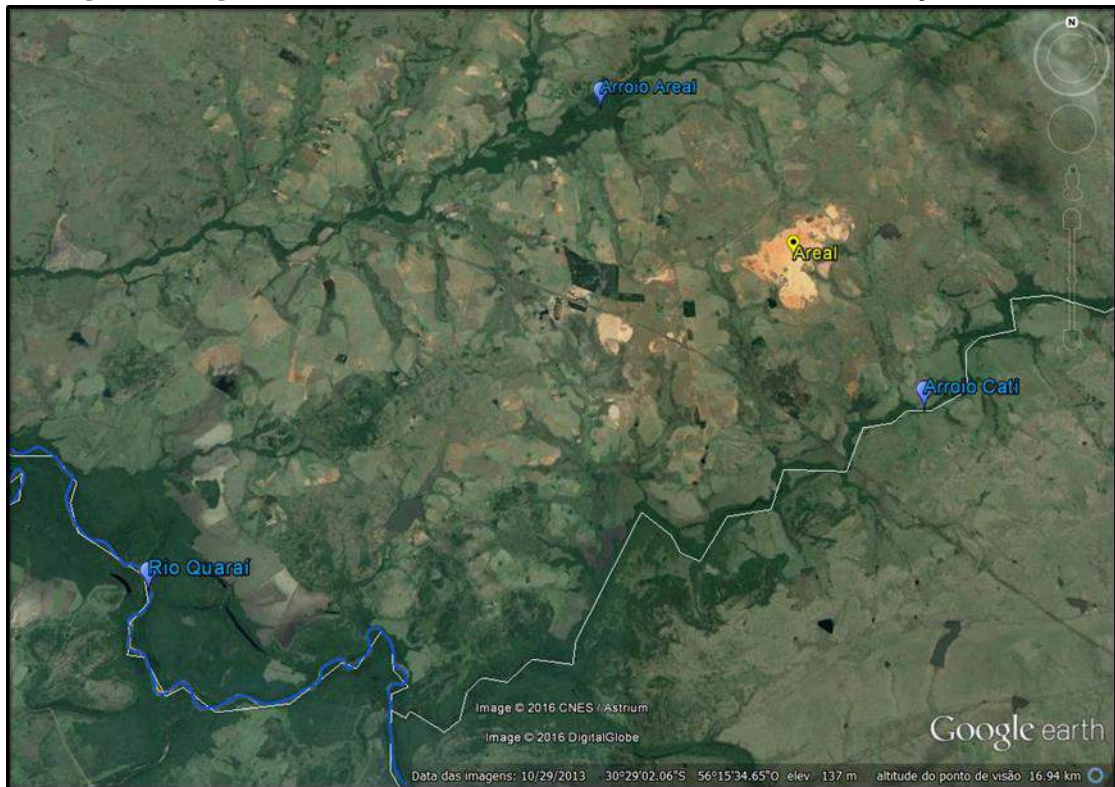
Fonte: <http://www.quarai.rs.gov.br/> acessada em 12/08/2016 às 11h e 29min.

**Figura 2. Imagem de satélite com a localização do Areal de Quaraí. No detalhe o rio Quaraí afluente do rio Uruguai.**



Fonte: Google Earth. Imagens editadas pela autora. Ver também mapa em Apêndices.

**Figura 3. Imagem de satélite da mostrando dos arroios Cati e Areal em relação ao Areal.**



Fonte: Google Earth. Imagens editadas pela autora.

**Figura 4 Sítio Arqueológico do Areal – Quaraí/RS, à direita em último plano à direita, o Cerro da Panela.**



Foto acervo pessoal: Vanessa Milder (Junho/2014).

Segundo as interpretações de Mentz Ribeiro (1994), as cerâmicas coletadas no sítio da Figueira por ele e sua equipe pertencem a Tradição Vieira ou pertencem à fase Ibirapuitã. A fase Ibirapuitã foi definida por Eurico Miller em 1969, já a Tradição Vieira foi definida por. Assim, acreditamos ser necessário compreender o que os arqueólogos que definiram as tradições e fases (Tradição Vieira e fase Ibirapuitã) perceberam na cultura material associado às variáveis, seja ao ambiente ou a outras categorias consideradas relevantes na época, a fim de avaliar uma nova possível interpretação ou complementação aos estudos iniciados pelos pioneiros na região do Areal de Quaraí-RS, pois as definições e conceitos são insuficientes diante do contexto arqueológico revelado no sítio em estudo, carecendo portanto, de inúmeras revisões e pesquisas.

## **1.2 O Complexo Itaqui e sua relação com o Complexo Areal**

Miller realizou pesquisas no extremo oeste do Rio Grande do Sul em 1968, nas regiões circundantes dos rios Ibicuí-Uruguaí e Ibirapuitã-Ibicuí, onde foram localizados 81 sítios arqueológicos de campo aberto. Ficou estabelecido para a região em questão (Missões e Campanha), duas fases arqueológicas cerâmicas (Ibirapuitã e Icamaquã).

Segundo Miller (1969b: 16 e 17), a fase Ibirapuitã é representada por oito sítios e está filiada ao Complexo Itaqui, porém foi considerada mais antiga que a fase Icamaquã da Tradição Tupiguarani.

A cerâmica encontrada nos sítios estava concentrada em pouquíssimos focos (um a três). Um importante dado é colocado pelo pesquisador, sobre as evidências de “restos de enterramentos [...] sob matacões, acompanhados por pequenos potes fragmentados.” (MILLER, 1969b: 17)<sup>3</sup>.

Embora se tenha definido que a técnica de manufatura da cerâmica da fase Ibirapuitã é o acordelado e que a técnica de manufatura definida para a coleção cerâmica coletada por Mentz Ribeiro (Areal) e sua equipe nos anos 80, seja modelada, os pesquisadores aproximam através de semelhanças os fragmentos cerâmicos dos distintos sítios arqueológicos em que pesquisaram.

Os sítios arqueológicos onde houve ocorrência da cerâmica da fase Ibirapuitã estão localizados próximos ao rio Ibicuí, em terrenos com gramado junto a banhados e em dunas de areias argilosas móveis.

---

<sup>3</sup> Trabalharemos com esse dado no quarto capítulo dessa pesquisa.



A fase Icamaquã é representada por doze sítios de tradição Tupiguarani com técnica de manufatura acordelada, decoração pintada policroma com linhas vermelhas ou pretas sobre engobo branco ou vermelho, e decorações plásticas corrugada, ungulada, escovada e serrungulada. Pertencente a Tradição Tupiguarani, as cerâmicas da fase Icamaquã foram localizadas no trecho do rio Uruguai (barrancas), associado às matas de galeria, não tendo ocorrência nos trechos pesquisados próximos ao rio Ibicuí.

**Quadro 1. Categorias observadas que definem a fase Icamaquã (Cerâmica).**

Fase Icamaquã (Tradição Tupiguarani)	
Método de Manufatura	Roletes sobrepostos (acordelado)
Tempero (antiplástico)	Hematita, areia, quartzo (de textura média a compacta)
Decoração pintada	Policroma (linhas vermelhas e pretas). Engobo branco e vermelho.
Decoração plástica	Corrugado, corrugado-ungulado, ungulado, escovado, serrungulado

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados de MILLER, 1969b.

**Quadro 2. Categorias observadas que definem a fase Ibirapuitã (Cerâmica).**

Fase Ibirapuitã (afiliada ao Complexo Itaqui)	
Método de Manufatura	Roletes sobrepostos (acordelado)
Tempero (antiplástico)	Areia fina, grãos de hematita e quartzo até 6mm.
Decoração plástica	Pontado em linha e irregular; inciso (com lábio entalhado ou não)

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados de MILLER, 1969b.

A fase Ibirapuitã, foi considerada *sui generis* por Miller (1969b), pois é “uma fase ceramista que comporta pontas-de-projétil em pedra lascada, sendo restrita ao meio ecológico campesino” (MILLER, 1969b:18-19).

O material lítico foi considerado semelhante às indústrias Altoparanaense e Cuareimense e, além disso, a região está em uma localização intermediária à estas indústrias. O Complexo Itaqui foi considerado o “elo entre o Altoparanaense de hábitos florestais, ao

norte, e o Cuareimense de hábitos campesinos ao sul.” (MILLER, 1969b:19). Além disso, para o autor a influência do Complexo Itaquí teria atingido as populações (culturas pré-cerâmicas) que se localizavam ao longo dos rios Ibicuí-Jacuí.

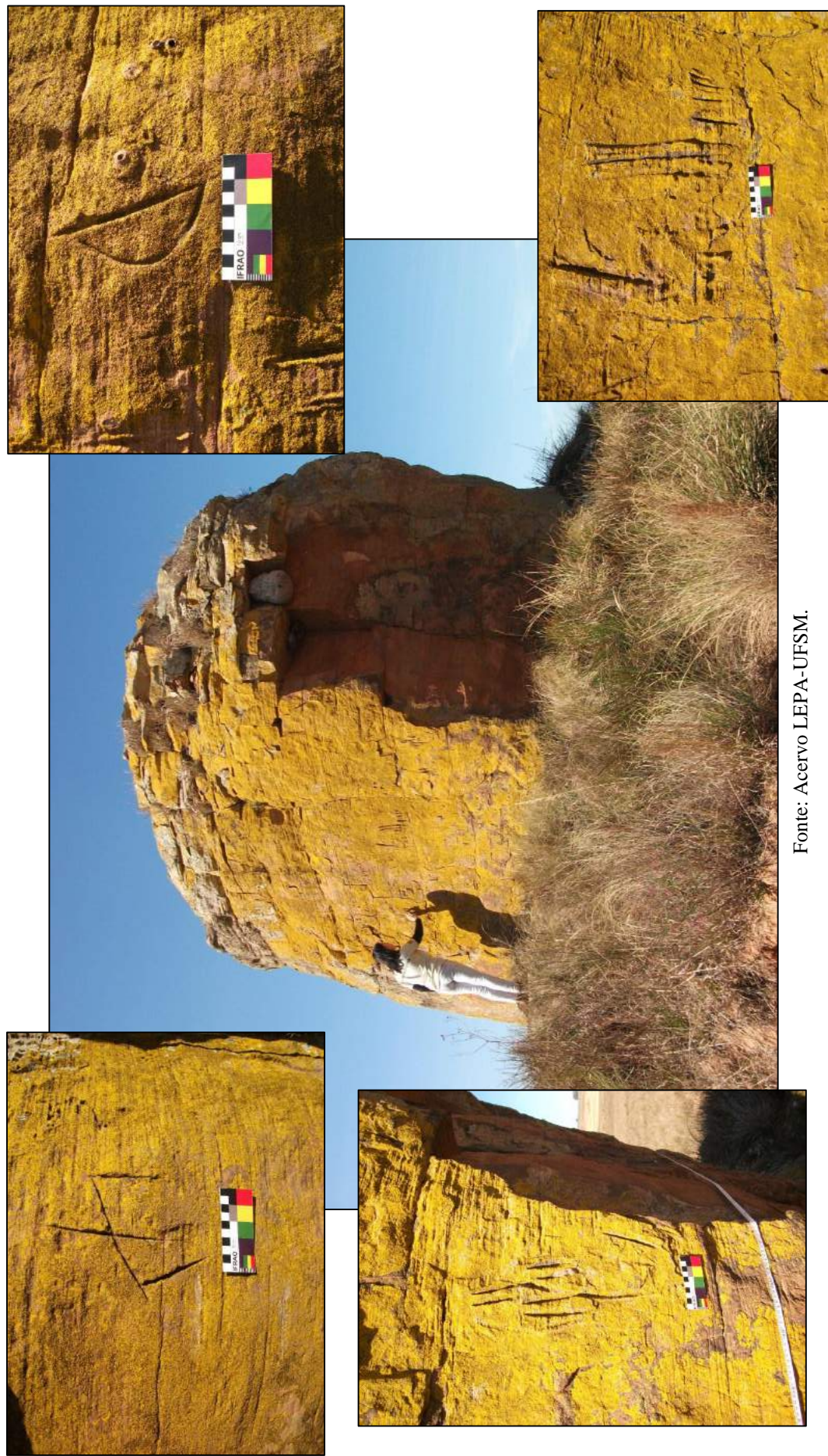
A região do Areal no município de Quaraí é caracterizada por sofrer processos de degradação no solo, ocasionando a presença de grandes extensões de areais e/ou focos de arenização. O sítio da Figueira<sup>4</sup> inserido no Complexo do Areal em Quaraí foi referenciado pelo arqueólogo Mentz Ribeiro nos “Levantamentos Arqueológicos da região do Areal, Quaraí, RS”. Segundo Ribeiro (1994), a área recebeu visitas com objetivos de pesquisas a partir de 1982 até 1992, período em que os sítios em processo de erosão eólica foram descobertos. Milder (2000:145) refere-se a estes sítios como “em afloramento de arenito Botucatu remobilizado”. Algumas dessas áreas possuem um arenito com uma “silicificação pobre” causando um processo de arenização.

Mentz Ribeiro registrou alguns sítios ou concentrações de materiais arqueológicos junto aos petróglifos (ver Figura 5), que segundo ele possuem as mesmas “características culturais”. Utilizando uma metodologia que consistiu na demarcação de áreas para uma coleta sistemática, bem como para uma coleta assistemática fora destas áreas, os pesquisadores do CEPA/UNISC, realizaram a primeira intervenção, onde buscaram coletar apenas “as peças que mostravam sinais de trabalho [...] os implementos” (RIBEIRO; FÉRIS; HERBET, 1994:194).

---

<sup>4</sup> Milder (1999) revisita a região do Areal/Quaraí para um levantamento de dados sobre sítios de caçadores-coletores, que inicialmente foram pesquisados por Mentz Ribeiro, entre os anos de 1982 e 1992. Mentz Ribeiro localizou sítios erodidos e os petróglifos. O sítio da Figueira foi uma área dentro do Complexo do Areal, que recebeu uma delimitação por apresentar concentrações de materiais arqueológicos (líticos e cerâmicos), e uma malha de quadriculagem para coleta e organização dos dados espaciais.

Figura 5. Sítio arqueológico Areal-Quarai/RS. No detalhe, gravuras rupestres mencionadas pelo arqueólogo Mentz Ribeiro.



Fonte: Acervo LEPA-UFSM.

Da intervenção realizada por Mentz Ribeiro, foram analisados os materiais líticos, e 249 fragmentos cerâmicos, que foram descritos no “Levantamento Arqueológico da região do Areal, Quaraí, RS” em 1994 (MENTZ RIBEIRO, SOLOVY FÉRIS e HERBERTS). A análise cerâmica foi realizada de acordo com a “Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica (1966, 1969 e 1976)”.

Ribeiro, após a análise da cerâmica do Areal a comparou com a cerâmica encontrada por Antonio Taddei (1987), em dez sítios de campo aberto no noroeste do Uruguai. A cerâmica encontrada por Taddei aparecia isolada e era escassa nos sítios arqueológicos, esse foi um dos motivos que levou Ribeiro (1994) a comparar os contextos arqueológicos que se revelavam tanto no SW do RS na região do Areal, e áreas do Uruguai, mesmo assim Ribeiro menciona que a “única cerâmica comparável e mais próxima da sua (cerâmica do sítio Areal) <sup>5</sup>é a fase Ibirapuitã” (MILLER, 1969 apud RIBEIRO, 1994:199). O lítico da fase Ibirapuitã também recebeu uma comparação com o lítico encontrado na região do Areal.

A cerâmica do Areal encontrada nesse primeiro momento interventivo é comparada a cerâmica *Ibicueña*, a cerâmica Charrua, descrita em Antonio Serrano (1963). Sobre a fase Ibirapuitã, os pesquisadores afirmam que as semelhanças entre os fragmentos cerâmicos seriam as formas, a coloração e o tipo de antiplástico. Quanto a decoração plástica, os autores afirmam que a cerâmica do Areal, por encontrar-se muito erodida não forneceu dados para a comparação com os fragmentos cerâmicos da fase Ibirapuitã.

Quanto ao ambiente físico, os autores afirmam que há semelhanças entre os sítios arqueológicos, pois onde se encontrou a cerâmica da fase Ibirapuitã (próximo ao rio Ibicuí) existem dunas de areias argilosas, como ocorre na região do Areal.

A comparação com a cerâmica da Tradição Vieira foi realizada de acordo com a espessura dos grãos de antiplástico (hematita e quartzo), cozimento na face externa, lábios, contornos, perfurações para suspensão e decorações. As cerâmicas da Tradição Vieira e as encontradas no Areal foram comparadas e se chegou à conclusão de que suas manufaturas eram semelhantes (modelada), sendo que apenas alguns fragmentos possuem a técnica de acordelamento.

Ribeiro (1994) chega à conclusão que os materiais e evidências que foram descobertos na região do Areal de Quaraí são comparáveis aos da Tradição Umbu

---

<sup>5</sup> Observação da autora.

(petróglifos), Catalanense, Quaraense (líticos) e para a cerâmica a fase Ibirapuitã, podendo então o local ter sido ocupado por “Tradições diferente” (Ribeiro, 1994:199) ao longo do tempo. É mencionado que o local poderia apresentar uma única tradição cultural bem localizada (regional ou local) que não foi registrada em outra região do RS. Questões sobre aculturação e adaptação são recorrentes na interpretação desses pioneiros pesquisadores da região.

Devido à complexidade que o material apresentou e também ao contexto arqueológico “erodido”, foi definido que a indústria do Areal deve ser tratada como um Complexo (Ribeiro, 1994:200), “com características que se aproximam do Catalanense e Quaraense [...] pedras lenticulares identificáveis como da Tradição Umbu e cerâmica, adoção desta última Tradição, seja através da fase Ibirapuitã, seja da Tradição Vieira”.

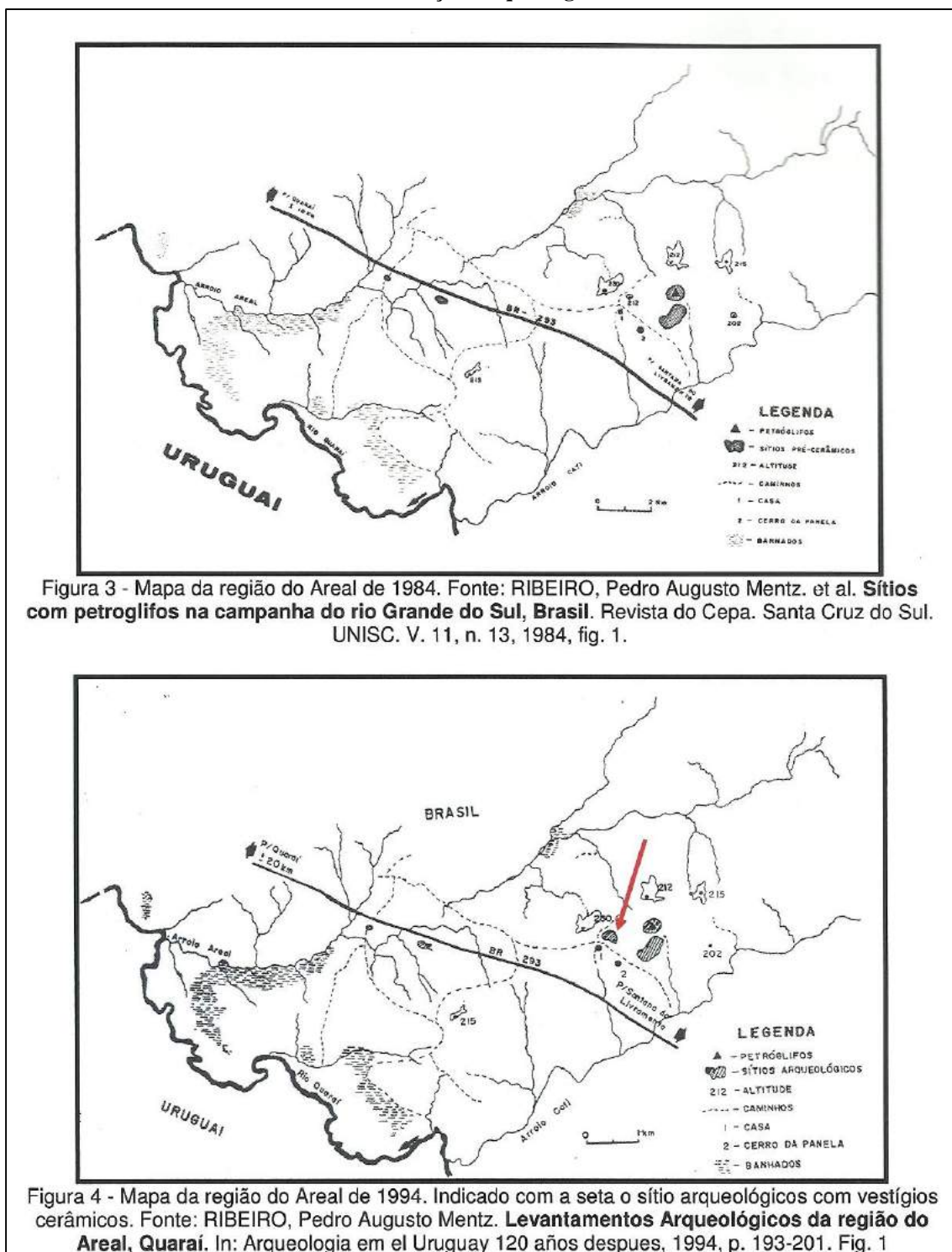
Ainda segundo Ribeiro, a cerâmica do Areal, sendo da fase Ibirapuitã ou da Tradição Vieira, trata-se de uma adoção “dos grupos caçadores-coletores portadores de pontas de projétil líticas, bolas de boleadeiras, lenticulares [...] (Tradição Umbu)”. (Ribeiro, 1994: 200).

Como se percebe, na primeira interpretação sobre o Complexo do Areal, pensou-se em uma diacronia, que é prejudicada pelo processo de arenização que a área sofre.

Em 1984, quando Mentz Ribeiro e Soloviy Feris apresentam “Sítios com Petróglifos na Campanha do Rio Grande do Sul, Brasil”, os autores mencionam o Complexo Itaqui, definido por Miller (no vale do Ibicuí e Uruguai), descrevendo o material lítico desse Complexo na região da campanha do RS, justificando assim a conclusão que recai sobre as características do material lítico, sobre o fato de não encontrarem algo no território brasileiro que se assemelhe ao material encontrado no Areal, mas que na República do Uruguai as semelhanças entre os materiais arqueológicos seriam mais próximas, como é o caso das indústrias Catalanense e Quaraense. (Ribeiro, 1984).



Figura 6. Mapa das regiões do Areal/Quaraí onde Mentz Ribeiro (1984, 1994) realizou intervenções arqueológicas.



Fonte: Marion, 2007:17 (Um sítio arqueológico em meio aos areais de Quaraí/RS: uma proposta de interpretação espacial) – Monografia de Graduação/UFSM.

Em1999, a equipe do LEPA/UFSM realizou uma intervenção no Complexo do Areal, onde ocorreu uma plotagem em uma área de 96 m. x 84 m., que recebeu uma malha de quadriculagem resultando assim, em uma coleta de concentrações de materiais

arqueológicos por quadrantes, estes receberam um número individual em um plano cartesiano (ver Anexo B). (MILDER, 2000).

Milder (2000) menciona que a cerâmica encontrada no sítio da Figueira foi até agora atribuída “aos caçadores-coletores pampeanos com cerâmica incipiente (Charruas e Minuanos). Muito embora tenhamos uma opinião clara sobre os sítios superficiais [...] como é o caso da Argentina onde as discussões também são pertinentes.” (MILDER, 2000:146).

**Figura 7. Sítio da Figueira, onde Milder (2000) coletou cerâmica [Waypoint 31 da tabela de Waypoints], coordenada UTM 21J 0574614 6630007.**



Fonte da informação e imagem: Diário de Campo da prospecção no Areal, Quaraí-RS (2003) e Acervo LEPA (UFSM).

Segundo as informações do diário de campo, as áreas prospectadas em 2003 correspondem às mesmas áreas onde Milder (1999-2000) realizou intervenções. As cerâmicas analisadas nessa pesquisa foram coletadas no ano de 1999, no sítio da Figueira. Portanto, os registros e informações do diário de campo de 2003 são considerados de extrema relevância, pois representam além de uma fonte de dados na presente pesquisa, as percepções dos arqueólogos que estudaram os aspectos do sítio da Figueira, já que as fotos estão acompanhadas de observações *in loco*, de caráter interpretativo oriundo do ponto de vista dos pesquisadores. Os dados de campo referente à coleta realizada em 1999 podem apenas ser acessados através da

interpretação e informações em Milder (2000) e Jardim (2003), pois não existe diário de campo com os detalhes da intervenção.

Relacionando os dados do GPS e das imagens capturadas em campo de ambas as intervenções, podemos observar através da inserção das UTM's no Google Earth, o local aproximado da coleta de 1999, bem como inferir o local de coleta escolhido pelo arqueólogo Mentz Ribeiro, ou seja, o mesmo local.

Registrados como Perfil 1,2 e 3, as amostras de sedimentos coletadas na intervenção de campo nos conduzem a compreensão da metodologia e da relação entre os dados, pois estes perfis foram registrados no diário de campo (2003) com localização nas proximidades do local da coleta cerâmica em 1999. O *Waypoint* 096 georeferencia os perfis 1, 2 e 3, já o *Waypoint* 098 (UTM: 21J 0574629 6629989) e 031(UTM: 21J 0574614 6630007) indicam, segundo os registros, o local exato onde foram coletadas as cerâmicas no ano de 1999.

**Tabela 1. Síntese das informações encontradas sobre a cerâmica do Areal.**

<b>Informações referentes às Cerâmicas do Areal / Diário de Campo 2003</b>				
	<b>Estrutura Georeferenciada</b>	<b>UTM</b>	<b>Foto</b>	<b>Legenda</b>
<i>Waypoint</i>				
	Local onde Milder 2000 coletou cerâmica Wp 031.			
<b>Wp 031</b>		<b>21J</b> 0574614 6630007	Foto 03	Figueira, área da cerâmica. (Legenda no verso da foto 03).
<b>Wp 096</b>	Perfis 1, 2 e 3	<b>21J</b> 0574626 6629996	Imagem (foto) não identificada.	Perfil “perto da cerâmica”: (Legenda no Wp 096 do diário de campo).
<b>Wp 098</b>	Cerâmica	<b>21J</b> 0574629 6629989	Imagem (foto) não identificada.	Cerâmica: (Legenda no Wp 098 do diário de campo).

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados do Diário de Campo da Intervenção de 2003 do sítio arqueológico Areal, Quaraí, RS. Acervo LEPA-UFSM.

**Figura 8. UTM's lançadas no Google Earth e cálculo aproximado da distância (1,19Km) entre o local de coleta das cerâmicas e do Monolito com gravuras rupestres.**



Fonte: Google Earth. Imagem editada pela autora.

Segundo os dados do Diário de Campo de 2003, os registros fotográficos aliados aos dados do GPS ajudam a delimitar os sítios arqueológicos, bem como supor os diferentes tipos de sítios arqueológicos e suas relações com a paisagem.

Na coleção cerâmica do sítio da Figueira (LEPA/UFSM) constam 599 fragmentos, dos quais apenas treze bordas foram contempladas durante a primeira etapa analítica, sendo estes fragmentos considerados oriundos do “Cerrito do Areal” (sítio da Figueira), onde já podemos observar uma primeira afirmação conflituosa em relação ao contexto arqueológico que foi interpretado devido a uma possível filiação à Tradição Arqueológica Vieira, referente à cerâmica. Tratar o sítio da Figueira como sendo um sítio arqueológico do tipo “cerrito” e sua cultura material cerâmica filiada à Tradição Vieira fragiliza e condiciona a revelação da materialidade, ou seja, de antemão enquadra-se a cerâmica dentro de construções pré-definidas, não permitindo ao pesquisador na atualidade agir hermeneuticamente dentro da perspectiva de *agency*, seja esta pensada entre os indivíduos pretéritos que utilizaram as cerâmicas, ou entre os próprios arqueólogos e a cultura material no presente.

### 1.3 As interpretações para o sítio cerâmico do Areal

Jardim (2003) afirma categoricamente na introdução de sua monografia de especialização que a análise objetivada para o sítio Areal naquela produção recai sobre a relação ao modo de vida do caçador-coletor platino, “com intuito de estabelecer a conexão de elementos etnográficos, a espacialidade dos artefatos do sítio e aspectos climáticos”. Reconhecendo a ausência de certos dados como datações e sedimentos, Jardim (2003:5) aspira a construção de um modelo interpretativo para o sítio do Areal/Quaraí-RS.

O tratamento inicial dado por Jardim (2003), para a cerâmica e o lítico consiste em reconhecê-los como elementos **espaciais**, os quais proporcionariam “inferências sócio-econômicas” (Jardim, 2003:5). Jardim (2003) utiliza um argumento/definição retirado do Dicionário de Ciências Sociais (Silva/1986) para o termo “tribo”, o qual permeia o pensamento do autor para os aspectos do(s) grupo(s) de humanos que habitaram a região do Areal no passado. A partir do aspecto material deixado pelos grupos de caçadores-coletores, Jardim (2003) crê na construção de uma realidade pretérita.

Baseado em dados etnográficos não referenciados, Jardim (2003:6) afirma que “a presença masculina assumia o papel de destaque”, em assentamentos pretéritos, do tipo acampamento. Ainda que a dinâmica dos modos de ser dos grupos estivesse sujeita a variáveis, mas mediadas pela “relação social convencionada” (Jardim, 2003:6). Afirmar que no passado existia uma relação social convencionada e, a partir deste argumento, restringir hipóteses é assumir que já sabemos a direção da resposta para a pesquisa. O questionamento sobre a profundidade dos conceitos e representações utilizadas pelo autor assume uma postura hermética, unilinear e aparentemente manipulada pelo capital cultural acumulado, o que não representa nenhuma novidade, pois os nossos conhecimentos são acumulados em sua grande parte. O autor não se preocupa em referenciar algumas afirmações perturbadoras que afrouxam a pesquisa, **deixando margem para a percepção do contexto das construções textuais e discursivas que se utilizam de um conhecimento não problematizado.**

O trabalho de Jardim (2003) consiste em observar a variabilidade interna do sítio do Areal, com atenção aos aspectos das relações sociais das sociedades que utilizaram o espaço no passado.

Assumindo uma postura de pré-reconhecimento étnico do grupo que habitou a região do Areal, Jardim (2003) acredita no comprometimento dos aspectos gerais da cultura Charrua, ao mesmo tempo em que se utiliza das construções discursivas produzidas no século XVI, a partir das quais estruturará, mesmo que baseado em representações de segunda ordem, um modelo interpretativo para o sítio.

Apesar de reconhecer a fragilidade discursiva das fontes documentais, Jardim (2003) argumenta sobre a descrença da arqueologia nestas. Ora, se os dados retirados dos documentos foram utilizados por Jardim antes mesmo da sua construção textual, sem críticas e sem questionamentos, não vejo motivos para críticas à descrença da arqueologia, uma vez que o autor já assume, de antemão um caráter étnico para o grupo que habitou o Areal.

Jardim (2003), ao utilizar a argumentação de Luis F. Bate (1990), trabalha com a noção de confiabilidade argumental e o conceito de modo de vida no que se refere às interpretações realizadas pelos primeiros pesquisadores da cultura material no território sul-americano. Segundo esta noção, o autor busca trazer a antiga discussão sobre a problemática dos estudos arqueológicos concernentes à “ciência classificatória orientada para o estabelecimento de sequências cronológicas e culturais” (Jardim, 2003:9), e salientar a diversidade cultural (tradições, segundo ele), já que de certo modo as culturas eram interpretadas quase que sem distinção (Jardim, 2003).

As imprecisões etnográficas também fazem parte da gama de preocupações que Jardim (2003) salienta em seu discurso, referindo-se aos relatos do século XVI para a região em questão (região Platina), apesar da afirmação um tanto contraditória, quando se apropria de informações oriundas de um capital cultural acumulado não problematizado, como, por exemplo, a atribuição de uma etnia (a Charrua) para os antigos habitantes do sítio do Areal, em um período anterior e recente à chegada de ibéricos no Prata.

Segundo Jardim (2003:9), a partir de 10.000 A.P “o homem já se encontrava em todos os recantos do planeta e até o século XVI, onde o grupo em estudo estava em seus últimos momentos de vida genuinamente intocada pelo avassalador empreendimento mercantil europeu”.

Um dos fatores a serem problematizados na afirmação de Jardim seria a questão da utilização e compreensão dos conceitos “intocado” e “avassalador”, pois colocados da maneira que o foram, no primeiro caso, implica uma certeza muito grande sobre a não interação do grupo que vivera na região do Areal com outros grupos de indivíduos,



questão que vem sendo debatida na arqueologia da região platina por vários arqueólogos, e no segundo caso radicaliza discursivamente uma posição particular do autor, embora o processo possa ter sido avassalador do ponto de vista indigenista, o conceito é utilizado de um ponto de vista da antropologia. O sentido do termo “avassalador” é seguramente o sentimento do grupo pretérito em questão? É no mínimo complicado afirmar questões deste teor conceitual. O autor pretende contextualizar de forma mais segura, determinar informações e buscar regularidades do processo social dos povos que habitaram o local.

Jardim (2003) examina a economia Charrua, segundo suas determinações, e conclui que esta sociedade é a primeira a obter um desenvolvimento, pois segundo ideias lançadas por cronistas ou viajantes no século XVI, a etnia Charrua não produzia uma quantidade de bens de consumo, que dentro da lógica de Jardim seria pelo fato de estes grupos desejarem pouco.

Os Charruas, segundo o autor, diferenciavam-se devido ao seu modo de vida que seria permeado por abundância material, adaptação de utensílios e matérias primas disponíveis na natureza. Além disso, o autor faz menção a divisão do trabalho, à partilha de alimentos, mobilidade grupal, quantidade de instrumentos em suas cargas.

Assim, Jardim (2003) afirma que no sítio do Areal ocorreu uma economia pré-agrícola com uma adaptação bem sucedida.

Uma das justificativas de Jardim (2003) para a confirmação étnica Charrua estaria em uma possível conexão, percebida pelo autor, para o sítio do Areal está em uma passagem do livro de Serafim Cordero, “*Síntesis Etnográfica e Arqueológica del Uruguay*” de 1960, “*Los Charruas instalaban su habitat sobre la superficie, com preferencia en los arenales de las costas de los ríos y del mar, especificamente en la confluência de los mismos.*” (CORDERO, 1960:235 apud JARDIM, 2003:34).

Sobre a **cerâmica** do sítio do Areal, Jardim dá uma abordagem de caráter econômico, ao afirmar sobre a alimentação Charrua, em uma conexão entre dados etnográficos e arqueológicos, ele afirma o caráter funcional para cozimento de alimentos.

O autor ainda afirma que a escala social e o número de indivíduos do grupo que habitou o Areal determinará se o sítio recebeu várias ocupações.

Jardim (2003) pretende realizar uma abordagem que privilegie o comportamento humano frente às estruturas do sítio, sua disposição e organização social. O autor afirma

a filiação cultural dos artefatos líticos encontrados e coletados no sítio do Areal, como sendo de grupos caçadores-coletores.

Em relação às **cerâmicas**, Jardim atribui a filiação cultural à Tradição Vieira, argumentando assim que os vasilhames tenham sido confeccionados “de uma maneira muito rudimentar e com a presença de antiplástico muito pronunciado” (Jardim, 2003:49).

As concentrações de cerâmicas e estruturas de combustão constituem juntamente com as áreas de refugio e lascamentos, as estruturas do sítio do Areal (MILDER, 2000:144 apud JARDIM, 2003:51).

Baseado na noção de estrutura, que para o autor designa “os elementos estáveis de um sistema de oposição a elementos variáveis”, ele busca privilegiar o que foi interpretado como uma rede de aspectos sociais do sítios, devido ao encontro de pedras termóforas e cerâmicas, evidência que, para o autor, sugere que naquele local, houvera relações sociais “comprovadas pela empiria arqueológica” (Jardim, 2003:52).

Para Jardim (2003), o contato de indígenas com europeus na região do Prata, as relações sociais assumem um caráter conjuntural, um processo em transformação. O conceito de estrutura, para o autor é empregado enquanto fenômenos que possuem códigos formais.

O autor através da descrição de costumes e hábitos dos grupos Charruas, retirados de fontes etnográficas e/ou etnohistóricas, e de compilações de autores pioneiros que repetem os argumentos e discurso de viajantes, missionários ou cronistas, crê em uma reconstrução de fatos históricos.

Para a cerâmica, o autor utiliza o subsistema tecnoeconômico, sugerido por Kaplan e Manners (1975), no livro Teoria da Cultura. Para ele, esse subsistema “[...] é a reunião de fatos técnicos (termóforas e cerâmicas) ocorridos na análise anacrônica de um sítio arqueológico [...]” (Jardim, 2003:55).

A partir da abordagem tecnoeconômica, o autor expõe algumas peculiaridades sobre a plotagem da Unidade 289, composta por materiais líticos, cerâmicas e termóforas. Esse contexto precisava, segundo as intenções do autor, receber uma determinação funcional dentro do sítio, pois o seu objetivo foi construir um modelo interpretativo do assentamento Charrua.

“As unidades passaram a ser denominadas de Unidades Sócio-Produtivas, que são unidades mediadas por processos de interação social que fundamentam-se a partir de vestígios tecnológicos (cultura material) em um ambiente contextual. Essas unidades sócio-produtivas tem como elementos de funcionamento os subsistemas



tecnoeconômico e sóciopolíticos onde a pesquisa histórica e etnográfica encontram uma perspectiva descritiva dos fatos e a análise sociológica, passível de interpretação, pois encontra um sentido nomotético, ligada a construção de um modelo interpretativo do sítio, onde busca amparo nas relações sociais estabelecidas no passado é evidenciada através de dados etnográficos de europeus.” (Jardim, 2003:57)

Para o autor, foi através de um artifício estruturalmente científico e heurístico dos dados o que possibilitou uma aproximação da realidade contextual para a elaboração de um modelo interpretativo, baseada na empiria arqueológica e nas primeiras etnografias. A realidade na qual Jardim (2003) baseia-se e crê é convencionalizada através de uma normativa sobre a dispersão espacial da cultura material plotada.

Embora o autor esteja preocupado com a dispersão do material arqueológico e a funcionalidade locacional das concentrações de evidências, acreditamos que os contextos foram pouco explorados, pois levou-se em consideração dois argumentos rígidos, antes da análise e percepção da cultura material em si, principalmente para a cerâmica, objeto de nosso trabalho aqui.

O primeiro argumento diz respeito à caracterização étnica dos grupos Charruas e sua extensa e maçante descrição. Não há um questionamento sobre os indivíduos que habitaram ou utilizaram o espaço territorial, no passado, do sítio do Areal/Quaraí. A realidade parece ser um objetivo constante do autor, para isso ele busca estruturas objetivas para fechar seu modelo interpretativo.

Não queremos ser totalmente contrários a abordagem de Jardim (2003), pois, como trabalhamos com um contexto fragmentado, as hipóteses devem ser levadas em consideração.

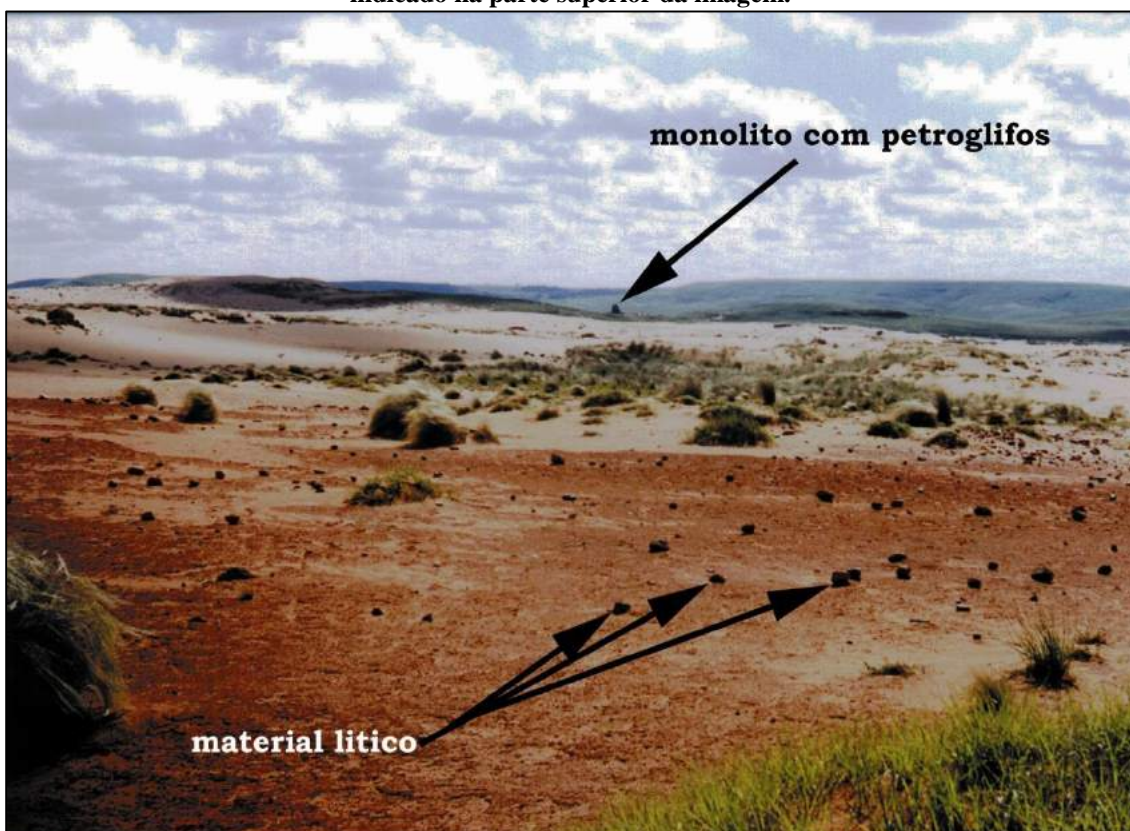
O segundo argumento de Jardim (2003), totalmente inquestionável por ele, seria a abordagem tecnoeconômica dada às cerâmicas e às termóforas. O autor em nenhum momento de sua construção discursiva trabalha com a possibilidade de que as cerâmicas possuam um caráter ritual, ou mesmo do local como sendo de caráter ritualístico, de adoração, ou de qualquer esfera memorialística ou monumental para o grupo ou grupos que frequentaram a região do Areal no passado, apesar de afirmar algumas vezes a intenção de observar a materialidade, esta não foi contemplada de uma maneira intrinsecamente revelativa. É nessa esfera que pretendemos adentrar.

Jardim (2003) se utiliza da analogia entre dados etnográficos e arqueológicos para pensar o Areal:

“O sítio compreender um espaço de 7.200 m<sup>2</sup>, encontrando uma correspondência muito grande com alguns dados etnográficos, seja na proximidade do sítio com rios ou em sua localização de meia encosta, permitindo para os charruas uma ampla visibilidade, evitando dessa forma alguma surpresa externa.” (Jardim, 2003:58).

O autor ainda explica a metodologia aplicada durante a etapa interventiva ao sítio do Areal/Quaraí, que consistiu em uma planimetria bidimensional, dispostas por dois eixos cartesianos (X e Y), bem como uma divisão por Quadrantes (1, 2, 3 e 4). Assim obtiveram-se as medidas relacionadas pelo X e pelo Y, dentro da área determinada do sítio, bem como a localização das concentrações ou peças individuais dentro dos quadrantes, resultando em uma visualização espacial da dispersão da cultura material, associada às Unidades, definidas por números específicos.

**Figura 9. Metodologia de coleta de algumas das estruturas (concentrações de materiais arqueológicos), as quais estão indicadas pelas setas na parte inferior da imagem. O monolito está indicado na parte superior da imagem.**



Fonte: Milder (2000).

Jardim (2003) preocupa-se com as estruturas que possuem presença de termóforas e cerâmicas no sítio, afirmando assim a presença de “cerca de dez concentrações de termóforas [...] mapeadas, enquanto que nas estruturas cerâmicas

percebemos cerca de oito concentrações.” (Jardim, 2003:61), são elas as Unidades Sócio-Produtivas, definidas na monografia.

Para o autor as estruturas de termóforas e cerâmicas são contempladas pela representatividade que atingem ao revelarem “a busca de um padrão estável do sítio e estão próximas, bem como suscitam um reflexo da comunhão da tribo.” (Jardim, 2003:61).

“Ao mencionarmos as duas estruturas como ponto intrínseco de relação social, estamos afirmando que as pedras queimadas (termóforas) e os fragmentos cerâmicos foram utilizados, provavelmente, para a cocção de alimentos e principalmente de reunião familiar, assim como em um aspecto mais amplo que engloba a reunião tribal.” (Jardim, 2003:61)

Assim, o autor relaciona o número de famílias ao número de unidades sócio-produtivas, principalmente com relação às concentrações de termóforas, que juntamente com o curto distanciamento dos fragmentos cerâmicos, corrobora para o autor, a hipótese de que o sítio foi utilizado como acampamento temporário por cinco a sete famílias.

**Figura 10. Evidências cerâmicas registradas no sítio Areal.**



Fonte: Relatório Final de Bolsa BIC. Projeto Levantamento Geo-Arqueológico de caçadores-coletores no Rincão do Inferno, Quaraí/RS – (2003) / LEPA-UFSM.

Fazendo menção à etnografia Charrua, o autor justifica o contexto elaborado pelos seus pontos de vista, embasado no capital cultural acumulado não problematizado,

que a reunião da tribo ao final do dia era corriqueira e tinha objetivos de definir estratégias de caça ou outras questões de caráter interno do grupo.

Claramente Jardim (2003) se utiliza dos mínimos detalhes da etnografia para justificar as dispersões da cultura material e recriar uma cena pretérita. Em relação ao material lítico do sítio, o autor o relaciona como:

“[...] área de confecção e descarte de material, onde a ocupação do sítio foi de maneira furtiva e altamente utilitária, provavelmente não concomitante com a presença de cerâmicas e termóforas, constituindo dessa forma nenhuma ocupação mais duradoura em termos de caçadores-coletores.” (Jardim, 2003:63).

Jardim (2003), conclui que o sítio foi ocupado em dois momentos distintos, cada um deles relacionado ao lítico e a cerâmica. Em um primeiro momento teria servido como oficina lítica e local de extração de matérias primas, e em um segundo momento um local onde as famílias pernотaram e cozinharam seus alimentos. A estrutura de termóforas e cerâmicas (Unidades Sócio-Produtivas para o autor) representam a evidência de ações que foram aceitas como verdadeiras em sua pesquisa. Os dados dessas ações são oriundos de dados etnográficos, que não pertencem à região específica do sítio do Areal/Quaraí, mas ao grupo étnico Charrua.

\*\*\*

Marion (2007) constrói uma monografia de graduação intitulada “Um sítio arqueológico em meio aos areais de Quaraí/RS: uma proposta de interpretação espacial”, onde foi contemplada a relação dos materiais líticos com outros tipos de artefatos e o meio, dentro do sítio.

Assim o autor, através da análise das coleções líticas coletadas nos anos de 1999, 2003 e 2005, nomeadas de coleção I, II e III, respectivamente realiza uma abordagem espacial para o sítio do Areal, tendo em vista seus resultados analíticos que demonstram que na coleção I, “existem instrumentos mais elaborados e principalmente muitos fragmentos de cerâmica, não encontrados de forma tão concentrada quanto nessa área.” (Marion, 2007:37). Portanto, os resultados da análise de Marion (2007) indicam que o local onde foi plotada a cerâmica em 1999, consiste na em uma área de habitação dos grupos que habitaram o local no passado.

Através da análise do material lítico o autor confirma a hipótese de área de habitação, pois daquele local foram coletadas lascas de material lítico de pequeno porte que foram consideradas por Marion como resíduos de reavivamentos de gume dos instrumentos retocados ou produtos de lascamentos da etapa formal final. A hipótese do

autor sobre a área de habitação está calcada na “sua relação com a área de habitação, que em tese é onde se costuma realizar atividades de preparo de alimentos, onde necessitam as funções de corte e raspagem.” (Marion, 2007:38).

Outro ponto que para Marion (2007) corrobora a hipótese de o local onde foi encontrado cerâmica tratar-se de uma área de habitação, consiste na não evidencia de núcleos rochosos de grande porte, pois estes já chegariam ao local reduzidos para a etapa final de seu lascamento e/ou retoque e uso.

Segundo Jardim (2003:45) e Marion (2007:38), a existência de evidências de combustão (fogueira) no sítio do Areal indicam que o local onde estas se encontram, juntamente com o contexto arqueológico estão relacionadas com o preparo e cozimento dos alimentos dos grupos caçadores-coletores. As fogueiras foram identificadas através da observação de termóforas no contexto arqueológico do local plotado.

Marion (2007) refere-se a remontagens de material lítico que puderam ser realizadas, no entanto o autor não se refere em nenhum momento às análises das cerâmicas em específico. Os registros cerâmicos no trabalho de Marion (2007) são tratados de maneira simplista e como diagnóstico de cozimento e preparo de alimentos. Da mesma maneira, Jardim (2003) associa a cerâmica em conjunto com as termóforas (unidades sócio-produtivas) ao cozimento e preparo de alimentos. O modelo criado para o sítio por esses dois autores leva em consideração a visão geral do contexto cerâmico, porém falho no que tange a análise de características intrínsecas à cerâmica e de um ponto de vista diferente. Para eles a cerâmica e as termóforas são indícios subentendidos como indícios de cozimento e preparo de alimentos.

“[...] um ‘indício’ é uma fumaça visível, evidenciando o ‘fogo’. O fogo causa fumaça, daí que a fumaça é um ‘indício’ de fogo. Um outro exemplo muito comum de um indício é o sorriso humano, indicando uma atitude amigável. Entretanto, como se sabe, a fumaça pode levantar-se na ausência do fogo, e os sorrisos podem iludir. A operação cognitiva com que nós inferimos a presença do fogo (dado a fumaça) ou a amizade (dado o sorriso) não é como a operação cognitiva por meio de que nós conhecemos que  $2+2=4$ , ou que se alguém expressa a palavra ‘cão’, significa ‘canino’ e não o ‘trem de ferro’ ou a ‘borboleta’. Os indícios não são parte de um cálculo [...] nem são componentes de uma língua natural ou artificial em que os termos têm os significados estabelecidos pela convenção. [...] Nós não temos feito um teste e estabelecido que, por uma lei da natureza, fumaça signifique fogo. De fato, nós sabemos que a fumaça pode não significar fogo, desde que saibamos de outras maneiras de produzir a fumaça ou a aparência de fumaça, sem ser de fogo.” (GELL, 1998)<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Tradução livre

As análises, nos dois trabalhos possuem um eixo unidirecional, onde inicialmente e de antemão já são operacionalizadas questões sobre o grupo que habitou e sobre áreas funcionais de acordo com a verificação das etapas da cadeia operatória do material lítico. Isso quer dizer que os autores já tinham intenções de chegar a uma determinada resposta antes mesmo da análise material cerâmica, lítica, etc., o que evidencia a construção social da representação coletiva que foi construída e acumulada ao longo dos tempos, por pesquisadores pioneiros, associadas à fontes históricas mal discernidas e não problematizadas. Jardim (2003) utiliza um dado retirado de uma fonte histórica e realiza uma analogia paisagística dos locais onde, segundo os ibéricos (séc. XVII e/ou XVIII) observam e descrevem os costumes de grupos Charruas ao sítio do Areal. A proposição de Jardim constitui-se em uma analogia perigosa que afirma determinadas questões referentes à cerâmica, tornando assim, o produto de seu trabalho uma representação da representação, onde o autor força um modelo de assentamento Charrua. Marion (2007) segue o fio condutor de Jardim (2003), mas associa de uma maneira mais enfática o material lítico, tornando o modelo para o sítio mais conciso. A problemática não recai tanto sobre a criação de novas hipóteses para o sítio do Areal, mas no fato de que o contexto está sendo pensado sem se levar em consideração as questões subjetivas, e/ou as interações que podem ter sido realizadas, seja entre grupos, entre indivíduos, ou entre as esferas sociais associadas às questões intrínsecas do ser humano e suas crenças. O fator alimentação e cozimento têm sido muito frequentemente utilizados para reafirmar posições sobre as cerâmicas em contextos arqueológicos, mas será que estas recebem uma análise a partir de um ponto de vista que busque contemplar suas particularidades e conexões?

Em nenhum momento foi apresentada uma análise cerâmica a partir da cerâmica, e ou se pensando as relações metafóricas nas quais as argilas, cerâmicas e elementos simbólicos inscritos no monólito poderiam representar para os grupos humanos que habitaram e/ou utilizaram o espaço do Areal no passado.

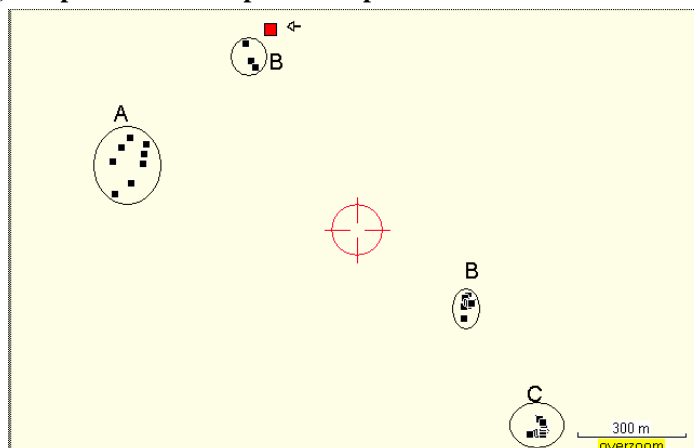
Utilizando uma perspectiva que estabelece áreas funcionais para o sítio, Marion (2007) afirma que os instrumentos líticos (percutores e raspadores) não são encontrados junto às estruturas arqueológicas (de lascamento, de fogueiras, termóforas e cerâmicas) devido à dinâmica de usos e suas funções de utilização.

Como percebemos, o autor busca a cada construção discursiva encaixar os dados e registros de campo em um modelo que contemple as áreas do sítio do Areal associados às funções que ele próprio estabelece para os materiais arqueológicos. Com

uma metodologia de análise pré-estabelecida, onde as categorias de classificação do lítico e da cerâmica são pensadas de uma maneira que contemplam primordialmente o aspecto formal da cultura material, sem levar em consideração os indícios de utilização de materiais considerados por ele como lascas, e da cerâmica e sua pintura interna (vasilha 3), como podemos observar em uma análise que será apresentada na sequência, Marion (2007) escreve uma história que não contempla as particularidades de alguns elementos relevantes do sítio Areal.

“A presença de cerâmica pode estar relacionada à moradia, visto que é necessário algum tempo para que esse vestígio arqueológico seja produzido, pois seu processo de fabricação requer a coleta de barro, a mistura de antiplástico, secagem e cozimento. Portanto seu preparo é vinculado a grupos sedentários ou seminômades. O sítio arqueológico ceramista descrito por Ribeiro (1994) [...] fica nas proximidades dessa área. No entanto, não tivemos acesso a coleção coletada por ele para fazer uma associação.” (MARION, 2007:39)

**Figura 11. Representação das áreas funcionais do sítio do Areal, compreendidas por Marion (2007). Mapa construído a partir dos pontos de GPS marcados no sítio.**



Fonte: Marion, 2007:45

Na figura 11, as letras A, B e C indicam as áreas de atuação dentro do sítio. A área A representa o local da plotagem realizada em 1999, de onde provém a coleção cerâmica, objeto principal de nossa pesquisa neste trabalho, e dentro de uma interpretação contextual arqueológica, a área representa o local de habitação dos grupos caçadores-coletores. A área B foi interpretada como sendo um local de redução e preparo de suportes, e a área C um local de extração de matérias-primas para os instrumentos líticos.

#### 1.4 As pesquisas Geo sobre o Areal e sua relação com a História e a Arqueologia

Em 1987, Suertegaray publica um artigo que realiza uma síntese de sua tese de doutoramento “A trajetória da natureza: um estudo geomorfológico sobre os areais de Quaraí-RS”.

A autora privilegia a historicidade da natureza e da sociedade, pois compreende sob o olhar histórico a dicotomia existente entre Homem e Natureza. Assim, a nossa sociedade referencia o processo de degradação ambiental como expressão da natureza relacionada ao nosso próprio campo social, portanto, seria inconcebível avaliar o processo de formação do Areal em Quaraí contemplando apenas a interpretação da natureza propriamente dita, uma vez que o ponto de vista antropocêntrico incorpora a natureza na formação territorial (Suertegaray, 1989).

A partir de uma perspectiva dual, a geomorfológica (situada na dimensão geológica/natureza) e a perspectiva histórica e geográfica, que leva em consideração a formação da sociedade, a qual também necessita da estruturação natural para agregar à sua cultura (incorporação da natureza à sociedade), a autora realiza uma abordagem interdisciplinar.

A perspectiva geomorfológica e geológica procura compreender o processo de formação natural na medida em que a observância das características geomorfológicas estende-se espacialmente no território ou área de estudo, uma vez que este alargamento também ocorre temporalmente, pois as características do relevo são lentamente trabalhadas no tempo.

Assim, a interpretação e a articulação entre a análise geomorfológica e o resultado da análise articulada entre natureza e sociedade é o caminho metodológico escolhido por Suertegaray ([1987] 1989) para “compreender a origem dos areais e as causas da expansão ou retração desse fenômeno”.

Geomorfologicamente privilegiaram-se as compartimentações regionais e sub-regionais, respectivamente a Região Sudoeste do RS e o local de estudo, o Areal. A autora objetiva também compreender através da análise geomorfológica o fenômeno denominado desertificação, e para isso trabalhará com o conceito de “deserto” e “desertificação”<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> “[...] entende-se por “deserto” [...] uma área onde as precipitações médias anuais são menores que 200 mm por ano (KELLOG e SCHNEIDER, 1977, P. 42) e “desertificação” como processo de ressecamento, portanto variação climática.” (SUERTEGARAY, 1989:16).



O trabalho da professora Dirce Maria Suertegaray vai ao encontro de nosso tema, pois representa além de um estudo que fornece vários dados para a arqueologia, um suporte oriundo de um campo científico diferente. Assim, também representa dentro desta pesquisa um trabalho pioneiro da região.

Apesar de não realizarmos um trabalho de revisão crítica sobre a pesquisa de Suertegaray no que concerne à formação natural do Areal, será levado em consideração as referências e escolhas teóricas da autora concernente ao seu segundo objetivo, mais especificamente, já que ela se posiciona a favor de uma historicidade da formação territorial do Sudoeste do Rio Grande do Sul, contemplando também a percepção dicotômica entre Homem e Natureza, elementos pertinentes aos nosso campo de pesquisa científica.

A *Cuesta de Haedo* é uma unidade geomorfológica característica da região (Suertegaray, 1989) Sudoeste e Oeste do Rio Grande do Sul. Trentin et al (2012) apresentam a definição dessa unidade geomorfológica segundo os estudos de Chebataroff (1954) e Müller Filho (1970), referências utilizadas também pela professora Dirce Suertegaray<sup>8</sup> ([1987] 1989).

“O planalto está representado por um relevo ondulado, com altitudes inferiores a 300 metros, a partir do baixo curso do Rio Itu e da bacia do Rio Ibirapuitã, a norte e sul do Ibicuí, respectivamente, decaindo de forma gradativa em direção a calha do Rio Uruguai. Esse compartimento apresenta menor número de derrames, quando comparado com a porção nordeste da bacia hidrográfica do Rio Ibicuí, tendo como consequência as diferenças de altitudes. A pouca espessura dos derrames, nesta porção, possibilita o afloramento de arenitos em algumas áreas, com o desgaste das camadas superiores, observados também na base de morros testemunhos.” (TRENTIN, R.; SANTOS, L.J.C.; ROBAINA, L.E.S., 2012: 132)

Suertegaray (1989) referencia os areais de Quaraí-RS através dos arroios Cati e Areal, afirmando que este local é um divisor de águas. Existem três manchas arenosas de maior extensão onde predominam os depósitos eólicos.

Segundo Milder (2000), o arenito Botucatu não foi bem silicificado em algumas áreas da região em estudo, o que ocasiona um processo de arenização, estudado por Suertegaray (1996), o qual é conceituado pela mesma como o “retrabalhamento de depósitos areníticos (pouco consolidados), que promove, nessas areas, dificuldades de fixar a vegetação devido à constante mobilidade dos sedimentos.” (Ver Figura 12) (SUERTEGARAY, 1996:268 apud MILDER, 2000:145).

---

<sup>8</sup> Suertegaray ([1987] 1989) inclui também outras referências sobre o estudo da *Cuesta de Haedo*: Almeida (1956), Monteiro (1963), Hausman (1966) e Moreira e Lima (1977).

Suertegaray e Bellanca (2003) explicam que os processos de degradação do solo receberam interpretações de diferentes campos científicos, mas a Geografia “tem fornecido os dados mais significativos sobre a gênese desses areais, explicando-os como de origem natural e decorrentes de processos hídricos atuantes sobre a litologia e solos específicos.” (Suertegaray e Bellanca, 2003:99).

Em 1987, a professora Dirce Maria Antunes Suertegaray defende sua tese de doutoramento, como já mencionado anteriormente, e afirma que o processo que ocorre nos areias do Rio Grande do Sul denomina-se “arenização” e não “desertificação”, “uma vez que as características climáticas da área, em particular, os índices de precipitação (média de 1400 mm anuais), não são característicos de ambientes áridos.” (Suertegaray e Bellanca, 2003:100).

As pesquisas de caráter geográfico para os areais são de extrema importância, representando para alguns pesquisadores da História e da Arqueologia a agregação de dados que contribuem de maneira significativa na compreensão de contextos arqueológicos que sempre estão associados ao ambiente circundante.

A História e a Arqueologia levam em consideração a expressão da cultura material em um nível muito mais significativo para a compreensão contextual de um fragmento da História passada. Porém, muitos pesquisadores acabam caindo em um determinismo ambiental que torna muito rígida a interpretação da ocupação das áreas onde se verificam a presença de vestígios da ação humana.

É interessante notar alguns dados que Suertegaray e Bellanca apresentam em seu artigo “Sítios arqueológicos e areais no sudoeste do Rio Grande do Sul” / (2003), pois os autores não isolam os questionamentos da Geografia quanto à gênese dos areais, realizando uma análise de trabalhos dos anos 70 e 80, de seu próprio campo científico. Nessa etapa da investigação, os autores realizam uma retrospectiva, bem como uma crítica aos trabalhos de Cordeiro e Soares (1975), “Erosão nos solos arenosos da região sudoeste do rio Grande do Sul”, e Souto / (1984), “Deserto, uma ameaça? Estudo dos núcleos de desertificação na fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul”.

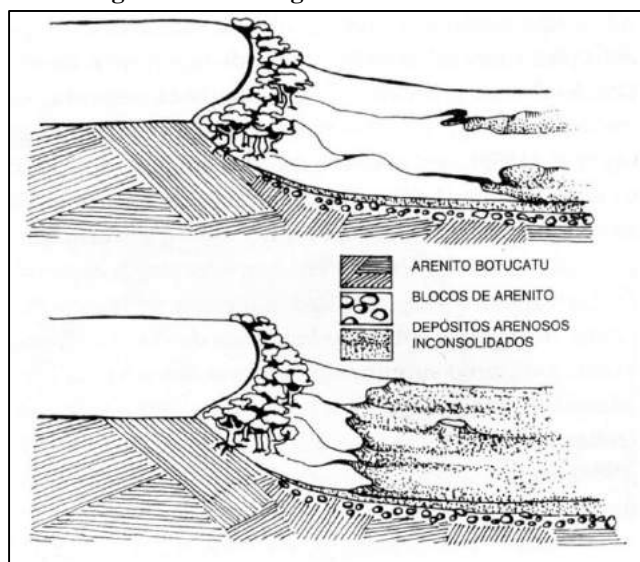
Na etapa que envolve o conhecimento oriundo do campo científico arqueológico e histórico (ou pré-histórico), os autores contemplam também um tema que é alvo de muitos debates, pois se verificou que uma cultura indígena coabitou com os areias. Temos assim dois campos científicos que interagem, cada qual trazendo consigo um investimento, que chamaremos aqui de capital cultural acumulado (Pierre Bourdieu), ou seja, as diversas contribuições que cada campo científico agregou no decorrer do tempo.

Assim Suertegaray e Bellanca (2003) buscam subsídios para compreender e reconstituir o processo de formação dos areais, e de seu povoamento. Baseados em Arno Kern (1982), autor do artigo “Páleo-paisagens e Povoamento pré-histórico do Rio Grande do Sul” / (1982), há uma preocupação em contemplar a transdisciplinaridade e permissão da circulação de conhecimento entre as ciências.

Os autores apropriam-se do capital cultural acumulado pelo PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) para esclarecer conceitos oriundos da Arqueologia. Embora os conceitos se mostrem na prática insuficientes, há uma tentativa por parte de Bellanca e Suertegaray em expor uma historicidade da ocupação territorial dos areais, partindo assim de um suporte muito forte utilizado pelos pronapianos em suas pesquisas, os grupos culturais.

Assim, os geógrafos baseados nas definições da Tradição Umbu, definem que os materiais líticos encontrados por eles pertencem a referida tradição arqueológica. Como suporte teórico foi utilizado principalmente a dissertação de mestrado da professora Dr. Adriana Dias (PUCRS), “Repensando a Tradição Umbu a partir de um estudo de caso”. O conceito de tradição<sup>9</sup> em Dias (1994) é reforçado.

**Figura 12. Estratigrafia dos areais retrabalhados.**



Fonte: Suertegaray (1996) e Milder (2000).

<sup>9</sup> “Por ‘tradição’ subentende-se [...] grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência temporal [...], porém aponta várias lacunas quanto à caracterização tecnológica de sua indústria lítica. (DIAS, 1994 apud BELLANCA E SUERTEGARAY, 2003).

## 1.5 Outros contextos e lugares

Iriarte (1997), ao escrever “*Arqueología de las culturas cerâmicas del Río Uruguay: retrospectiva y futuras direcciones*”, chama atenção para duas problemáticas sobre as investigações das culturas cerâmicas do Médio e Baixo Rio Uruguai, realizando assim um apanhado geral do histórico regional, contemplando alguns trabalhos de maior destaque, ao passo que propõe direções para as pesquisas.

O autor argumenta que a arqueologia do Rio Uruguai (Médio e Baixo), recebeu pouca atenção. Até 1989, a região de Salto Grande ficou em evidência devido a *Misión de Rescate Arqueológico de Salto Grande*, o que gerou segundo Iriarte (1997) críticas oriundas de Cabrera e Curbelo (1995) e Consens (1995). As críticas apontam para o “*carácter esquemático, discontinuo y descriptivo de los volúmenes de la Misión de Rescate Arqueológico de Salto Grande [...]*” (Iriarte, 1997: 355), enquanto que as várias intervenções arqueológicas que foram realizadas no local possuem suporte para inferências e trabalhos mais complexos sobre a história pré-colonial do Uruguai.

Nos anos 90, aponta Iriarte, as pesquisas se restringiram basicamente a sínteses e análises de coleções, contrariamente ao que ocorria nos anos 70 e 80. Nessas décadas havia uma perspectiva de que a mudança/transformação cultural ocorreu devido a diferentes migrações e graças à difusão das características culturais dos períodos cerâmicos da região amazônica. Assim houve um consenso em se interpretar as semelhanças entre as culturas como “*evidencia de contacto e interación*” (IRIARTE, 1997: 355). Com o objetivo de obter sequencias culturais através da seriação cerâmica, assim as interações sugeridas pelos pesquisadores dos anos 70 e 80 não receberam uma pesquisa sobre como se deram essas interações entre os indígenas que habitavam a região no passado.

Utilizando um arcabouço teórico proveniente da Nova Arqueologia muitos pesquisadores substituíram os conceitos de migração e difusão por conceitos *neoevolucionistas*, segundo os quais a mudança/transformação cultural e sua complexidade foi tomada como uma “*respuesta conductal a las condiciones ambientales*” (IRIARTE, 1997: 356). A perspectiva neoevolucionista na reconstrução dos processos históricos e sociais que moveram as sociedades caçadoras e coletoras restringiu as pesquisas quando alegou que o meio ambiente seria o único fator de

mudança, deixando de lado então, a questão das interações entre grupos sociais pretéritos.

Reconhecendo a contribuição dada pelos arqueólogos sobre as escalas de análises que utilizaram “*para examinar la estabilidad, el intercambio y el cambio cultural em la cuenca inferior del Río de la Plata*” (IRIARTE, 1997: 356), o autor irá discutir os padrões de interação e a influência cultural cerâmicas na área litorânea uruguaia-argentina do Rio Uruguai. O autor atenta sobre a complexidade do panorama pré-colonial do período tardio e do momento de contato, quando se deu a introdução da cerâmica na área.

O panorama complexo ao qual Iriarte se refere ocorre de maneira homogênea em toda uma grande região que engloba parte da Província de Buenos Aires e a zona de Salto Grande, Entre Rios, com os trabalhos pioneiros de Eduardo M. Cigliano, Pedro I. Schmitz e Maria A. Caggiano (1971), publicado nos *Anales de la Comision de Investigaciones Cientificas*, que ocorrera em La Plata – Buenos Aires/Argentina, “*Sitios Ceramicos Prehispanicos em la Costa Sepetentrional de la Província de Buenos Aires y de Salto Grande, Entre Rios: Esquema tentativo de su desarrollo.*”

O trabalho de Cigliano, Schmitz e Caggiano (1971), abordará geograficamente a região costeira de *Berisso – Palo Blanco*, a zona de *Punta Indio* (ao norte da Bahía de Samborombón), e ao norte de Punta Piedras, a zona de Salto Grande ao Norte da cidade de Concórdia, província de Entre Rios e margens do Rio Uruguai, e as pequenas ilhas do Rio Uruguai: Isla de Arribas, Los Lobos e Isla Martín García, os quais serão discutidos no momento oportuno.

Da mesma maneira, e com menor visibilidade, sítios pré-coloniais (e seus elementos) do Médio Rio Uruguai, especificamente em seu afluente Rio Quarái/RS, encontram-se no presente, sob um alto grau de complexidade quanto a compreensão sobre as interações ocorridas em um período tardio e de contato na região. Os estudos que contemplam as cerâmicas nessa região são extremamente escassos, devido não só ao fato de termos poucos sítios revelados, mas também por obstáculos que podem ser observados no panorama geral regional pampeano. Vários são os focos de estudo e várias são as sugestões sobre como se deram as ocupações e interações humanas na região platina, em relação ao entorno do Rio Uruguai, Sul e Sudoeste do RS/Brasil e Sudeste da Argentina.

Compreender as interações espaço-temporais que ocorreram dentro dessa área tem sido um dos maiores desafios dentro da arqueologia gaúcha e uruguaia.

A questão da interação, que foi salientada e discutida por Iriarte (1997) é extremamente importante para alavancar esses estudos nas regiões onde pipocam os sítios arqueológicos e que apresentam contextos parecidos, embora distantes geograficamente. Contextos arqueológicos que envolvem sítios do tipo “cerritos”, com ou sem cerâmica e/ou líticos e outros materiais misturam-se com contextos arqueológicos que envolvem sítios em profundidade ou superficiais com ou sem cerâmicas. Schmitz e Becker (1970) apresentam os resultados de suas pesquisas da região Sudeste do Rio Grande do Sul e Nordeste do Uruguai em sítios arqueológicos conhecidos como cerritos.

As pesquisas foram realizadas em uma faixa entre Porto Alegre e o Chuí, Rio Grande do Sul (Brasil) e nas nascentes do Rio Negro (Uruguai). Na introdução do artigo escrito pelos arqueólogos pronapianos são apresentados aspectos geológicos, geomorfológicos, hidrográficos, faunísticos e históricos da região em estudo. Sobre a síntese histórica alguns pontos são alicerçados para contextualizar posteriormente os Cerritos e outros tipos de sítios arqueológicos da região.

Em relação aos centros colonizadores no início dos primeiros contatos entre europeus e populações originárias, as áreas de pesquisas delimitadas pelos pesquisadores eram periféricas, sendo apenas no século XVIII interessantes aos “brancos”. A região era ocupada por charruas e minuanos quando da chegada dos portugueses no local. Os minuanos, apoiadores dos portugueses estabeleceram-se nas margens da Lagoa Mirim próximo do Forte de São Miguel, com intuito de defender e estabelecer fronteiras, no entanto, após muitas guerras, charruas e minuanos desapareceram.

Os locais onde há ocorrência de cerritos são apresentados por Schmitz e Becker: Camaquã (entre 1968 e 1969, foram localizados 63 aterros), em Rio Grande ( em 1965 e entre 1967 e 1969 foram localizados diversos aterros- não foi informado o número exato de sítios), em Santa Vitória do Palmar (em 1967 foram localizados 138 aterros), e nos Departamentos do Uruguai – Treinta e Tres e Rocha – foram localizados mais de 350 aterros, em 1970 aproximadamente; Nascentes do Rio Negro ( em 1967, foram localizados 30 aterros- na parte uruguaia foram realizadas prospecções em 1965).

Optou-se por selecionar alguns aterros de Rio Grande para estabelecer as cronologias, através da seriação da cerâmica, pois, segundo Schmitz e Becker, a quantidade de cerâmica encontrada em cortes experimentais pequenos era considerável.

Sobre os cerritos (foram localizados mais de 100 aterros), encontrados nas nascentes do Rio Negro, do lado uruguaio (Departamento de Rivera), alinhados ao longo de lagoas, às vezes entre o mato e campo – lugares mais secos, onde só as enchentes de grandes proporções alcançariam.

Foi constatado material arqueológico (em dois dos Cerritos), bem como solo escuro e arenoso até a base apresentando, portanto, um estrato uniforme.

As culturas materiais encontradas foram: polidores, “pedras com covinhas”, bolas de boleadeiras, etc e cerâmica, caracterizada pelos autores como “grossa” e sem decoração, e com perfuração junto à borda. Restos humanos foram encontrados pelos moradores, mas não foram investigados por pesquisadores.

Para Schmitz e Becker (1970), os Cerritos representam adaptações à essas áreas (e são encontradas muitas adaptações desse tipo na Bacia do Prata). Ainda, essas adaptações são raríssimas em dunas. Foi constatado somente no Departamento de *Treinta e Tres* que os Cerritos acompanham os rios para o interior, ocorrendo portanto em terrenos secos. Os aterros às vezes são construídos sobre as coxilhas, ou onde as águas do período de inundação são mais profundas.

Ainda, a escolha por áreas pantanosas ou alagadiças está ligada à questão da subsistência, pois estas áreas são mais fartas em alimentação diferentes dos campos secos do interior e de outras áreas.

Os grupos são caracterizados como caçadores-coletores, “com assento na caça e na pesca”. Para os autores, as diferenças observadas entre um sítio e outro não representam uma variação importante na cultura, mas sim uma adaptação local, devido aos recursos naturais que estiverem à disposição dos grupos. Assim, os Cerritos podem ser interpretados como áreas sazonais, ou seja, estabelecem-se naquele local apenas em determinados períodos do ano, por ser mais abundante ali determinada caça, fruto ou outro tipo de alimentação. Para os autores, isso explicaria a presença de vestígios ósseos de diversos peixes, crustáceos em alguns cerritos, e em outros ossos de caça terrestre, além dos vestígios zoobotânicos (coquinhos calcinados), provenientes de áreas com butiazeiros ou palmeiras.

Os cerritos que se encontram em áreas relativamente pequenas são considerados um agrupamento de moradias. Se forem encontrados cerritos isolados na mesma área, é sugerido se pensar em uma ocupação sucessiva ou sazonal.

A ausência de cerâmica nos níveis mais profundos sugere, para os autores, que inicialmente, não possuíam cerâmicas e que, paulatinamente com o passar do tempo e localmente desenvolveram a tecnologia cerâmica.

A cerâmica encontrada em cerritos apresentam variações muito grandes, representando, portanto tradições diferentes não só de uma área para outra, mas às vezes ao longo do rio. Em relação ao material lítico e ósseo, as peças são consideradas iguais.

Femenías (1990) apresenta uma síntese sobre a discussão de modelos resultantes em relação à cerâmica encontrada nos cerritos do nordeste do Uruguai e sudeste do Brasil. As pesquisas sobre a temática iniciaram-se em 1879 com Ameghino. Nos anos 70 do século XX, arqueólogos brasileiros de orientação teórica histórico-cultural, realizaram investigações sobre função e componentes dos cerritos.

Funcionalmente, os cerritos foram interpretados (por Schmitz, Becker, La Salvia e Naue), como sendo sítios de habitação, o que explicaria o agrupamento, que segundo os mencionados pesquisadores formavam as aldeias dos grupos humanos pretéritos. Em 1965, o Smithsonian Institution de Washington implementou e financiou o PRONAPA, o qual objetivava obter sequencias culturais com metodologias e técnicas desenvolvidas por Ford (1957) e aplicadas por Meggers e Evans (1970), no Brasil.

Femenías realiza uma crítica ao trabalho interpretativo realizado pelos pesquisadores brasileiros, ao passo que busca explicar a posição teórica assumida pelos pronapianos, levando-se em consideração o momento histórico. Busca também apontar que as inferências sobre os cerritos têm por objetivo “recuperar as informações em um sentido vertical”, ou seja, em sequências estratigráficas, sem se considerar a horizontalidade e espacialidade dos artefatos. As intervenções realizadas pelo Pronapa, geralmente abrangiam pequenas áreas do sítio, onde realizavam cortes experimentais, coletando assim, os artefatos dessa área, preservando os registros estratigráficos a fim de se fazer a sequência cultural, tendo como guia, geralmente a cerâmica, a qual permitia definir através da seriação fases e tradições, através da percepção das variações decorativas e dos antiplástico adicionados à pasta cerâmica.

Assim, através da pesquisa de Schmitz (1976) e Naue (1973), definiram-se sequências culturais, iniciando-se pelo momento pré-cerâmico, um período cerâmico inicial (Fase Torotama), um momento cerâmico médio (Tradição Vieira) e o momento cerâmico tardio (cerâmica da tradição Vieira, Tupiguarani e elementos europeus).

Outra crítica posta por Femenías às interpretações foi o fato de os cerritos não serem pensados correlacionados as áreas periféricas próximas, o que poderia permitir



outras interpretações sobre outros setores de ocupação ou áreas de atividades do grupo pretérito.

Como exemplo, a esse segundo ponto (crítica), Femenías cita os trabalhos da *Sierra de San Miguel* (Uruguai). Nas áreas ao redor do cerrito foram encontrados elementos que sugerem que esse tipo de sítio arqueológico (ou área do sítio), como uma área de atividade fúnebre. Para calcar tal hipótese, o autor usa exemplos de outros tipos de sítios arqueológicos mais compreendidos (segundo ele), para se pensar em áreas de atividades. Por exemplo, em uma aldeia de grupos horticultores, encontraríamos o mesmo material na área central dessa aldeia e na área onde os indivíduos habitam (no sentido de morar, onde dormem)? A mesma lógica foi pensada para os grupos que habitaram os cerritos e suas áreas circundantes. Nota-se que o autor levou em consideração o fator humano da dinâmica de ocupação do espaço.

Femenías (1990) pontua sobre os momentos então definidos pelos pesquisadores brasileiros: As tradições pré-cerâmicas definem-se pela ausência de cerâmica, sem ênfase aos caracteres técnicos e/ou morfológicos do material lítico. As tradições cerâmicas, divididas em três momentos já apresentados.

Para o autor, é necessário rever o problema da aparição de cerâmica da fase Torotama com cerâmica tupiguarani, e/ou cerâmica tupiguarani com cerâmica da Tradição Vieira. A ocorrência desses fatos gerou interpretações variadas, algumas delas afirmam que os grupos da tradição tupiguarani viveram em cima dos Cerritos, ou próximos uns dos outros, até mesmo em uma mesma aldeia. Os grupos que produziam a cerâmica enquadrada no presente, como pertencentes à Tradição Vieira, adotaram começaram o cultivo.

Assim, Jorge Femenías propõe que os trabalhos e as definições sejam revistas e interpretadas com aportes teóricos atualizados, ao passo que haja um diálogo entre as pesquisas da região.

Schmitz, Naue e Becker (1991), de volta a discussão, após a publicação de Jorge Femenías em 1990, tomam providências para (re) explicar os Aterros dos Campos do Sul: a tradição Vieira. Como já foi apresentado anteriormente, Schmitz caracteriza os Cerritos como adaptações às áreas onde são encontrados; assim o assunto é retomado, pois segundo os autores os campos da metade meridional do Rio Grande do Sul não eram úteis para a cultura de tecnologia neolítica. Os autores traçam uma relação na introdução do trabalho, sobre o movimento renovador (Neolítico), (o qual transformou populações do sul do Brasil em predominantemente agrícolas, outras em agrícolas-

coletoras e outras mantendo-se caçadoras), e a Tradição Vieira, no sentido de explicar a ocorrência da cerâmica enquadrando-a dentro de sequências culturais estabelecidas nos anos 70. No período da colonização, essas populações que confeccionavam a cerâmica da Tradição Vieira eram conhecidas como Minuanos e Charruas.

Com a chegada dos ibéricos, os Charruas e Minuanos não incorporaram plenamente novas tecnologias de criação de animais e seu consumo e utilização da carne de gado tinham fins limitados, preferindo eles caçar nas vacarias, o que sugere que sua economia tenha se mantido quase inalterada, baseavam-se no sistema equilibrado de caça, pesca e coletas estacionais.

Desde o início do século XX, pesquisadores argentinos (Torres e Lothrop) estudaram, ao longo do rio Paraná, cerritos que apresentavam cerâmica e restos de alimentação. No Brasil, esse tipo de sítio começou a ser observado a partir dos anos 60, conforme já mencionado anteriormente.

Em 1991, Klaus Hilbert apresenta os *Aspectos de la Arqueología em el Uruguay*. Inicialmente é exposta uma síntese sobre a história do descobrimento do rio de La Plata, utilizando-se as informações das fontes históricas, sempre com a atenção de fazer a crítica ou filtrar as informações, pois os documentos escritos são carregados de idealismos por parte de quem os escreve, e também de quem os lê.

Inicialmente, Hilbert (1991), coloca uma questão que de todo não contraria a opinião de Schmitz (1990), mas que deixa margem para outras interpretações. A questão é: o aparecimento da cerâmica está relacionado com a troca do modo de vida dos grupos portadores dessa cerâmica? (Ver movimento renovador-neolítico, citado por Schmitz, 1990), ou se os grupos caçadores-coletores-pescadores, a tradição sambaqui e o aparecimento da cerâmica se relacionam.

A Tradição Vieira (Brasil) estende-se por grandes lagoas e banhados do RS, incluindo o nordeste uruguaio, segundo Hilbert, a área de dispersão dos cerritos. No Uruguai, a fase Ceibo está relacionada à Tradição Vieira, pelo fato da cerâmica ser praticamente, senão idênticas tecnologicamente (técnica, decorações, pinturas, antiplásticos, formas, etc). Tanto a cerâmica da Tradição Vieira (Brasil), quanto a cerâmica da fase Ceibo (Uruguai), provém de cerritos. No Brasil, as pesquisas sobre os Cerritos são mais intensivas, carecendo o Uruguai de pesquisas nesse tipo de sítios. A comparação e compreensão do território, sem linhas de fronteiras da atualidade, permite uma melhor compreensão dessa ampla área de ocupação por grupos cerriteiros. As bolas

de boleadeiras também são atribuídas aos cerritos. Geralmente a quantidade de cerâmica encontrada nos cerritos da região uruguaia são muito escassas.

A Tradição Vieira se diferencia em três fases: fase Vieira I (600 d.C.), fase Vieira II(1.000d.C.) e fase Vieira III (misturados com a cultura guarani/Subtradição corrugado – datada em 1700 d. C.).

É citado no trabalho de Hilbert, a cerâmica do sítio *La Coronilla*, a qual é encontrada na superfície e caracterizada por ser sem decoração e de elaboração muito sensível. Os artefatos foram muito erodidos pela ação dos ventos, e isso levanta um questionamento para o autor, se seria esse o motivo pelo qual não se nota decoração. Sobre o antiplástico: areia quartzosa ou quartzo triturado de até 3 mm, as cerâmicas são de coloração pardo escuro, não completamente oxidados e o núcleo é cinza escuro. Possuem bordas discretas e forma globulares ou subglobulares.

Nos sítios de *Cabo Polonia* e *Valizas* também foram identificadas cerâmicas muito similares a descrita para a Tradição Vieira (cerâmicas sem decoração e muito erodidas, com bordas simples, paredes retas núcleo de coloração cinza escuro e oxidação incompleta, a cerâmica é de cor pardo escuro, o antiplástico de areia quartzosa ou quartzo triturado.

Para Serrano (1972), os portadores da cultura *entrerriana* eram caçadores e pescadores, habitantes dos cerritos que ficavam próximo de rios e banhados. A cerâmica *entrerriana* caracteriza-se por apresentar areia como antiplástico, técnica de decoração ponteadas e incisas, os motivos geralmente são em zig – zag. Com o tempo a cultura *entrerriana* teria assimilado alguns elementos da tradição dos *ribeireños* plásticos, porém permaneceu como unidade cultural paralela a esta e a tradição tupiguarani. A cultura dos *ribeireños* plásticos está relacionada com os achados de pesquisadores uruguaio e argentinos, no sítio arqueológico da *Isla de Vizacaíno*, localizado na região da desembocadura do *Río Negro*. Ainda nesta região foram encontrados mais alguns sítios (Cerritos) de relevante importância, o cerrito da *Isla del Naranja* e o de *La Blanqueada*.

## 1.6 Leste uruguaio e Sul do Brasil

Segundo Leonel Cabrera Pérez (1999:63), o arqueólogo trabalha com fatos culturais simplificados, portanto, no presente estamos trabalhando “*em um oscuro cono de sombras las acciones, los sentidos, la dinámica compleja que involucró en el pasado*

*a esos restos culturales*”. Diante dessa afirmação, Cabrera Pérez enfatiza a necessidade da busca de uma quantidade possível de elementos da sociedade a qual a cultura material estudada pertence. Para o autor temos uma sociedade entre as mãos ao nos debruçarmos sobre a análise de sua cultura material, e nessa prática buscamos o significado desta.

O mundo dos objetos com significados é o resultado de uma interação social que poderia estar relacionados, portanto, com diferentes grupos humanos (do passado), porém a medida que mudam os grupos, os tempos e os locais, os significados também mudarão.

Se os contextos arqueológicos são simplificados em sua grande maioria (compactados e suprimidos também), Cabrera Pérez (1999:64) afirma que é um tanto dramático o processo de acesso ao mundo simbólico dos grupos pretéritos. Portanto, os aspectos que envolvem a morte poderiam, mais claramente, servir estruturalmente para a suposição inferencial do mundo simbólico e social, além de detalhes circunstanciais e aspectos das populações desconhecidas, uma vez que *“la muerte puede proveernos de criterios objetivos”*.

Abordando os contextos arqueológicos do Leste uruguaio, Cabrera Pérez (1999) faz referência à manifestação de grupos pretéritos (mais de 3.000 A.P.), no que concerne ao desenvolvimento de estruturas, que no presente se apresentam aos pesquisadores muito complexamente. A relação entre as estruturas monticulares e a morte parece ser muito tênues, para as sociedades que habitaram no passado o Sul do Brasil e o Leste uruguaio, conhecidos na literatura arqueológica como construtores de Cerritos.

Baseado nos princípios durkheimianos, Cabrera Pérez (1999) justifica e expõe o estudo das práticas rituais e sua relação com a reafirmação dos sentimentos que unem os grupos, caracterizando-os como coletivos humanos, com referência a identidade grupal, ao mesmo tempo em que traz a ideia colocada por Hertz (1905-1906) no que concerne aos tipos de rituais mortuários relacionados ao posicionamento de um indivíduo dentro de um determinado grupo.

Em uma rápida relação Cabrera Pérez comenta alguns pontos de vista de diferentes pesquisadores que se debruçaram sobre as práticas rituais, com intuito de trazer para a temática estudada por ele, a qual envolve os construtores de Cerritos e suas práticas na já mencionada região.

Começando por Durkheim, onde Cabrera Pérez (1999) referencia a questão das ideias coletivas, segue para Binford salientando a observação deste pesquisador sobre as variações do comportamento humano e as características que envolvem os contextos mortuários encontrados pela arqueologia. Lewis Binford reforça a ideia do posicionamento social do indivíduo, bem como outras categorias como sexo, idade entre outras.

Alguns pesquisadores, como é o caso de Tainter (1978), discordam sobre aspectos que envolveriam a organização social de um grupo, observadas e compreendidas através dos registros funerários. Ainda o enfoque poderá ser dado através da distribuição espacial à nível regional, levando em consideração a categoria de status (abordagem marxista), e/ou como reflexo simbólico da sociedade, onde se pode observar as diferentes atitudes frente à morte, sendo o objeto a chave para seu significado. (HODDER, 1998:15-17 apud PERÉZ, 1999:65).

Portanto, adentrar o mundo ritualístico através da arqueologia, segundo Cabrera Pérez (1999) exige uma compreensão densa pois, geralmente sobrevivem apenas registros e/ou marcas residuais que são pensadas, e de maneira hipotéticas reconstruídas dentro de uma lógica estruturada na visão de mundo do pesquisador, em um contexto específico, com escolhas metodológicas e teóricas específicas de um paradigma científico.

*“Durante más de 3.500 años y hasta no hace más de 300, en una vasta región comprendida entre los 30° y 34° de latitud sur, en los territorios próximos al Atlántico, se desarrollaron sociedades que generaron una arquitectura monumental em tierra, la que evidencia un planificado acondicionamiento y cualificación de lugares específicos del territorio. Desde el punto de vista arqueológico, estas construcciones se visualizan en el paisaje a través de elevaciones denominadas por las poblaciones actuales de la región “Cerritos de Indios” em nuestro médio y “Aterros” o “Comoros” em sur del Brasil. Estos sitios incluyen, además de las mencionadas estructuras monticulares, agregacionaes de segundo orden, micro relieves y estructuras menores. Las construcciones em tierra no se distribuyen em forma homogénea sino que se concentran em diferentes áreas, manifestando claras asociaciones con elementos del paisaje, com formas y distribuciones importantes. Los sitios incluyen a lo largo de los territorios del sur del Brasil y este uruguayo, vários millares de montículos, com dimensiones más o menos constantes que comprenden diâmetros de entre 30 y 40m, y alturas que van desde unos pocos centímetros a más de 5m de alto. El interior de estas estructuras antrópicas incluye diferentes formas de funebria, em algunos casos com múltiples enterramientos.” (Peréz:1999:66)*

As pesquisas arqueológicas têm demonstrado que as sociedades que construíram e habitaram os sítios arqueológicos em questão, os Cerritos, chegaram a um nível complexo de integração, rebatendo alguns pontos dos dados etnográficos e etnohistóricos, os quais possuem uma visão de mundo sobre os povoadores do período pré-colonial e históricos recentes, que segundo Cabrera Pérez (1999) os identifica como sociedades caçadoras simples.

A nova visão sobre a complexidade dos grupos caçadores-coletores construtores de Cerritos, se configurou através de um *“reconocimiento de una mayor densidade de población com importantes niveles de sedentarismo, la práctica intensiva [...] de ciertas técnicas de subsistência, el posible control del trabajo y la visualización a través de la funebria, de una aparente diferenciación de status entre los integrantes del grupo.* (Bracco Boksar, 1992; Cabrera Pérez, 1992; Cabrera Pérez et al., 1989; Cabrera Pérez et al., 1996; López Mazz, 1992; López Mazz & Bracco Boksar, 1994; Cabrera Pérez, 1999).

Os dados etnohistóricos têm sido utilizados como complemento aos dados arqueológicos, convergindo para uma interpretação histórica dos grupos caçadores-coletores (construtores de Cerritos) em seu momento tardio na região, onde elementos da cultura tupiguarani teriam sofrido uma dispersão, segundo a afirmação homogênea de um grupo de pesquisadores encarregados de trazer para a construção discursiva todo um capital cultural acumulado ao longo dos anos de contato e pesquisa dos grupos cerriteiros.

Segundo o capital cultural acumulado, explícito em Cabrera Pérez (1999), os elementos tupiguarani influenciaram fortemente o território de Leste para Oeste, desencadeando uma guaranização. Segundo essa hipótese, as interações entre os grupos teriam causado mudanças em determinadas esferas culturais dos grupos construtores de Cerritos. Por sua vez, os grupos tupiguaranis, além da economia da caça, coleta e pesca, possuíam práticas horticuloras.

Cabrera Pérez (1999) afirma que os lugares ou construções considerados como monumentos eram, no passado, destinados a cerimônias ou rituais, e por isso esses monumentos são envoltos por manifestações que representam elementos étnicos do grupo ao qual pertenceu, portanto, são lugares memorialísticos com caráter histórico, podendo, portanto, representar marcos na paisagem. Eram lugares públicos onde os coletivos reuniam-se para realizarem suas cerimônias e/ou rituais.

O autor relaciona dados etnográficos para inferir a relação das estruturas sociopolíticas implícitas que podem permear os sítios do tipo Cerritos ou com monumentos, e o faz através de descrições que segundo os critérios estabelecidos utilizados, demonstram as coincidências entre os aspectos culturais do processo construtivo e ritualístico dos grupos construtores de Cerritos, os grupos da etnia Kaingang, ou os “*Gualachos*”. Os relatos utilizados por Cabrera Pérez são construções discursivas encontradas em Basile Becker (1994) e Díaz de Guzmán (1914).

Segundo o dado etnohistóricos sobre os “*Gualachos*”, o enterramento dos indivíduos desses grupos consistia na abertura de uma sepultura que logo após era sequenciada por uma quantidade de terra formando um aspecto piramidal. Costumavam deixar um porongo e um fogo lento e contínuo. Os porongos ou cabaças eram deixados para que não faltasse algo para com que o morto pudesse beber. (DÍAZ GUZMÁN, 1914:69 apud CABRERA PÉREZ, 1999:73).

Cabrera Pérez (1999) acredita que alguns elementos significativos dos registros arqueológicos, etnohistóricos e etnográficos podem aproximar-nos das estruturas socioculturais implícitas nos sítios considerados monumentos ou com monumentos (Cerritos), como elementos de “[...] *identidade, corporación, agregación, demarcación territorial* [...]” (FEMENÍAS et al. 1990:352 apud CABRERA PÉREZ, 1999:73).

Cabrera Pérez (1996a; 1999) argumenta que as estruturas funerárias encontradas nos Cerritos “*hacen pensar más em um segmento de población relacionado por tramas sociales aún desconocidas, que por los integrantes todos del grupo.*”

Alicia Durán Coirolo, realizou em 1990 uma classificação das formas dos recipientes cerâmicos (da pré-história), de uma coleção de 147 peças coletadas em sítios arqueológicos da atual República Oriental del Uruguay.

Através das categorias precisas já estabelecidas para a classificação das formas (relação entre profundidade e diâmetro dos recipientes), e a aplicação metodologicamente sacramentada das orientações teóricas de Shepard (1966), Coirolo (1990) traz a experiência prática e adquirida no trabalho de registro e análise dos materiais arqueológicos coletados pela Misión de Rescate Arqueológico de Salto Grande para a pesquisa a que se propôs em um momento posterior.

Esse momento é marcado por um paradigma teórico, a qual embasará uma nova e mais precisa classificação das formas cerâmicas. Influenciada por Balfet, Fauvet-

Berthelot y Monzón, a pesquisadora unirá a experiência e noções adquiridas com o corpus teórico de Shepard, Balfet, e outros pesquisadores.

A obra a qual Coirollo utiliza chama-se “*Normas para la descripción de la cerâmica*”, a qual foi escrita por especialistas em 1968, estes por sua vez foram os responsáveis por organizar um seminário, onde Leroi-Gourhan aprofundou os problemas relacionados à terminologia e descrição da cerâmica.

O método primordial lançado por L.Gourhan, tenta definir tendências e traços gerais dos grandes conjuntos considerando a ação técnica, para que, a partir desse ponto, se possa aproximar detalhadamente do objeto, colocando em evidência as características técnicas e estéticas mais particulares.

A autora utiliza fichas analíticas, utilizando as grandes categorias de recipientes cerâmicos, e suas dimensões e suas formas aparentadas, para chegar até as precisões particulares propostas por L. Gourhan no seminário de 1968.

Coirollo (1990) apresenta as características das cerâmicas arqueológicas do Uruguai, as quais foram objeto de estudo em sua tese apresentada na *École des Hautes Études em Sciences Sociales* em 1984 são elas: cerâmica simples, sem sofisticação na decoração e forma. Segundo Coirollo, as ceramistas indígenas não conheciam o torno, portanto, as peças eram modeladas por meio de roletes, a queima geralmente apresentou-se incompleta, sem forno, realizada ao ar livre. As pinturas são geralmente de coloração vermelha, branca ou negra e as decorações plásticas encontradas são inseridas por incisões, impressões ou corrugações. Em relação aos antiplásticos observados relacionou-se os seguintes: grão de areia, espícula de *Uruguayia Corallioides*, vasos de cerâmicas moídos, nódulos de óxido de ferro, fibras vegetais, etc. O tratamento de superfície é muito simples, sendo a maioria alisado e as superfícies polidas só foram observadas nos casos de preparação para a aplicação de pintura.

Coirollo identificou sete grupos de formas cerâmicas para as peças do Uruguai, onde se buscou preservar a origem das peças para que se pudesse realizar um estudo comparativo entre os países vizinhos. Assim, estabeleceu-se Estabeleceram duas grandes categorias de recipientes: formas abertas e formas fechadas.

As dimensões e a relação estabelecida entre o diâmetro da boca e a altura, possibilitou perceber as grandes famílias de recipientes, com as suas variações internas dadas pelo tamanho e pela forma simples ou composta.

Na página 133 do artigo de Coriollo, encontramos um pequeno trecho. Aparentemente foi o que menos chamou a atenção dos pesquisadores, porém talvez seja



de grande importância para o nosso estudo de caso. A autora subintitula: “*Otras piezas em cerâmica*”: neste tópico a autora enfatiza que existem uma série de peças cerâmicas que não entram em categorias de recipientes, são peças antropomorfas (proveniente da escavação da Isla de Arriba, região de Salto Grande), zoomorfas ( 10 peças que representam animais da região, apresentando orifícios na base, na parte superior e nas paredes, provenientes das costas e ilhas do rio Uruguai e das costas do rio de La Plata e, aparecem também na República Argentina), e atípicas (peças que não foram classificadas, mas há ocorrência de orifícios e asa).

Milder et al (2002), apresentar resultados parciais sobre o estudo da cerâmica arqueológica pré-colonial coletada no sítio do Areal, município de Quaraí, no sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul, referente ao projeto Resgate da Cultura Material do índios Charruas e Minuanos. Segundo os autores a cerâmica proveniente do sítio denominado no artigo, como Cerrito do Areal é associada a Tradição Vieira, localizando-se na metade meridional do RS, espaço onde representam-se *mounds*.

O total de fragmentos encontrados foi de 545, sendo 13 (treze) o número de bordas, as quais foram selecionadas para o estudo, com intuito de se obter uma noção do tamanho das vasilhas através do estudo das bordas.

Segundo Milder et al. (2002), foram identificadas duas técnicas de manufatura: acordelamento (associada a Tradição Tupiguarani) e a técnica de placas (associada a Tradição Vieira). Porém a problematização não foi desenvolvida, ficando bem evidente, que o trabalho deveria ser analisado de maneira minuciosa e com precaução, devido ao fato de se considerar a “intrusão” como insatisfatório para explicar a presença de duas técnicas de confecção no sítio. Cabe aqui fazer uma ressalva: os fragmentos cerâmicos até agora analisados durante o desenvolvimento da presente pesquisa referente a coleção cerâmica do sítio arqueológico do Areal, não apresentaram a técnica de confecção por acordelamento. Esta observação poderá vir a desencadear outro problema e uma nova hipótese para o sítio.

Em relação ao antiplástico, foi citado que na cerâmica modelada (por placas), há uma maior despreocupação a esse elemento, pois geralmente são de proporções maiores, podendo chegar até 4 mm.

Segundo Erchini (2013), recentemente se tem feito pesquisas mais aprofundadas, como por exemplo, o trabalho realizado com a cerâmica encontrada em Yacaré Cururu, no Departamento de Artigas (Departamento mais próximo do Sítio do Areal), a qual foi

datada por C14, apontando para uma datação de 3.800 A.P. (CONSENS 2007:80 apud ERCHINI 2013: 37).

Iriarte (1997), ao escrever “*Arqueología de las culturas cerâmicas del Río Uruguay: retrospectiva y futuras direcciones*”, chama a atenção para duas problemáticas sobre as investigações das culturas cerâmicas do Médio e Baixo Rio Uruguai, realizando assim um apanhado geral do histórico regional, contemplando alguns trabalhos de maior destaque, ao passo que propõe direções para as pesquisas.

O autor argumenta que a arqueologia do Rio Uruguai (Médio e Baixo) recebeu pouca atenção. Até 1989, a região de Salto Grande ficou em evidência devido a *Misión de Rescate Arqueológico de Salto Grande*, o que gerou segundo Iriarte (1997) críticas oriundas de Cabrera e Curbelo (1995) e Consens (1995). As críticas apontam para o “*carácter esquemático, discontinuo y descriptivo de los volúmenes de la Misión de Rescate Arqueológico de Salto Grande [...]*” (IRIARTE, 1997: 355), enquanto que as várias intervenções arqueológicas que foram realizadas no local possuem suporte para inferências e trabalhos mais complexos sobre a história pré-colonial do Uruguai.

Nos anos 90, aponta Iriarte, as pesquisas se restringiram basicamente a sínteses e análises de coleções, contrariamente ao que ocorria nos anos 70 e 80. Nessas décadas havia uma perspectiva de que a mudança/transformação cultural ocorreu devido a diferentes migrações e graças à difusão das características culturais dos períodos cerâmicos da região amazônica. Assim houve um consenso em se interpretar as semelhanças entre as culturas como “*evidencia de contacto e interación*” (Iriarte, 1997: 355). Com o objetivo de obter sequencias culturais através da seriação cerâmica, assim as interações sugeridas pelos pesquisadores dos anos 70 e 80 não receberam uma pesquisa sobre como se deram essas interações entre os indígenas que habitavam a região no passado.

Utilizando um arcabouço teórico proveniente da Nova Arqueologia, muitos pesquisadores substituíram os conceitos de migração e difusão por conceitos neoevolucionistas, segundo os quais a mudança/transformação cultural e sua complexidade foi tomada como uma “*respuesta conductal a las condiciones ambientales*” (Iriarte, 1997: 356). A perspectiva neo-evolucionista na reconstrução dos processos históricos e sociais que moveram as sociedades caçadoras e coletoras restringiu as pesquisas quando alegou que o meio ambiente seria o único fator de mudança, deixando de lado então, a questão das interações entre grupos sociais pretéritos.

Apesar da problemática colocada sobre a interação entre os grupos indígenas pretéritos, pela arqueologia tradicional, o tema não foi explicado, o que tornou a explicação frouxa e simplista. Reconhecendo a contribuição dada pelos arqueólogos sobre as escalas de análises que utilizaram “*para examinar la estabilidad, el intercambio y el cambio cultural en la cuenca inferior del Río de la Plata*” (Iriarte, 1997: 356), o autor irá discutir os padrões de interação e a influência cultural cerâmicas na área litorânea uruguaia-argentina do Rio Uruguai. O autor atenta sobre a complexidade do panorama pré-colonial do período tardio e do momento de contato, quando se deu a introdução da cerâmica na área.

O panorama complexo ao qual Iriarte se refere ocorre de maneira homogênea em toda uma grande região que engloba parte da Província de Buenos Aires e a zona de Salto Grande, Entre Rios, com os trabalhos pioneiros de Eduardo M. Cigliano, Pedro I. Schmitz e Maria A. Caggiano (1971), publicado nos *Anales de la Comisión de Investigaciones Científicas*, que ocorrera em La Plata – Buenos Aires/Argentina, “*Sitios Ceramicos Prehispanicos em la Costa Septentrional de la Província de Buenos Aires y de Salto Grande, Entre Rios: Esquema tentativo de su desarrollo.*”

A pesquisa de Cigliano, Schmitz e Caggiano (1971), abordará geograficamente a região costeira de Berisso – *Palo Blanco*, a zona de *Punta Indio* (ao norte da *Bahía de Samborombón*, e ao norte de *Punta Piedras*, a zona de Salto Grande ao Norte da cidade de Concórdia, província de Entre Rios e margens do Rio Uruguai, e as pequenas ilhas do Rio Uruguai: Isla de Arribas, Los Lobos e Isla Martín García.

Da mesma maneira, e com menor visibilidade, sítios pré-coloniais (e seus elementos) do Médio Rio Uruguai, especificamente em seu afluente Rio Quaraí/RS, encontram-se no presente, sob um alto grau de complexidade quanto à compreensão sobre as interações ocorridas em um período tardio e de contato na região. Os estudos que contemplam as cerâmicas nessa região são extremamente escassos, devido não só ao fato de termos poucos sítios revelados, mas também por obstáculos que podem ser observados no panorama geral regional pampeano. Vários são os focos de estudo e várias são as sugestões sobre como se deram as ocupações e interações humanas na região platina, que engloba o Uruguai, Sul e Sudoeste do RS/Brasil e Sudeste da Argentina.

Compreender as interações espaço-temporais que ocorreram dentro dessa área tem sido um dos maiores desafios dentro da arqueologia gaúcha e uruguaia.

Tratar as fronteiras nacionais como fronteiras territoriais dos grupos humanos pretéritos é absolutamente refutado dentro de um contexto arqueológico na situação específica aqui abordada. A questão da interação, que foi salientada e discutida por Iriarte (1997) é extremamente importante para alavancar esses estudos nas regiões onde pipocam os sítios arqueológicos e que apresentam contextos parecidos, embora distantes geograficamente. Contextos arqueológicos que envolvem sítios do tipo “cerritos”, com ou sem cerâmica e/ou líticos e outros materiais misturam-se com contextos arqueológicos que envolvem sítios em profundidade ou superficiais com ou sem cerâmicas. A questão colocada nessa pesquisa está expandida, mesmo que não seja esse o objetivo em questão. O fato é que estamos trabalhando com áreas diferentes, mas que no passado interagiram. Portanto, quando Jorge Femenías propõe que os trabalhos e as definições sejam revistas e interpretadas com aportes teóricos atualizados, ao passo que haja um diálogo entre as pesquisas da região, o pesquisador compreende que é necessário interagir no presente também. Implicitamente, entendemos que essa região não deva ser pensada com os marcos divisores dos Estados Nacionais, tendo por base a noção de que o território dos grupos que viveram no passado tinham suas próprias delimitações territoriais, o que nos é difícil e caro delimitar e/ou afirmar com precisão, nos restando inferir, sem pontuar fixamente as fronteiras de um passado fragmentado e reconstruído sobre a interpretação e olhar de vários pensadores, que apesar das brilhantes ideias e de algumas “comprovações científicas”, são discursos criados a partir da nossa experiência e sensações humanas.

### 1.7 Nordeste argentino: Zona de Goya – Corrientes/Argentina

**Tabela 2.** Síntese das informações sobre o Sítio Arqueológico Parana Mini 1

Sítio Arqueológico	Parana Mini 1 (M1)
Expedição/Instituição	Expedición del Museo de La Plata
País/Estado/Região/Departamento	República Argentina/Província de Corrientes/Goya
Ano Intervenção	1948
Rio/Bacia Hidrográfica	Parana Mini/Platina (Paraná e Uruguai)

Coordenada	29° 15' S 59°20'45"O
Equipe	director Dr. Alberto Rex González;ajudante de campo Sr. Reynaldo de Santis
Cultura Material	Cerâmica, lítica, óssea
Observação	Montículo
Local da Coleção	<i>División Arqueología del Museo de Ciencias Naturales de La Plata</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados de González et.al (1972).

Quanto aos materiais cerâmicos do sítio *Parana Miní I* foi realizada uma seriação utilizando-se os fragmentos de bordas. Com a aplicação do Método Ford foi determinado quatro tipos cerâmicos de caráter cronológico, que, conforme González et.al. (1972), “*presentam variación temporal*”. São eles: *Goya simple*, *Goya grueso*, *Goya inciso fino* e *Goya inciso grueso*.

Os pesquisadores utilizaram metodologia e critérios oriundos do livro de Evans e Meggers (1969): “*El lenguaje de los Tiestos*”, e explicitam que os elementos que não mostravam variação temporal não foram considerados para diferenciar tipos, pois não tinham o critério (rígido) estabelecido nos seus referentes de análise.

As peças inteiras não receberam uma análise tipológica. Há uma revelação inconsistente na página quinze do impresso (Revista de Arqueologia e Etnologia/USP: DÉDALO, publicação de González, R.A. et al 1972): “[...] *los correspondientes a una misma vasija podrán estar classificados em más de um tipo cerâmico*”.

Ao afirmar esse dado, os pesquisadores assumem um problema que causa confusões até o presente, e que está dentro de um dos principais eixos da crítica ao histórico-culturalismo.

A organização da classificação recebida para cada tipo cerâmico, segue a seguinte ordem: quantidade de fragmentos, pasta (método de manufatura, antiplástico, textura, cor, cocção), superfície (cor), formas.

Sobre o método de manufatura para os quatro tipos cerâmicos há uma fragilidade quanto a determinação estipulada, que se observa através da discursividade nas seguintes passagens do texto: “*Nombre: Goya Simple [...] Método de Manufatura:*

*No se advierte con claridad. Em algunos cortes pueden verse pequeñas organizaciones concêntricas que hacen pensar en rodetes, pero no hay seguridad al respecto.*” (González, R.A. et al 1972:16) e *“Nombre: Goya Grueso [...] Método de Manufactura: Probablemente por rodete”* (González, R.A. et al 1972:20). Nos outros dois tipos a descrição do método de manufatura se refere a igualdade dos métodos entre *Grueso e Inciso Grueso e Simple e Inciso Fino*.

Os antiplásticos predominantes são cacos de cerâmica moídos e “clastos”, com maior ou menor quantidade, e com variação em seu tamanho.

Foram encontrados apêndices em cerâmica, os quais receberam uma divisão (9 grupos), onde quatro deles são caracterizados como oriundos de representações de psitacídeos, outros são representações de corujas e há os que foram caracterizados como sendo do grupo de miscelâneas. *Vertederos* com representações de psitacídeos (nas asas dos fragmentos de vasilhames), também foram encontrados.

As peças inteiras são na sua maioria miniaturas. Os autores afirmam que algumas delas possuem uma assimetria, e acreditam que isso pode indicar uma grande variedade de formas, além das que foram obtidas pelos elementos fragmentados. Ainda foram criadas categorias de análise: *“torteros”* – fragmentos circulares de cerâmica recortados de outros suportes em cerâmica já cozida; *“Trozos de barro cocido”* – fragmentos de argila amassados, sendo um deles com impressão de cestaria e quatro dos fragmentos poderiam ser pingentes (por serem fusiformes e com uma perfuração que atravessa a peça).

Embora algumas peças pudessem ter alguns elementos similares aos fragmentos que foram inseridos nas fases Goya, como por exemplo, a correspondência das pastas entre os materiais intrusivos e os de *Goya Simple*, os antiplástico de cacos de cerâmica, os elementos intrusivos foram considerados peculiares e, portanto, foram separados da coleção do sítio *Parana Miní 1*.

**Tabela 3. Síntese das informações sobre o Sítio Arqueológico *Parana Miní 2***

Sítio Arqueológico	Parana Mini 2(M2)
Expedição/Instituição	<i>Expedición del Museo de La Plata</i>
País/Estado/Região/Departamento	República Argentina/Província de Corrientes/Goya
Ano Intervenção	1948

Rio/Bacia Hidrográfica	Parana Mini/ Platina (Paraná e Uruguai)
Coordenada	Está localizado a 3Km do arroio Pescado, a 4,5 Km de M1.
Equipe	director Dr. Alberto Rex González; ajudante de campo Sr. Reynaldo de Santis
Cultura Material	Cerâmica
Observação	Apresenta-se como uma barranca alta
Local da Coleção	<i>División Arqueología del Museo de Ciencias Naturales de La Plata</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados de González et.al (1972).

A tipologia para a cerâmica (para as bordas) do sítio Paraná Mini 2 se assemelha a que foi determinada para o sítio Paraná Mini 1, em relação aos tipos, *Goya simple* e *Goya inciso fino*. Uma das alegações realizadas, foi de que o motivo com incisões rômbricas diferentes angularmente é um novo motivo e, portanto, diferente dos que foram encontrados em fragmentos do sítio M1. Sobre os apêndices (três), foram considerados irreconhecíveis.

**Tabela 4. Síntese das informações sobre o Sítio Arqueológico Parana Mini 3**

Sítio Arqueológico	Parana Mini 3 (M3)
Expedição/Instituição	Expedición del Museo de La Plata
País/Estado/Região/Departamento	República Argentina/Provincia de Corrientes/Goya
Ano Intervenção	1948
Rio/Bacia Hidrográfica	Parana Mini/ Platina (Paraná e Uruguai)
Coordenada	Está localizado na margem direita do Paraná Mini, em frente ao M2; em uma barranca de 2m ou 3m, coberta em sua maior parte pela vegetação.
Equipe	Director Dr. Alberto Rex González; ajudante de campo Sr. Reynaldo de Santis.
Cultura Material	Cerâmica; acúmulos de conchas/moluscos; restos de carvão vegetal.

Observação	Não apresenta albardões, nem elevações de aspecto <i>tumuliformes</i> ; A estratigrafia foi descrita em três <i>capas</i> .
Local da Coleção	<i>División Arqueología del Museo de Ciencias Naturales de La Plata</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados de González et.al. (1972).

Segundo os autores, os tipos cerâmicos do M3 são os mesmo do M1. A atenção recai sobre as bases encontradas (duas *planocôncavas*, duas *meniscocôncavas*, uma *biplana*). Em relação aos tipos: Goya simple, Goya grueso, Goya inciso fino e Goya inciso grueso. Foram encontrados apêndices com representações de psitácidos e outros motivos biomórficos.

**Tabela 5. Síntese das informações sobre o Sítio Arqueológico Parana Mini 4**

Sítio Arqueológico	Parana Mini 4 (M4)
Expedição/Instituição	Expedición del Museo de La Plata
País/Estado/Região/Departamento	República Argentina/Provincia de Corrientes/Goya
Ano Intervenção	1948
Rio/Bacia Hidrográfica	Parana Mini/ Platina (Paraná e Uruguai)
Coordenada	Está localizado na margem esquerda do Paraná Mini; tem extensão de $\cong 200$ m, encontra-se próximo da embocadura de dois canais.
Equipe	director Dr. Alberto Rex González; ajudante de campo Sr. Reynaldo de Santis
Cultura Material	Cerâmica; acúmulos de conchas/moluscos; restos de carvão vegetal
Observação	Semelhante ao sítio M3; não há montículos, nem acidentes naturais ou artificiais (são <i>capas</i> horizontais com restos arqueológicos e resíduos de alimentação).
Local da Coleção	<i>División Arqueología del Museo de Ciencias Naturales de La Plata</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados de González et.al. (1972).



González et.al. (1972) relatam que a duzentos metros do local onde foi encontrado materiais arqueológicos e resíduos de alimentação, foi relatado a presença de pequeno montículo, que segundo as descrições dos arqueólogos tratava-se de *médano* (acúmulo de areia), *fixado* pela vegetação. Os tipos estabelecidos para o sítio M4 são definidos como Goya simple, Goya inciso fino e Goya inciso grueso.

**Tabela 6. Síntese das informações sobre o Sítio Arroyo Pescado (P1)**

Sítio Arqueológico	Arroyo Pescado (P1)
Expedição/Instituição	Expedición del Museo de La Plata
País/Estado/Região/Departamento	República Argentina/Provincia de Corrientes/Goya
Ano Intervenção	1948
Rio/Bacia Hidrográfica	Parana Mini/ Platina (Paraná e Uruguai)
Coordenada	Está localizado na margem direita do Arroyo Pescado, afluente do Paraná Miní, a três Km do sítio M1.
Equipe	director Dr. Alberto Rex González; ayudante de campo Sr. Reynaldo de Santis
Cultura Material	Cerâmica; lítica e ósea.
Observação	Os tipos cerâmicos são iguais aos do sítio M1.
Local da Coleção	<i>División Arqueología del Museo de Ciencias Naturales de La Plata</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados de González et.al (1972).

Na categoria “Apêndices”, os autores mencionam que quatro fragmentos foram considerados inclassificáveis. Os tipos para esse sítio foram organizados em “*Goya simple*”, *Goya grueso*”, “*Goya inciso fino*” e “*Goya inciso grueso*”.

**Tabela 7. Síntese das informações sobre o Sítio La Fondita**

Sítio Arqueológico	Arroyo La Fondita
Expedição/Instituição	Expedición del Museo de La Plata
País/Estado/Região/Departamento	República Argentina/Provincia de Corrientes/Goya

Ano Intervenção	1948
Rio/Bacia Hidrográfica	Parana Mini/ Platina (Paraná e Uruguai)
Coordenada	Está localizado na margem direita do Arroyo La Fondita, afluente do rio Amores, a três Km do sítio M1.
Equipe	director Dr. Alberto Rex González; ajudante de campo Sr. Reynaldo de Santis
Cultura Material	Cerâmica.
Observação	Os tipos cerâmicos são similares aos do sítio M1.
Local da Coleção	<i>División Arqueología del Museo de Ciencias Naturales de La Plata</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados de González et.al (1972).

Segundo González et.al (1972), apesar da similaridade dos fragmentos cerâmicos comparados aos do sítio M1, a cerâmica do sítio *Arroyo La Fondita* apresenta hemática ocre como antiplástico, em grande quantidade. E ainda que a textura da cerâmica muda quando os antiplástico são de areia e fragmentos cerâmicos moídos.

O tipo estabelecido para esse sítio foi o “Goya inciso fino”. Na descrição de González et.al (1972) há menção a um fragmento que foi tratado a parte devido à presença de uma franja em zig-zag, delimitada por linhas incisadas e pontos. Segundo os autores essa decoração é própria das Províncias de Buenos Aires e Córdoba (Argentina).

**Tabela 8. Síntese das informações sobre o Sítio Isidoro 1 (II)**

Sítio Arqueológico	Arroyo Isidoro 1 (II)
Expedição/Instituição	Expedición del Museo de La Plata
País/Estado/Região/Departamento	República Argentina/Província de Corrientes/Goya
Ano Intervenção	1948
Rio/Bacia Hidrográfica	Parana Mini/ Platina (Paraná e Uruguai)
Coordenada	Está localizado na margem direita do Arroyo La Fondita, afluente do rio Amores, a três Km do sítio M1.

Equipe	director Dr. Alberto Rex González; ajudante de campo Sr. Reynaldo de Santis
Cultura Material	Cerâmica.
Observação	Os tipos cerâmicos são similares aos do sítio M1.
Local do Coleção	<i>División Arqueología del Museo de Ciencias Naturales de La Plata</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados de González et.al (1972).

**Tabela 9. Síntese das informações sobre o sítio Arroyo Isidoro 2 (I2)**

Sítio Arqueológico	Arroyo Isidoro 2 (I2)
Expedição/Instituição	Expedición del Museo de La Plata
País/Estado/Região/Departamento	República Argentina/Provincia de Corrientes/Goya
Ano Intervenção	1948
Rio/Bacia Hidrográfica	Parana Mini/ Platina (Paraná e Uruguai)
Coordenada	Está localizado na margem direita do Arroyo La Fondita, afluente do rio Amores, a três Km do sítio M1.
Equipe	Director Dr. Alberto Rex González; ajudante de campo Sr. Reynaldo de Santis
Cultura Material	Cerâmica.
Observação	Os tipos cerâmicos são similares aos do sítio M1.
Local da Coleção	<i>División Arqueología del Museo de Ciencias Naturales de La Plata</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados de González et.al (1972).

**Tabela 10. Síntese das informações sobre o Sítio Río de Los Amores (A1)**

Sítio Arqueológico	Sítio Río de Los Amores (A1)
Expedição/Instituição	Expedición del Museo de La Plata
País/Estado/Região/Departamento	República Argentina/Provincia de Corrientes/Goya

Ano Intervenção	1948
Rio/Bacia Hidrográfica	Parana Mini/ Platina (Paraná e Uruguai)
Coordenada	Está localizado na margem direita do Arroyo La Fondita, afluente do rio Amores, a três Km do sítio M1.
Equipe	Director Dr. Alberto Rex González; ajudante de campo Sr. Reynaldo de Santis
Cultura Material	Cerâmica.
Observação	Os tipos cerâmicos são similares aos do sítio M1.
Local da Coleção	<i>División Arqueología del Museo de Ciencias Naturales de La Plata</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados de González et.al (1972).

## CAPÍTULO 2

### 2.1 As representações nas construções discursivas

O discurso inicial construído a partir dos primeiros momentos de contatos entre Charruas e Minuanos com europeus é mantido, e passa pelas gerações de historiadores, arqueólogos e outros pesquisadores - mas não por todos - que juntamente com outros dados constroem uma representação que se mostra, na prática, distorcida da realidade. A prática da qual nos referimos perpassa pelo tema referente à cultura material cerâmica, de onde vem toda uma problematização para este estudo de caso – a cerâmica do sítio do Areal. Ao nos depararmos com os resultados da análise da cultura material, podemos perceber o distanciamento entre o que se pré-determinou (modelos e afiliações culturais e arqueológicas), e o que podemos desenredar através da análise da cerâmica.

A partir dessa problematização, não podemos deixar de realizar uma manobra, que consiste no retorno a alguns dos trabalhos científicos que parecem estar no cerne de nossas repetições, onde encontramos fatores que comprovam nossas teorias. Nosso objetivo aqui não é criticar as antigas pesquisas, mas encontrar o fio condutor que nos fornecerá suporte para entender os detalhes das escolhas de pesquisadores que realizaram análises com as cerâmicas do Areal.

É certo que, entendemos o esforço realizado da época (anos 60-80) para a compreensão dos contextos arqueológicos e históricos, mas ao mesmo tempo nos questionamos sobre o porquê da invisibilidade de algumas situações, já que a cerâmica apresenta-se de maneira materializada, com particularidades.

Nesse sentido, a proposta deste capítulo é o nosso retorno ao ponto de partida. Para isso buscamos apresentar a abordagem desta pesquisa associada às problematizações que encontramos inicialmente.

O produto acumulado que é essencial ao capital cultural dentro do universo social considerado, determina uma posição social que possui suportes objetivos associada a experiência, nesse caso, o ponto de vista tradicional/conservador da história colonial do Brasil, “na luta simbólica pela produção do senso comum ou, mais exatamente, pelo monopólio da nomeação legítima, os agentes investem o capital simbólico que adquiriram nas lutas anteriores e que pode ser juridicamente garantido.” (Bourdieu, 1990:163). O contexto é muito importante para a compreensão da análise,

pois os produtos acumulados essenciais do capital cultural “exprimem com mais coerência, através de suas obras essenciais, a consciência do grupo social ao qual pertencem [...] atingem ‘o máximo de consciência possível do grupo social que expressam’.” (Chartier, 2002:41).

A tentativa dos grupos é de autonomia e monopólio - o monopólio da violência simbólica legítima – “imposição simbólica que tem a seu favor toda a força do coletivo, do consenso, do senso comum, porque ela é operada por um mandatário<sup>10</sup> do Estado” (Bourdieu, 1989:146), que é o detentor. O detentor do monopólio do campo científico arqueológico nos anos 60 e 70 no Brasil era o *Smithsonian Institution*/Washington, que tinha como porta-vozes os arqueólogos Dra. Betty Meggers e Dr. Clifford Evans. Outro grupo de agentes no mesmo campo científico/simbólico que tensionavam com os preceitos dos norte-americanos eram de origem francesa, sua porta-voz no Brasil era a Dr<sup>a</sup>. Annette Laming-Emperaire que liderou a missão arqueológica franco-brasileira nos anos 70.

O agente, o grupo PRONAPA – Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (assume, portanto, uma posição relativa no espaço social), representa a constituição da existência de uma instituição que delega ordens de discursos oriundas de outro agente (*Smithsonian Institution*/Washington), levando em consideração a ampliação do campo simbólico/científico arqueológico no quadro americano e não somente brasileiro, causando um efeito de colonização científica, implicando em um transplante de ideias, modelos e conceitos que não se aplicam aos nossos assentamentos arqueológicos e a própria cultura material do Sul do Brasil, causando no presente, um sem número de confusões em relação às classificações impostas, que acabam tensionando com as (re) observação da prática impressa nas cerâmicas (conhecidas como Vieira, ou confeccionadas pelos Vieiras – o que levanta outro tipo de representação envolvendo uma etnia que não existe, mas que supostamente seriam os Charruas e/ou Minuanos), nos estudos atuais.

Através da nomeação de fases e tradições arqueológicas, o PRONAPA conseguiu impor uma “visão legítima de mundo social, os agentes investem o capital simbólico que adquiriram nas lutas anteriores e, sobretudo todo o poder que detêm sobre as taxinomias instituídas” (Bourdieu, 1989:146).

---

<sup>10</sup> Segundo Bourdieu (1990:164), “[...] A nomeação oficial, isto é, o ato pelo qual se outorga a alguém um título, uma qualificação socialmente reconhecida, é uma das manifestações mais típicas do monopólio da violência simbólica legítima, monopólio que pertence ao Estado ou a seus mandatários.”

Colocar a cultura material em escala evolutiva permitiu a criação de fases e tradições, pois foi objetivada, publicada, constituía o senso comum e principalmente era visível. Visível através dos atributos, da categorização e da classificação.

As categorias de percepção (Bourdieu, 1989:141) de uma determinada visão de mundo “são, no essencial, produto da incorporação das estruturas objetivas do espaço social.”.

González; Schmitz; Ceruti e Rizzo (1972:16) – ver no Capítulo 1/Nordeste Argentino -, sobre as cerâmicas dos sítios arqueológicos encontrados na zona de Goya (Corrientes), Argentina, afirmam que os elementos que não mostram variação temporal não foram considerados como critérios básicos para diferenciar tipos, e que os fragmentos de uma mesma vasilha poderiam estar classificados em mais de um tipo (por isso não foi contemplada a tipologia de peças inteiras).

Sobre o método de manufatura se concluiu que não se adverte com clareza, pois as organizações concêntricas que são características do método de acordelamento<sup>11</sup> poderiam “fazer pensar” em roletes, mas não se tem segurança à respeito. Essas ideias, retiradas de trechos de um impresso (Revista Dédalos, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Ano VIII, nº15/junho-1972), nos mostram que os “objetos do mundo social [...] podem ser percebidos e expressos de diversas maneiras, porque sempre comportam uma parcela de indeterminação e fluidez [...] elemento de incerteza [...] reforçado pelo efeito de categorização [...]”. (Bourdieu, 1990:161).

Os porta-vozes traem sem querer a visão de mundo defendida na construção da representação da tradição ceramista dos cerriteiros (Tradição Vieira), ao mesmo tempo em que constroem outras representações para outro espaço social<sup>12</sup> (Argentina). Nossa percepção se faz levando em consideração as diferentes nomeações tipológicas (fases: *Goya simple*, *Goya grueso*, *Goya inciso fino* e *Goya inciso grueso*), e as estipuladas para cada região da *Cuenca del Plata*.

As construções discursivas sobre a história indígena brasileira ocorrem desde os primeiros momentos de contato entre indígenas e não indígenas. Muitos são os projetos

<sup>11</sup> Segundo Bicho (2006), também é conhecida como técnica de cordoagem, dos rolinhos ou columbinos “o oleiro faz uma série de rolos de argila, que vai sobrepondo num círculo, aumentando o seu diâmetro para o bojo e depois diminuindo-o para fechar a boca do pote.” (Bicho, 2006:445)

<sup>12</sup> Segundo Bourdieu (1990:153) “É possível [...] comparar o espaço social a um espaço geográfico no interior do qual se recortam regiões. Mas esse espaço é construído de tal maneira que quanto mais próximos estiverem os grupos ou instituições ali situados, mais propriedades eles terão em comum; quanto mais afastados, menos propriedades em comum eles terão. As distâncias espaciais – no papel – coincidem com as distâncias sociais. Isso não acontece no espaço real.

de pesquisa que possuem como tema central o índio. Os pesquisadores encarregam-se de reconstruir os processos históricos através das fontes documentais escritas por diferentes agentes, sejam eles padres jesuítas, viajantes, e algumas vezes o próprio indígena. A partir das construções narrativas elaboradas pelos pioneiros - os reconstrutores de processos históricos de um primeiro momento historiográfico - percebe-se uma “continuação” do discurso fundador nas construções narrativas.

Estas se tornam muitas vezes obras clássicas que são largamente utilizadas pelo meio acadêmico. Em muitos casos o discurso inicial perpassa vários momentos historiográficos sem a realização de uma leitura crítica e atualizada das obras pioneiras. Assim, apresentaremos alguns elementos que constituem partes do discurso de duas obras consideradas clássicas para a literatura histórica e arqueológica, com ênfase sobre a construção do índio Charrua.

As obras que serão abordadas apresentam dados referentes aos costumes, modos, cultura material, etc., dos Charruas. Os dados que foram retirados de documentos, pesquisas arqueológicas e de inferências dos próprios autores serão colocados frente a uma problemática, o não questionamento das fontes e por consequência disso, temos no presente, um discurso que se perpetua e causa confusões a nível arqueológico e histórico.

Portanto, nosso recorte espacial será a região platina, especificamente o território que era englobado pela Antiga Província do Uruguai. As obras são: *Etnografía de la Antigua Província do Uruguay*, de Antonio Serrano publicada em 1936, e *El índio y la colonización: Charrúas y Minuanes*, de Ítala Irene Basile Becker publicada em 1982.

A pesquisa sobre as duas obras já referidas possui caráter emergencial devido à necessidade de se recorrer às referências bibliográficas de primeira ordem. A perspectiva da Nova História Indígena busca demonstrar que o índio é agente de sua história e que é possível trabalhar com a perspectiva ameríndia a partir do momento que a filosofia indígena seja pensada e posta na historiografia.

Nesta etapa da pesquisa, nosso objetivo é propor o revolvimento do tema, pois muitas obras ainda precisam receber uma decomposição de sua discursividade, afim de que possamos compreender o processo de formação narrativa e/ou discursiva a partir das condições de produção e da instituição enunciativa que dá ordem ao discurso e que nos sujeita a uma incorporação, onde tomamos uma posição de obediência.

Segundo Schmitz et al. (2006), o movimento renovador (Neolítico) atingiu em um determinado período da pré-história os caçadores dos campos da parte meridional do



Rio Grande do Sul. Apesar de afirmar que os campos não eram úteis para culturas com tecnologia neolítica, o autor citado conclui que a cerâmica foi “incorporada no seu patrimônio tecnológico, fazendo que eles sejam conhecidos hoje como tradição (ceramista) Vieira.” (Schmitz; Naue; Becker: 2006:101).

Basile Becker (1982) reforça uma representação descrita em Acosta y Lara (1961), que por sua vez fornece um dos dados primários, retirado de cartas que relatam os acontecimentos diários nas expedições do século XVIII durante o episódio de perseguição aos Charrúas pelo *Cuerpo de Blandengues de la Frontera de Montevideo*.

Segundo Basile Becker (1982:141), “[...] *Em las áreas ocupadas por los Minuanes em tempo pré-histórico es abundante la cerâmica, que los arqueólogos denominaron de Tradición Vieira,*”. No trecho em negrito (grifo nosso), há um tipo de contradição, com o que Antônio Serrano (1936) afirma. Ele realiza uma sistematização baseada na vida material de grupos que não se nomeiam ou que possuem uma localização duvidosa.

Assim, Serrano (1936) deixa claro que há a dificuldade de localizar alguns grupos étnicos nas proximidades do rio Ijuí e Ibicuí, mas que os indígenas daquela região são bem conhecidos devido à documentação jesuítica.

Na sequência apresentamos um quadro que representa o resultado de uma busca de trechos oriundos dos trabalhos de Basile Becker. O objetivo dessa sistematização é mapear não apenas os pontos interessantes sobre a alimentação, armas e utensílios dos Charruas, mas observar o ponto de partida da autora, através da busca de suas referências e/ou dos documentos que foram utilizados para construir sua pesquisa.

A compilação realizada por Basile Becker abre uma vasta possibilidade de pesquisa, e disso estamos plenamente seguros. Porém a maneira como as informações das fontes são processadas podem ser reavaliadas. É a partir dessa premissa que propomos o retorno às antigas publicações, o que de fato poderia nos revelar detalhes ocultados pela interpretação de obras clássicas, que são essenciais às nossas pesquisas, e por isso muitas vezes não nos damos conta que nossos autores também se utilizavam do recurso hermenêutico de outro contexto.

A questão aqui não é saber qual interpretação é a mais correta, mas sim compreender como estamos utilizando os dados que agregamos às nossas pesquisas.

Quadro 3. Sistematização de trechos da obra de Basile Becker - *El índio e la colonización: Charruas y Minuanes* (1982).

BECKER, Ítala Irene Basile. <i>El índio e la colonización: Charruas y Minuanes</i> . São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, Gráfica Unisinos, 1982.			
Tema	Citação	Referência da autora e/ou Fonte	Citação do autor referenciado
Alimentação/Charruas, Século XIX	<p>“Las carnes eran cocidas o asadas. Si los Charrúas también cocinaban otros alimentos es una pregunta para la cual los documentos no dan ninguna respuesta. Ésta podrá ser dada por la arqueología, cuando en toda la región sean constatados sitios cerámicos de fases y tradiciones diferentes.”</p> <p>(BECKER, 1982:138 e 139)</p>	(Construção textual da autora).	—
Alimentação/Charruas, Século XIX	<p>“Serrano (168) resume la situación de la siguiente manera: “Ningún documento habla de que los Charrúas fueran alfareros. Sin embargo, em los antiguos talleres líticos del Uruguay, entremezclados com resíduos</p>	<p>SERRANO, Antonio. <i>Emografía de la Antigua Provincia del Uruguay.</i> Paraná, 1936:105.</p>	<p>“Ningún documento habla de que los charrúas fueron alfareros. Sin embargo, em los antiguos talleres líticos del Uruguay, entremezclados</p>

<p>Alimentação/ Minuanos, Século XVII</p>	<p><i>de su industria de piedras e armas, aparece com certa frecuencia una alfarería primitiva, de formas simples, ovaladas o suglobulares, sin asas y com escassa o ninguna decoración. Esta alfarería reaparece com mas frecuencia em otras estaciones de la Banda Oriental. Por deducciones lógicas, no obstante el silencio de los documentos, atribuimos estos vestigios cerâmicos a los Charrúas.” (BECKER, 1982:139)</i></p>		<p><i>com resíduos de su industria de piedra y armas, aparece com certa frecuencia una alfarería primitiva, de formas simples, ovaladas o suglobulares, sin asas y com escassa p ninguna decoración. Esta alfarería reaparece com más frecuencia em otras estaciones de la Banda Oriental. Por deducciones lógicas, no obstante el silencio de los documentos, atribuimos estos vestigios cerâmicos a los charrúas.” (SERRANO, 1936:105)</i></p>
	<p><i>“El hallazgo de una olla junto a una sepultura (186) podría inducir a pensar de que también cocinaban alimentos,</i></p>	<p>ACOSTA Y LARA, Eduardo F. <i>La guerra de los Charrúas em la Banda</i></p>	<p><i>“Dia 20 [...] se emprendió la marcha y á las tres léguas poco menos se encontro</i></p>

	<p>posiblemente el cazable hecho de mandioca por las mujeres. (BECKER, 1982: 141)</p>	<p>Oriental. Período Hispánico. Impresores A. Monteverde y Cia. S. A. Montevideo, Uruguay, 1961, Capítulo XII:183)</p>	<p>outrou alio de los Enemigos em onde se adviertieron los Haces de Leña amarrados; los fogones que fueran encendidos é immediatam.te apagados y que los Ranchos los empresaron á parar y luego los abandonaron; También se hallaron dos sepulturas y una olla; Estas demonstraciones y la de perderse totalm. Te el rastro, indicaba q-e los Yndios nos habian descubierto [...]”</p> <p><b>[Documento: Diáριο de Pacheco: Parte de Pacheco al virrey del pino, haciéndole saber que em marcha para Santa Tecla há realizado nueva batida</b></p>
--	---	--	--

			<p><b>contra los charrúas. Batoví Chico, agosto 20 de 1801.]</b></p>
<p>Alimentação/ Minuanos, Século XVII</p>	<p>(187) <i>Em las áreas ocupadas por los Minuanes em tempo prehistorico es abundante la cerâmica, que los arqueólogos denominaron de Tradición Vieira.</i>” (BECKER, 1982:141)</p>	<p>PERNETTY, Antonio J. <i>Noticia sobre los Minuanes. Traducción del Original “De quelques particularités sur les indiens du Paraguay. In: Acosta y Lara: La Guerra de los Charrúas em la Banda Oriental. Período Histpânico. Impresores A. Monteverde y Cia S. A. Montevideo, Uruguay, 1961, Apêndice II:246.</i></p>	<p>“[...]Las mujeres están ocupadas em cultivar la mandioca, y em prepararla para hacer el <b>cazabe</b><sup>13</sup>. Su labor hogareño se limita a coser unas com otras las pieles de venado y de otros animales, com las que se cubren hombres y mujeres, y em preparar la comida para todos. [...]”</p> <p><b>[Documento: Noticia sobre los Minuanes por el Benedictino Antonio J. Pernetty.]</b></p>
<p>Armas e utensílios/ Charruas,</p>	<p>“[...] la cerâmica sería usada para la preparación de alimentos: ‘Sus utensílios</p>	<p>PEREA Y ALONSO, Xisto. <i>Filología comparada de as</i></p>	<p>“Sus utensílios son unos vasos de barro negro, que</p>

<sup>13</sup> Grifo nosso: (**Cazabe**) farinha de mandioca ou torta/pão de mandioca.

<p>Século XVI</p>	<p><i>son unos vasos de barro negro, que dejan secar al sol hasta que se vuelve duro. Em estos vasos cuecen la carne de avestruz.</i> (129)". (BECKER, 1982:133)</p>	<p><i>lenguas y dialectos Arawack. Instituto de Estudios Superiores, pp. XII a CX y pp. 1 a 684. Montevideo, 1942. In Acosta y Lara: Los Chaná-Timbúes em la Banda Oriental. Apartado de Anales del Museo de Historia Natural. Montevideo, Uruguay, 1956.</i></p>	<p><i>dejan secar al Sol hasta que se vuelve duro. Em estos vasos cuecen la carne de avestruz."</i> (PEREA Y ALONSO, 1942: XLVIII).</p>
<p>Produção/ Charruas, Século XVI</p>	<p><i>"Para la cerámica tenemos apenas una referencia ligada a su confección y uso. (18)"</i> (BECKER, 1982:87)</p>	<p><i>AZARA, Felix de. Descripción e Historia del Paraguay y del Río de la Plata. In Biblioteca Histórica Colonial. Ed. Bajel. Buenos Aires. 3ª. Edición, 1943.</i></p>	<p>—</p>

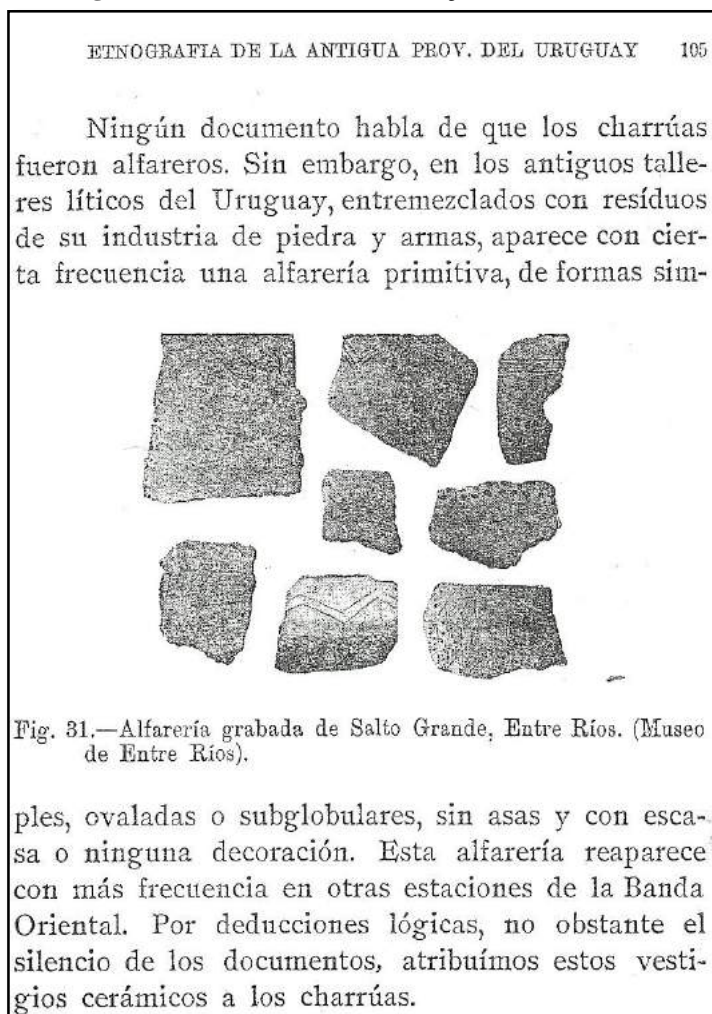
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados de BECKER (1982).

**Figura 13. Páginas 138 e 139 (BECKER, 1982) – Alimentação Charrua/Século XIX.**

Las carnes eran cocidas o asadas. Si los Charrúas también cocinaban otros alimentos es una pregunta para la cual los documentos no dan ninguna respuesta. Ésta podrá ser dada por la arqueología, cuando en toda la región sean constatados sitios cerámicos de fases y tradiciones diferentes. Serrano(168) resume la situación de la siguiente manera: "Ningún documento habla de que los Charrúas fueran alfareros. Sin embargo, en los antiguos talleres líticos del Uruguay, entremezclados con residuos de su industria de piedra y armas, aparece con cierta frecuencia una alfarería primitiva, de formas simples, ovaladas o subglobulares, sin asas y con escasa o ninguna decoración. Esta alfarería reaparece con mas frecuencia en otras estaciones de la Banda Oriental. Por deducciones lógicas, no obstante el silencio de los documentos, atribuimos estos vestigios cerámicos a los Charrúas."

Texto escaneado e editado pela autora. Fonte: BECKER, 1982.

**Figura 14. Página 105 (Serrano, 1936) – Citação de Becker (1982:138 e 139).**



Texto escaneado e editado pela autora. Fonte: SERRANO, 1936.

Figura 15. Página 141 (BECKER, 1982) – Alimentação Minuanos/Século XVII.

El hallazgo de una olla junto a una sepultura(186) podría inducir a pensar de que también cocinaban alimentos, posiblemente el cazabe hecho de mandioca por las mujeres.(187) En las áreas ocupadas por los Minuanes en tiempo prehistórico es abundante la cerámica, que los arqueólogos denominaron de Tradición Vieira.

Texto escaneado e editado pela autora. Fonte: BECKER, 1982.

Na imagem abaixo (Figura 16), podemos verificar que Acosta Y Lara está realizando uma compilação do Diário das campanhas do *Cuerpo de Blandengues de la Frontera de Montevideo*. Os homens (*Baqueanos*) encontraram sepulturas e não fogões ou fogueiras. Becker realiza uma junção de dados que contemplam informações objetivas (*Olla* – panela), e através de sua visão de mundo busca justificar ou induzir que a *olla* foi utilizada para cozinhar alimentos, quando estas foram encontradas em sepulturas.

Figura 16. Fonte utilizada por BECKER (1982) para a interpretação indutiva sobre o uso das cerâmicas (para cozinhar).

*Dia 20.* Aman.o cielo claro y oris.tes calimosos v.to SE. re-  
cio y frio. En la noche no hubo acontecido; La Caball.a no tuvo  
pasto por estár el lugar de la Pascana muy pelado á causa de la  
porcion grande de Haci.da alzada que se advirtió; Salieron los  
Baq.nos á reconocér el Campo y exáminar el rumbo del rastro,  
volvieron al apuntar el Sol con la noticia q.e el rumbo era el  
mismo ESE. y q.e siempre giraba á la Costa; se emprendió la  
marcha y á las tres leguas poco menos se encontró otro alto de

LA GUERRA DE LOS CHARRÚAS

183

los Enemigos en donde se advirtieron los Haces de Leña amarra-  
dos; los fogones que fueron encendidos é immediatam.te apaga-  
dos y que los Ranchos los empearon á parár y luego los abando-  
naron; Tambien se hallaron dos sepulturas y una olla; Estas de-  
mostraciones y la de perderse totalm.te el rastro, indicaba q.e  
los Yndios nos habian descubierto; se hizo alto (salieron los Ba-  
queanos encima de los Cerros á exáminar el Campo y solo se ad-  
virtió un pequeño movim.to en las Yeguas Vaguálas p.r lo qual  
se dispuso variar el rumbo al SO. y atrabesár dando un rodéo

Texto escaneado e editado pela autora. Fonte: ACOSTA Y LARA, Eduardo F. La guerra de los Charrúas em la Banda Oriental. Período Hispánico. Impresores A. Monteverde y Cia. S. A. Montevideo, Uruguay, 1961, Capítulo XII:183.



**Figura 17. Cazabe e os Minuanos**

Las mujeres están ocupadas en cultivar la mandioca, y en prepararla para hacer el cazabe. Su labor hogareña se limita a coser unas con otras las pieles de venado y de otros animales, con las que se cubren hombres y mujeres, y en preparar la comida para todos. Los hom-

Texto escaneado e editado pela autora. Documento: Noticia sobre los Minuanes por el Benedictino Antonio J. Pernetty. In: Acosta Y Lara, 1961: 246.

Segundo as informações na imagem acima (Figura 17), podemos verificar que o *cazabe* era fabricado pelos Minuanos (mulheres). Além disso, o documento traz outros dados sobre as cocções. Neste caso, podemos verificar informações específicas sobre os Minuanos (não se referem aos Charruas).

**Figura 18. Século XVI – Charruas cozinham carne de avestruz em vasos de barro negro.**

Exclusivamente para la captura de animales sería la red de caza y la de pesca(128); la cerámica sería usada para la preparación de alimentos: "Sus utensilios son unos vasos de barro negro, que dejan secar al sol hasta que se vuelve duro. En estos vasos cuecen la carne de avestruz."(129)

Texto escaneado e editado pela autora. Fonte: BECKER, 1982: 133.

Em outra parada do Cuerpo de Blandengues, na busca pelos inimigos – os Charruas, está registrado no Diário (compilado por Acosta Y Lara), que são encontradas *humos de fogones* – fumaça/cinzas de fogões, mas esta é a única informação. Não são encontradas *ollas*. Na decomposição dos discursos, podemos perceber que Becker reuni dados separados pelo espaço (*olla* na sepultura fumaça/cinzas de fogões), porém são episódios distintos e os dois indícios não ocorrem juntos, nem no mesmo local.

**Figura 19. Segunda parada do Cuerpo de Blandengues, na perseguição aos Charruas.**

José Rondeau con doce Hombres y los Baqueanos á bombear el primer gajo del Tacuarembó; á puestas de sol llegó abiso de este oficial de haber encontrado otra Parada de los Enemigos, y tambien descubierto los humos de sus fogones, quedando en espera de la noche p.a hacer mejor obserbación; A las ocho llegó Ron-

Fonte: texto escaneado e editado pela autora. Fonte: ACOSTA Y LARA, Eduardo F. La guerra de los Charrúas em la Banda Oriental. Período Hispánico. Impresores A. Monteverde y Cia. S. A. Montevideo, Uruguay, 1961, Capítulo XII:183).

O livro *Etnografía de la Antigua Provincia del Uruguay* /1936, consiste em um trabalho mais extenso e desenvolvido sobre o tema. Antônio Serrano irá reunir nessa

obra referências linguísticas e arqueológicas para pensar o território dos grupos étnicos que habitaram a Província do Uruguai. O autor divide os grupos indígenas que ocupavam a Província do Uruguai em três grandes nações: na porção setentrional do território habitavam os *Guayaná*, na central e oriental os Tupi-Guarani e na meridional os *Chaná-Charrúa*. Os dados colocados por Serrano, Basile Becker e Schmitz, acabam por se misturar e constroem uma representação étnica associada à cultura material para os grupos pretéritos Charruas e Minuanos, da região em questão.

Apresentaremos na sequencia pontos importantes da obra de Antonio Serrano, afim de que possamos compreender, assim como foi proposto para a obra de Basile Becker, de onde vem os dados que utilizamos em nossas pesquisas. No desenvolvimento dessa pesquisa, procuramos abordar as etapas de entendimento científico, para desta maneira possamos compreender o mapa conceitual apreendido por pesquisadores para a região do Areal. De antemão, podemos perceber que alguns dados estão muito imbrincados, e ao longo dessa pesquisa podemos perceber que existe muito mais por trás das verdades que utilizamos para nossas pesquisas.

## **2.2 Pontos importantes da obra: *Etnografía de la Antigua Provincia del Uruguay/1936* (Antonio Serrano)**

### ***Introdução (Dos Palabras, pp. 09-11)***

#### ***1º Capítulo: El Río Uruguay y la Antigua Provincia de su nombre***

##### Informações sobre o Charrua documentado:

No primeiro capítulo da obra, Antonio Serrano, irá realizar uma sistematização sobre os aspectos do Rio Uruguai, enfatizando as características fisiográficas das regiões lindeiras, onde estão os afluentes e os arroios do mencionado rio. A antiga Província do Uruguai e as nações indígenas que habitaram o território no período de contato com jesuítas, foram trabalhadas no sentido de se compreender os limites territoriais associados aos limites geográficos entre o Uruguai, Argentina e Brasil. O autor buscará sobrepor dados arqueológicos aos dados etnográficos, realizando algumas afirmações e generalizações que se perpetuam até hoje.

Os elementos de localização sobre o Rio Uruguai - considerado por Serrano um símbolo de cordialidade, por onde cruzaram e cruzam sentimentos de irmandade, serão exaustivamente trabalhados no decorrer da narrativa, levantando a questão dos territórios uruguaio, do Estado do Rio Grande do Sul/Brasil, das terras adjacentes da

mesopotâmia argentina e do Estado de Santa Catarina, retiradas dos documentos oficiais jesuíticos.

Sobre o território dos grupos Charrúas, Serrano se baseia em um quadro geral étnico escrito por Von Ihering, o qual é considerado por ele, um aporte respeitável.

Alguns temas são desenvolvidos isoladamente na obra, assim selecionamos alguns que possam estar relacionados com a interpretação desenvolvida por pesquisadores da cerâmica do Areal, e isto muito intrinsecamente. Pois as generalizações atingem proporções que perdemos de vista os dados iniciais.

**Território:** Com intuito de apresentar um quadro completo da etnologia e da etnografia da antiga Província do Uruguai, (pois seu argumento recai sobre a falta de localização a certos núcleos étnicos), o autor crê ter resolvido problemas de cunho linguístico dos Charrúas e a questão do isolamento destes em meio aos Gês meridionais.

**Localização dos Charrúas:** A ideia de publicar a obra foi devido a uma lei do Congresso, onde a história deveria abarcar não só os processo histórico do Uruguai, mas também a pré-história e a proto-história. Antonio Serrano foi um dos colaboradores da obra *História de la nación argentina*, a qual lhe foi confiado o capítulo *Los tributários del Río Uruguay*.

Portanto, “*Etnografía de la antigua Provincia del Uruguay*” /1936, consiste em um trabalho mais extenso e desenvolvido sobre o tema. O autor reuniu nessa obra referências linguísticas e arqueológicas para pensar o território dos grupos étnicos que habitaram a Província do Uruguai.

**Justificativa da obra:** Serrano procura explicar as migrações dos grupos indígenas canoieiros a partir de uma informação contida em Azara “*Fué em 1800, que aprovechando uno bajada del río, cruzaron unos doscientos indios, desde las costas brasileiras a las argentinas, a la altura de Concepción.*” (1936: 16)

**Migrações:** Os principais afluentes do Rio Uruguai são definidos dentro de cada território. Na Argentina, o Rio Pepiry-Guazú, Aguapey, Miniñay, Ayuy Grande e **Gualeguaychú**. No Brasil, o Rio Peixes, Chapecó (ambos na margem direita), e os rios Passo Fundo, Varzea, Ijuhi-Guassú e Piratinin (ambos na margem esquerda). No Uruguai, o Rio Cuarahy (limite entre Brasil e Uruguai), Arapey, Daymán, Queguay e o Rio Negro.

**Principais áreas do Uruguai, dentro de cada limite político do Brasil, Argentina e Uruguai (delimitação das fronteiras territoriais posteriormente étnicas):**

Sobre a Província do Uruguai, Serrano utiliza as informações de documentos oficiais da Companhia de Jesus para afirmar que o território do Uruguai (país) pertencia ao território da Província do Uruguai, que por sua vez pertenciam a Cia de Jesus. Com referência aos indígenas que ocupavam a região uruguaia, ele utilizará a informação do Padre Mastrilli (1626) para afirmar que em toda a província (aqui ele se refere ao território uruguaio), os povoados indígenas são muito esparsos e o total de indivíduos é de cerca de vinte mil.

**Reforço sobre o território jesuítico:** Sobre os aspectos fisiográficos o autor enfatiza sobre a região de banhados no Departamento de Rocha, informando que há uma similaridade ambiental no Departamento de Gualeguaychú, e que naquele local abundam as construções chamadas pelos povoadores do local de “cerritos” ou “terremotos” de índios.

Sobre os montículos, Serrano informará que são motivo de discussões no Delta e no Departamento de Gualeguaychú, por não saberem se é de origem natural ou artificial. Ainda argumenta que Carlos Ferrés (1927 – obra: *Los terremotos de los indios*), seria o único pesquisador que poderia fornecer explicações, embora este se refira muito mais aos detalhes gerais desses montículos, do que aos detalhes estratigráficos.

Serrano divide os grupos indígenas que ocupavam a Província do Uruguai em três grandes nações: na porção setentrional do território habitavam os Guayaná, na central e oriental os Tupi-Guarani e na meridional os Chaná-Charrúa.

**Divisão das Províncias etnográficas:** Ainda, o autor se detém a explicar o termo “*Tapuya*”, que designava segundo os primeiros viajantes todas as tribos que eram inimigas do Guaranis, ou que não falavam sua língua. Informa Serrano que Soares de Souza inclui os Charrua dentro dessa designação geral.

Utilizando os dados da documentação jesuítica ele informa a classificação dos agrupamentos de indígenas na região da Província do Uruguai, argumentando que essa classificação não é “racional” do ponto de vista étnico. Como essas informações não interessam para o estudo das Missões Jesuíticas, Serrano achou importante considerá-las. A classificação para os indígenas consiste em: “*camperos*”, “*caiguaes*”, “*selvícolas*” e “*canoeros*”.

Os “*camperos*” seriam os *Guayanás* que ocupavam os campos nos Estados meridionais do Brasil. Porém, o autor informa que com poucas exceções “*camperos*”, se refere aos *Guayanás*.

Citando o Padre Mastrilli (1628), o autor informa que muitos campos dão nome a muitos índios que os habitavam, e que haviam distinções das “nações” que viviam no mato e nos rios.

Sobre as exceções, Serrano deixa implícito em sua narrativa que haviam “camperos” de nação Guaraní e *Guayaná* que não eram “camperos”.

*Caiguás* era a nomenclatura utilizada pelos Guaraní para designarem as tribos que habitavam a selva. Em *Misiones*, os *caiguás* poderiam ser Guaraní ou *Guayanás*.

Os “*canoeros*” eram bons navegadores e habitavam as margens dos rios, que eram segundo Serrano (1936) índios Guaraní e *Guayanás*.

Nomenclaturas utilizadas por viajantes e pelos padres jesuítas:

**Figura 20. Mapa construído por Antonio Serrano. O autor utilizou um método de sobreposição de dados históricos, étnicos e arqueológicos.**



Fonte: Serrano, A. *Etnografía de la Antigua Provincia del Uruguay*, p.33, 1936.

Serrano menciona que a tarefa de sistematizar as tribos indígenas é árdua, porque havia o costume dos missionários de chamar de Guaraní os índios guaranizados por eles, sendo por isso muito confuso realizar tal sistematização. Segundo dados da

carta do Padre Manuel Quirini (1750), os Charruas e os Guenoas eram os únicos grupos que não haviam proporcionado membros para as reduções.

Serrano realiza uma sistematização que se baseia na vida material de grupos que não se nomeiam ou que possuem uma localização duvidosa. Ainda, o autor deixa clara a dificuldade de localizar alguns grupos étnicos nas proximidades do rio Ijuí e Ibicuí, mas que os indígenas daquela região são bem conhecidos devido à documentação jesuítica. Confusão sobre localizações dos grupos étnicos: Sobre as fontes documentais para “*el conocimiento de la massa indígena*” (Serrano, 1936:36) utiliza a documentação jesuítica (cartas ânuas, mapas, livros e relatos), ele argumenta que as informações precisam de uma complementação arqueológica.

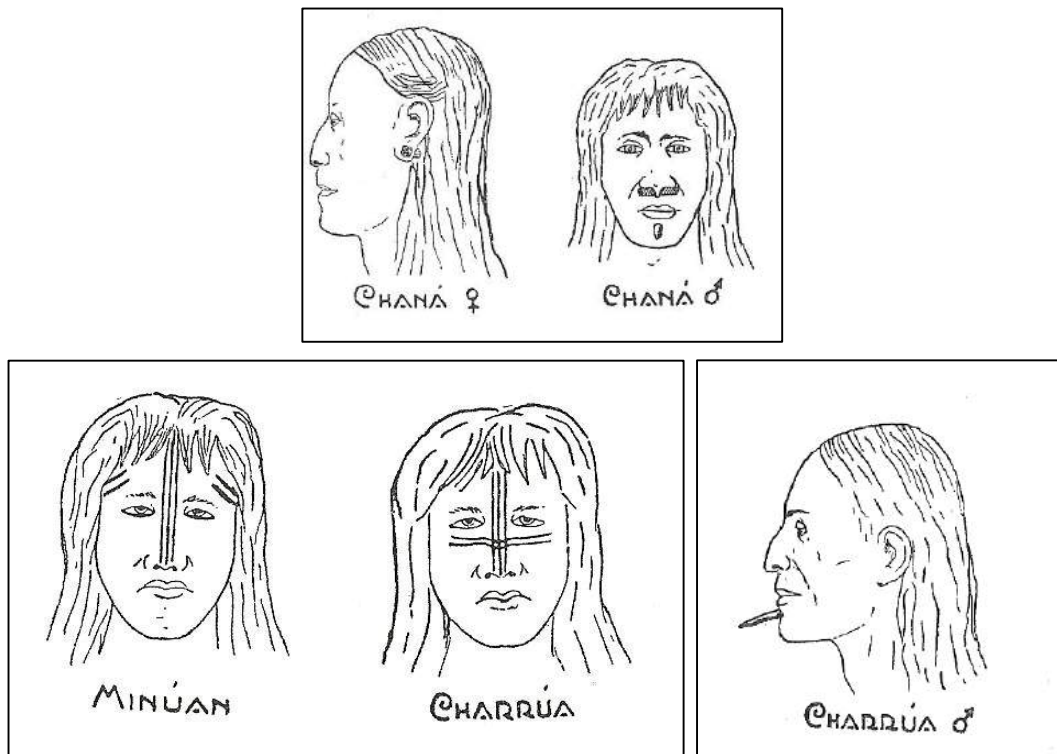
## ***2º Capítulo: Los Chaná-Charrúas***

Chanás e Charruas são grupos étnicos diferentes, ambos ocuparam o território da antiga Província do Uruguai, incluindo a costa bonaerense e ambas as costas do Rio Uruguai. No período de contato chegaram a ocupar as costas do Rio Paraná e grande parte do Estado do Rio Grande do Sul/Brasil.

Os *Chanás-charrúas* possuem uma vinculação linguística com os atuais Kaingang, além disso possuem algumas semelhanças, pois ambos os grupos indígenas não são agricultores, o tipo de habitação era o mesmo, quando um parente morria eles amputavam uma falange.

Devido a essas semelhanças linguísticas e culturais, Serrano afirma que é possível agrupá-los em uma mesma “nação”. Porém, eles possuem diferenças, os Chanás eram canoeiros e pescadores, as mulheres usavam adornos auriculares e os homens tembetás e adornos nasais e enterravam seus mortos propositalmente em cemitérios.

**Figura 21. Representações dos Chanás, Minuanos e Charrúas.**



Fonte: Serrano, A. Etnografía de la Antigua Provincia del Uruguay, p.74, 1936.

### **2.3 Crítica e (re)análise contextual e artefactual Jardim(2003) para as cerâmicas do sítio do Areal:**

Jardim (2003) argumenta que a dispersão de termóforas e fragmentos cerâmicos constituem estruturas que remetem a uma reconstituição contextual atribuída aos grupos Charruas, inferência essa realizada principalmente por analogia etnográfica.

Faz-se necessário salientar que a partir de nossas escolhas metodológicas de análise para a cerâmica optamos por observar as concentrações ou Unidades Sócio-Produtivas denominadas por Jardim 2003, em conjunto e individualmente, e assim nossa primeira colocação sobre a interpretação dada por aquele ao contexto cerâmico dos sítios. A nossa problematização partiu da análise da cultura material e assim, chegamos à conclusão que as estruturas que comportam fragmentos cerâmicos não são necessariamente remanescentes de oito à dez estruturas de termóforas, cada qual com sua vasilha, conforme sugerido por Jardim, mas que pertencem à três vasilhas fragmentadas e deslocadas de um quadrante para outro, pela ação da remobilização das areias, chuvas e atividades antrópicas. Desta maneira, refutamos para a nossa interpretação o modelo de assentamento proposto por Jardim, primeiramente pela nossa contemplação do olhar sobre a materialidade, o que possibilitou uma outra compreensão

que está mais ligada à esfera da ação e práticas humanas, do que à convenções normativas que são abduções do tipo “onde há fumaça, há fogo”. Nos perguntamos se onde há fogo, há sempre cocção de alimentos?

Sem nos utilizarmos de uma pré-noção étnica (Charruas), embora os relatos sejam sedutores para a construção de modelos, optamos por levar em consideração apenas a categoria “indivíduos” ou “grupos” de indivíduos, pois acreditamos que afirmar a etnia seja algo arriscado e inconstante. E assim, apostar em algo comum, mas extremamente importante - os indivíduos e/ou grupos e suas práticas. Além disso, e conforme o que Jardim (2003) e outros pesquisadores da região afirmam, as interações entre grupos eram uma constante, e os períodos de ocupação devem ser relativamente pensados em contextos que apresentam material cerâmico junto a materiais líticos de grupos caçadores-coletores.

#### **2.4 Sobre as construções das Tradições Arqueológicas**

Segundo Dias (2007), a pesquisa arqueológica objetiva “promover a compreensão da relação entre escolhas tecnológicas e padronização da cultura material e como estas refletem aspectos de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico” (STARK, 1998 apud DIAS, 2007:60). Segundo a autora, independente do enfoque teórico que a pesquisa arqueológica recebe, a relação entre variabilidade artefactual e identidades sociais constitui uma das problemáticas mais questionadas nos estudos arqueológicos.

O questionamento colocado pela autora consiste em buscar a compreensão sobre quais aspectos justificariam interpretar a variabilidade artefactual, concernente a um contexto específico (regional), vinculados a uma Tradição Arqueológica, bem como analisar criticamente, a partir de sua posição teórica (seu ponto de vista), a validade das categorias conceituais utilizadas pelo PRONAPA na área estudada por Dias<sup>14</sup>. A busca da autora se faz a partir de uma posição teórica que utiliza a antropologia das técnicas e os estudos de estilo tecnológico, onde a partir de uma discussão foram apresentadas as implicações da perspectiva que tradicionalmente iniciou-se na década de 60 no Brasil (histórico-cultural), a qual utiliza os conceitos de fase e tradição na articulação entre os

---

<sup>14</sup> Dias realiza seu estudo na região nordeste do Rio Grande do Sul, no alto vale rio dos Sinos, que arqueologicamente é definida pelas Tradições Umbu e Humaitá (DIAS, 2003; 2007).



aspectos contextuais, os quais são um dos fortes fatores para a variabilidade artefactual, segundo seus preceitos (DIAS, 2007:60).

Dias (2007) aplica este questionamento, a partir de seu ponto de vista teórico para a interpretação arqueológica no alto vale do rio dos Sinos, no nordeste do Rio Grande do Sul.

Para isso, a autora adota uma perspectiva diferente para o estudo relacional entre variabilidade artefactual e identidades sociais, a partir de um novo questionamento que centraliza e valida a ideia de escolhas tecnológicas como reflexo de fronteiras e identidades sociais, de maneira que as categorias conceituais oriundas da antropologia das técnicas e dos estudos de estilo tecnológico demonstrem uma hegemonia científica, ganhando também o poder de nomeação e espaço dentro de um campo científico, uma autonomia, que em um momento anterior foi disputada cientificamente por outros grupos de agentes (de perspectiva histórico-cultural) que pesquisaram, analisaram, escreveram e publicaram os resultados das pesquisas arqueológicas brasileiras.

Discutindo a perspectiva histórico-cultural, Dias (2007) pontua o objetivo principal do PRONAPA, que consistiu em “estabelecer um esquema cronológico do desenvolvimento cultural no país, através de trabalhos prospectivos de caráter regional e seriações” (FORD, 1962 apud DIAS, 2007:60).

As tradições arqueológicas eram formadas por fases, as quais eram criadas a partir de sequencias seriadas de uma mesma região, definindo a dinâmica de ocupação do espaço no tempo pelos grupos caçadores-coletores pré-coloniais, para as investigações pronapianas (DIAS, 1994, 1995, 2007).

Buscando subsídios no mecanismo do espaço de consagração da autonomia das publicações científicas no âmbito das produções do PRONAPA, Dias (2007) encontra base sólida e um importante argumento de antítese, o glossário “Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica” (CHMYZ, 1966, 1976).

Segundo Barreto (1999-2000) e Dias (2007) os conceitos definidos na “Terminologia” são oriundos da tradição norte-americana, e são encontrados na obra de Willey e Phillips (*Method and theory in American Archaeology*, 1958).

“A abordagem histórico-cultural popularizou-se na arqueologia norte-americana a partir da década de 1920, possuindo um enfoque eminentemente classificatório, voltado à organização de cronologias regionais através de comparações estratigráficas ou de seriações. [...] O cerne das preocupações de Willey e Phillips encontra-se na busca de uma postura propriamente científica para a arqueologia norte-

americana, marcada, até então, pelo empiricismo da escola histórico-cultural.” (DIAS, 2007:60e 61).

Contudo, Barreto (1999-2000), baseada em Chmyz (1969), afirma que houve uma exceção sobre a definição de padronização terminológica entre os grupos de missões arqueológicas no Brasil, embora houvesse declaradamente discordâncias teóricas e práticas metodológicas divergentes umas das outras.

Em nota explicativa na segunda edição (revista e ampliada em 1976) da “Terminologia”, Chmyz (1976:119) menciona que o Seminário de Ensino e Pesquisa em Sítios Cerâmicos reuniu especialistas “sob a orientação de arqueólogos da Smithsonian Institution, de Washington D.C.”. Ainda que, as contribuições para os verbetes foram realizadas por José Proença Brochado (UFRGS), Eurico Th. Miller (Taquara/RS) e Pedro Ignácio Schmitz (IAP/UNISINOS).

Um dado interessante sobre o espaço onde foram definidos os termos, o qual poderá justificar certas escolhas relacionadas às pesquisas arqueológicas brasileiras, diz respeito ao Congresso Internacional de Americanistas [XXXVI] - ( em 1966 – Mar del Plata /Argentina, onde ocorreu o Primeiro Seminário de Ensino e Pesquisa em Sítios Cerâmicos), posteriormente em Belém, Pará (ocorreu o segundo Seminário em 1968, o qual gerou a publicação da II Parte da Terminologia Arqueológica para a Cerâmica, publicado em 1969, nos Manuais de Arqueologia do CEPA), e em 1970 ocorreu o XXXIX Congresso Internacional de Americanistas, em Lima, Peru, onde realizou-se o Terceiro Seminário, onde outros pesquisadores, A. Mentz Ribeiro e Pe. João Alfredo Rohr enviaram sugestões terminológicas (CHMYZ, 1976). Somente em 1976 foram publicados os acréscimos na “Terminologia”, nos Cadernos de Arqueologia do Museu de Arqueologia e Artes Populares, Paranaguá/Paraná.

Dias (1994, 2007) argumenta que a utilização dos conceitos de fase e tradição foram utilizados descolados “do corpo teórico”, e a foram a finalidade última dos arqueólogos que realizaram pesquisas na região Sul do Brasil.

## **2.5 Tradição e Fase: perspectiva histórico-cultural**

Dias (2007), dispõe as etapas do trabalho arqueológico segundo o que Willey e Phillips (1958), consideram importantes para o realinhamento com a antropologia social (observação – integração histórica - cultural e interpretação processual), pois para os

autores seria a partir desta base teórica que a arqueologia estaria desempenhando uma prática essencial no processo de produção do conhecimento científico, na época. Portanto, após a observação dos “produtos materializados do comportamento humano” (WILLEY; PHILLIPS, 1958:4 apud DIAS, 2007:61), estes eram descritos durante a etapa de integração histórico-cultural que tem como objetivo “descrever os acontecimentos de uma unidade cultural específica, em um tempo e espaço determinados” (DIAS, 2007:61).

O método de integração histórico-cultural tem por base a classificação, e utiliza os conceitos de tipos e unidades arqueológicas. Através dos tipos associados aos contextos arqueológicos critérios ou indicadores são selecionados pelo pesquisador para “**representar** uma realidade comportamental, entendida como norma pelas sociedades que produziram o artefato sob análise” (DIAS, 2007:61). A constatação da duração do conteúdo formal de uma unidade arqueológica no tempo e no espaço pela verificação dos tipos, porém a unidade arqueológica “varia em magnitude e em função da quantidade de tempo e espaço que subentende [...]: unidades arqueológicas básicas e unidades arqueológicas integrativas” (DIAS, 2007:61).

“As unidades arqueológicas básicas são representadas pelos conceitos de componente e fase. Um componente é a manifestação de um dado foco arqueológico num sítio específico, não podendo ser considerado propriamente como uma unidade taxonômica [...] o conceito de fase [...] uma unidade arqueológica que possui traços suficientemente característicos para distingui-la e todas as outras unidades similarmente concebidas, seja da mesma ou de outras culturas ou civilizações, especialmente limitada pela magnitude de uma localidade ou região e cronologicamente limitada a um intervalo de tempo relativamente breve.” (DIAS, 2007:61)

Dias (2007) dá indícios de uma possível utilização do conceito de representação sobre a gênese dos conceitos (fase e tradição), embora este esteja colocado no seu contexto textual como substituição, nos trechos de explicação que detalham as definições originais dos conceitos, o que leva a crer que as representações de uma determinada fase pudessem ser lidas pelos arqueólogos que utilizaram esse método, no Brasil, como que um refinamento técnico estivesse associado à um desenvolvimento biológico do indivíduo e ainda associado aos dados etnográficos e etnohistóricos coletados pelos cronistas, viajantes e padres jesuítas, que além de trazerem também representações sobre as populações originárias, trazem também o imaginário de uma visão ocidental.

A estereotipagem que relaciona grupo étnico e cultura material na perspectiva histórico-cultural no Brasil, e que são enquadradas dentro das Tradições Arqueológicas indica, de início que a Tradição, seja ela Vieira, Umbu, Humaitá, Taquara, etc., foram construídas com base firme sob o conceito de representação coletiva, encontrados de maneira implícita nos estudos estrutural-funcionalistas, exemplificados nos trabalhos de Emile Durkheim e Radcliffe-Brown, e assim por diante em outros autores que buscam uma definição dos conceitos de representação coletiva, representação social e imaginário, a exemplo, Pierre Bourdieu, Roger Chartier, Robert Darnton e outros pesquisadores.

Para as unidades arqueológicas integrativas, Dias (2007) explica que os conceitos de horizonte e tradição efetivam a análise da integração histórico-cultural. Seguindo as definições de Willey e Phillips (1958), para o conceito de horizonte entende-se como “uma continuidade espacial, representada principalmente por traços culturais, cuja natureza e modo de ocorrência permitem a suposição de uma vasta e rápida dispersão” (WILLEY; PHILLIPS, 1958:33 apud DIAS, 2007:62).

Por ter se tornado um conceito polissêmico entre os arqueólogos americanos, Willey e Phillips (1958), sistematizam o conceito de tradição, o qual consiste em uma “tradição arqueológica [...] fundamentalmente uma continuidade temporal representada por configurações persistentes em tecnologias únicas ou outros sistemas de formas relacionadas” (WILLEY; PHILLIPS, 1958:37 apud DIAS, 2007:62).

“O conceito de tradição subentende uma unidade ou uma série de unidades arqueológicas básicas (fases) relacionadas entre si, que são socialmente transmissíveis e persistentes no tempo. Portanto, uma tradição seria caracterizada principalmente pela profundidade temporal, enquanto um horizonte teria por marca distintiva a amplitude geográfica.” (DIAS, 2007:62).

A metodologia proposta por Willey e Phillips (1958), na qual a integração histórico-cultural está em uma relação entre componente-fase (unidades básicas) e horizonte-tradição (unidades integrativas). Esses conceitos se inter-relacionam na abordagem Histórico-Cultural, sendo utilizados na prática arqueológica como “ferramentas metodológicas”.

## 2.6 Quantificação, tipologia e enquadramentos – uma perspectiva da História

A utilização das técnicas de quantificação nos trabalhos de arqueologia e história podem ser vistas sob suspeita, atualmente, por alguns pesquisadores. Esse é um problema que afeta as interpretações de quem utiliza a quantificação sem buscar compreender que contribuições esse processo técnico pode proporcionar, e, portanto os resultados quantitativos se tornam um fim em si mesmo. (Aróstegui, 2006)

Não podemos negar que a quantificação é um processo metodológico útil para a área das ciências sociais e humanas, pois em algumas abordagens específicas elas tendem a formular hipóteses (generalizadas muitas vezes) sobre as relações, comportamentos através de estatísticas, a qual geralmente não é contemplada em uma pesquisa qualitativa.

Embora, a nossa posição seja antagônica ao processo técnico de quantificação utilizado por parte da historiografia para ditar ou sugerir verdades fixas, concordamos com Aróstegui (2006:538), sobre a utilização desta técnica como “um instrumento de preparação de dados”.

Como mencionado acima, o problema recai sobre a não compreensão da contribuição que essa técnica pode oferecer para as pesquisas arqueológicas e históricas. E trabalhamos com a ideia de que essa problematização foi um dos motivos pelos quais as pesquisas pioneiras que serão analisadas e revisadas nessa pesquisa limitaram-se teoricamente naquele momento. Não podemos negar também que os resultados alcançados no passado pelos grupos de agentes dos campos intelectuais arqueológico e histórico<sup>15</sup> são para nós atualmente, um capital cultural acumulado, uma matéria prima a ser trabalhada, problematizada, aprofundada e revista.

Não estamos defendendo aqui, a exclusividade e priorização da técnica de quantificação na construção histórica de um determinado grupo, categoria arqueológica e/ou histórica ou contexto. A nossa intenção nesse momento limita-se a não tornar invisível a contribuição dos resultados quantitativos das pesquisas pioneiras arqueológicas para a região platina. Em muitos casos os pequenos resultados quantitativos oriundos de determinados sítios arqueológico em relação à cultura material ou à própria particularidade de um assentamento pode nos informar sobre variáveis e indicadores de determinados processos históricos de ocupação ou fabricação de objetos.

---

<sup>15</sup> Aqui nos referimos aos pesquisadores que trabalharam com o tema abrangido nesta pesquisa: cerâmica arqueológica da região platina.

Essa parece ser uma consequência lógica do resultado quantitativo, porém em muitos casos a problematização gerada por esse tipo de resultado não foi ultrapassado, e assim a interpretação dos dados limitou-se a convencionar e padronizar alguns processos, de modo a generalizar determinados comportamentos ou relações sociais.

Para Aróstegui (2006), a medição ordena os fatos e é consequência da teoria. Acreditamos que nesse processo de ordenar fatos e concluir resultados, embora se leve em conta as variáveis, diferentes pesquisadores constroem representações da coletividade de grupos humanos pré-históricos, baseados nas categorias, contextos, pontos de vista, produto cultural acumulado e percepções individuais. Desta maneira, passamos para um outro tipo de representação, a representação social das características de um determinado fenômeno social de seu próprio tempo. Como consequência disso, temos infundáveis interpretações, e somente algumas delas ganham poder simbólico e hegemônico dentro dos diversos campos científicos. Pierre Bourdieu (1989), explica que isso se deve às estratégias de luta simbólica e poder de nomeação dentro de um determinado espaço social.

Na luta simbólica pela produção do senso comum ou, mais precisamente, pelo monopólio de nomeação legítima como imposição oficial – isto é, explícita e pública – da visão legítima do mundo social, os agentes investem o capital simbólico que adquiriram nas lutas anteriores e, sobretudo, todo o poder que detêm sobre as taxinomias instituídas, como os títulos. (Bourdieu, 1989:146)

Através da medição das variáveis de um determinado processo social, comportamento ou relações sociais pode-se compreender a interpretação de um conceito de maneira empírica. (Aróstegui, 2006). Dentro dessa corrente de pensamento, o atributo ou a característica são representados simbolicamente pela variável, a qual possui a capacidade de “adotar valores diferentes” (Aróstegui, 2006:539).

Assim, trata-se de conceituar uma realidade que pode ser dividida, medida em diferentes categorias, departamentos ou unidades, segundo os critérios de uma determinada percepção da realidade.

Sabemos que nem todas as variáveis podem ser medidas dentro dos fenômenos sociais, como acontece no estudo da cultura material, onde as escolhas tecnológicas individuais e de grupo podem ser verificadas. A priori pode-se medir, porém se a abordagem estiver pautada dentro de prenoções específicas utilizadas pelos pesquisadores. Se a abordagem contemplar as noções de quem produziu os artefatos, dificilmente conseguiremos medir as variáveis, pois um leque de possibilidades de abre

para compreender etapas que fogem à um padrão tecnológico, comportamental, contextual. Por exemplo, se quisermos medir um determinado fenômeno social, levando-se em consideração o prestígio de um grupo, ou a eficácia da violência na manutenção da ordem de uma sociedade, dificilmente chegaremos a uma quantificação ou medição específicas, uma vez que os conceitos precisam estar de acordo com a filosofia da sociedade estudada, e não pautada nas nossas próprias convicções.

Existem segundo Aróstegui (2006), quatro níveis que interferem na medida das variáveis: nominal, ordinal, intervalo e a proporção. No nível nominal, as coisas são categorizadas, classificadas, diferenciadas. O nível ordinal, além de contemplar a categorização (nominal) ordena e/ou estratifica os dados ou as coisas. No intervalo, os valores são classificados, ordenados e diferenciados quantitativamente, “há uma unidade de medida comum e, portanto, uma sequência ideal de magnitudes.” (Aróstegui, 2006:540-541). O nível de proporção “está presente quando é possível estabelecer que a ordem de magnitude dos valores que podem aparecer contém o grau zero.” (Aróstegui, 2006:541).

‘Quantificar’ é a operação de conversão de conceitos que por si só não são mensuráveis em variáveis que podem ser manipuladas por meio de uma escala homogênea de medidas que tenha sua unidade padrão. (Aróstegui, 2006:542).

## **2.7 As publicações científicas e seus argumentos**

Na sequência apresentamos quadros com obras que foram selecionadas para realizar uma incursão que tem por objetivo diminuir o aparente distanciamento entre as publicações de Basile Becker e Serrano, expostas anteriormente. Nos quadros isolamos elementos oriundos das produções científicas.

No quarto Capítulo desta pesquisa retomaremos os elementos, afim de que possamos construir o encadeamento de argumentos evidenciados nos textos. Para tanto, os diferentes temas que foram descritos até aqui são importantes para a compreensão do contexto no qual os pesquisadores estavam inseridos. Buscamos apresentar até agora as cargas conceituais e suas origens.

Quadro 4. Relação das obras que receberam uma busca de argumentos e/ou elementos conceituais, e que estão relacionadas (em diferentes graus) à interpretação do sítio cerâmica da Figueira/Areal- Quaraí/RS.

Obras selecionadas				
Autor (es)	Obra/Artigo	Ano	Tipo de Publicação Revista/Periódico	Evento/Local
Pedro Ignacio Schmitz (coordenador); Fernando La Salvia (co-autor); Guilherme Naue (co-autor); Ítala Irene Basile Becker (co-autora); José J.J. Proença Brochado (co-autor); João Alfredo Rohr (co-autor); Pedro Augusto Mentz Ribeiro (co-autor).	Arqueologia no Rio Grande do Sul	1967	Estudos Leopoldenses (separata) [Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo	São Leopoldo, RS, Brasil
Eduardo Mario Cigliano; Pedro Ignacio Schmitz; Maria Amanda Caggiano.	<i>Sitios ceramicos prehispánicos em la costa septentrional de la Provincia de Buenos Aires y de Salto Grande, Entre Rios - Esquema tentativo de su desarrollo</i>	1971	<i>Anales de la Comision de investigaciones cientificas / Separata de Anales de la sociedad científica argentina</i>	La Plata, Província de Buenos Aires, Argentina.



Pedro Ignácio Schmitz	<i>Cronologia de las culturas del sudeste de Rio Grande do Sul, Brasil</i>	1973	<i>Antecedentes y anales de los congresos</i>	<i>Primer Congreso Nacional de Arqueología; Segundo Encuentro de Arqueología del litoral. / Fray Bentos, Departamento de Río Negro, Uruguay.</i>
Pedro Ignácio Schmitz; Guilherme Naue;	Os aterros dos campos do Sul: a tradição Vieira	1991 (1ª edição) 2006 (2ª edição)	Pré-História do Rio Grande do Sul <b>Documentos 05</b> (livro)	São Leopoldo, RS, Brasil (Instituto Anchietano de Pesquisas - UNISINOS)
Ítala Irene Basile Becker.	<i>An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South America (Chapter 7: The Palo Blanco Ceramic Tradition)</i> <sup>16</sup>	1984	Tese de doutoramento ( <i>University of Illinois at Urbana-Champaign.</i> ) Donald W. Lathrap (orientador)	<i>University of Illinois at Urbana-Champaign</i>
José Joaquim Justiniano Proença Brochado				

<sup>16</sup> Um modelo ecológico da propagação da cerâmica e agricultura no Leste da América do Sul (**Capítulo 7: a tradição cerâmica de Palo Blanco**) – tradução livre.

<p>Pedro Augusto Mentz Ribeiro; José Soloviy Feris; Ana Lúcia Herberts.</p>	<p>Levantamentos arqueológicos da região do Areal, Quaraí, RS</p>	<p>1994</p>	<p><i>Arqueologia no Uruguay: 120 después</i></p>	<p><i>Congresso Nacional de arqueologia uruguiaia / Maldonado, Departamento de Maldonado, Uruguay</i></p>
<p>Eurico Th. Miller</p>	<p>Pesquisas Arqueológicas efetuadas no Oeste do Rio Grande do Sul (Campanha-Missões)</p>	<p>1969</p>	<p>Resultados Preliminares do Terceiro Ano 1967 - 1968 / Publicações Avulsas Nº 13 / Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas / Museo Paraense Emílio Goeldi</p>	<p>Belém, Pará, Brasil</p>

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nas obras selecionadas que encontram-se relacionadas no item Obras/Artigos do quadro acima. **O Quadro com a sistematização da obra Arqueologia do Rio Grande do Sul (1967) foi disponibilizada na seção Apêndice – correspondendo ao Apêndice A (páginas 162 a 163).**

**Quadro 5. Sistematização dos principais temas abordados na obra que está indicada no cabeçalho do quadro abaixo. Os temas observados estão indicados à esquerda, e à direita os respectivos elementos argumentativos, conceituais e contextuais que puderam ser percebidos durante a etapa analítica da obra.**

<i>Sítios cerâmicos prehispânicos em la costa septentrional de la Provincia de Buenos Aires y de Salto Grande, Entre Ríos</i> (1971) pg. 130-133 / <b>Palo Blanco</b>	
<b>Cerâmica</b>	<p>*apresentam particularidades;</p> <p>*grande quantidade de fragmentos cerâmicos encontrados nas camadas onde estavam depositadas as conchas de moluscos (<i>valvas de moluscos</i>), justapostas na mesma direção - horizontal (conchas e cerâmicas);</p> <p>* as cerâmicas aparecem desde a base do cordão de conchas (sobre a parte superior do solo argiloso, e também em todos os diferentes estratos de conchas de moluscos).</p>
<b>Sítio arqueológico</b>	* Localizado sobre <i>conchales naturales</i> .
<b>Localização</b>	<p>* região costeira de Berisso; Província de Buenos Aires; Argentina;</p> <p>* <i>Palo Blanco/Zona de la Finca "La Florida"</i>;</p> <p>* Mil metros da costa do <i>Río de la Plata</i>.</p>
<b>Ambiente</b>	* <i>cordones de conchillas</i> , correspondem a depósitos pós-pampeanos.

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base em Cigliano et al. (1971).

**Quadro 6. Sistematização dos principais temas abordados na obra que está indicada no cabeçalho do quadro abaixo. Os temas observados estão indicados à esquerda, e à direita os respectivos elementos argumentativos, conceituais e contextuais que puderam ser percebidos durante a etapa analítica da obra.**

Os aterros dos campos do Sul: a tradição Vieira (1991 [2006]) pg. 101-124	
<b>Cerâmica</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* cerâmica incorporada ao patrimônio tecnológico;</li> <li>* tradição ceramista Vieira.</li> </ul>
<b>Sítio arqueológico</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* cerrito (resultados da ocupação humana);</li> <li>* aterros ou tesos (no Brasil);</li> <li>* pequenas elevações do terreno;</li> <li>* forma: circular, oval ou elíptica;</li> <li>* Composição: terra, restos de alimentos humanos;</li> <li>* Diâmetro: até 100m;</li> <li>* Altura: até 7m;</li> <li>* aparecem agrupados ou solitários.</li> </ul>
<b>Localização</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Sudeste do Rio Grande do Sul: margem ocidental da Lagoa dos Patos, terrenos entre a Lagoa Mirim e Mangueira;</li> <li>* margens do rio Jaguarão;</li> <li>* Alto rio Negro;</li> <li>* Rio Santa Maria;</li> <li>* Rio Ibicuí;</li> <li>* Rio Vacacaí;</li> <li>* Rio Pardo;</li> <li>* Tapes;</li> <li>* Território uruguaio fronteiro;</li> <li>* Argentina.</li> </ul>

Ambiente	<ul style="list-style-type: none"> <li>* campos da metade meridional do Rio Grande do Sul;</li> <li>* terrenos ondulados cobertos de gramíneas;</li> <li>* extensões de terras baixas que alagam no período das chuvas;</li> <li>* localizam-se próximos de lagoas ou banhados ao longo dos rios;</li> <li>* estão sobre elevações quase imperceptíveis do terreno.</li> </ul>
Filiação étnica	* Minuanos e Charruas (no período da Colonização europeia).
Subsistência caçador-coletor-pescador	<ul style="list-style-type: none"> <li>* sistema equilibrado de caça, coleta e pesca estacionais;</li> <li>* possível suplementação de alimentos cultivados (de grupos vizinhos ou próprios).</li> </ul>

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base em Schmitz et al. (1991) - [2006].

**Quadro 7. Sistematização dos principais temas abordados na obra que está indicada no cabeçalho do quadro abaixo. Os temas observados estão indicados à esquerda, e à direita os respectivos elementos argumentativos, conceituais e contextuais que puderam ser percebidos durante a etapa analítica da obra.**

Levantamentos arqueológicos da região do Areal, Quaraí, RS (1994) pg. 193-200	
Cerâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>* 249 fragmentos;</li> <li>* Foram analisados em relação à pasta, superfície e forma.</li> </ul>
Lítico	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Lítico lascado (lasca, lasca retocada, lasca utilizada, lasca retocada e utilizada, resíduo, núcleo, núcleo utilizado, peça em confecção, raspadeira, raspador-talhador, raspador-nucleiforme, raspador lateral, raspador circular, raspador terminal, raspador em ferradura, raspador semicircular, raspador elipsoide, raspador triangular, raspador atípico, raspador alto, raspador sobre plaqueta, raspador em ponta, raspador fragmentado, fragmento de raspador, biface, ponta, ponta-de-projétil);</li> <li>* Lítico polido (lenticular, bola de boleadeira);</li> <li>* Lítico utilizado (batedor-triturador, bigorna, percutores, polidores).</li> </ul>
Sítio arqueológico	<ul style="list-style-type: none"> <li>* pertence a bacia do rio Uruguai;</li> <li>* material arqueológico encontra-se sobre a areia ou pisos mais duros e carentes de solo húmífero, ou ainda sobre os afloramentos rochosos.</li> <li>* sítio com petróglifos.</li> </ul>

<b>Localização</b>	<p>* região da Campanha do RS;</p> <p>*calha do rio Quaraí (afluente do rio Uruguai);</p> <p>*médio rio Uruguai;</p> <p>*11 km da fronteira entre Brasil e Uruguai (em linha reta);</p> <p>* os sítios estão localizados na região do Areal (Quaraí-RS);</p>
<b>Ambiente</b>	<p>*<b>Vegetação:</b> campo com capões e cordões ou anteparos de galerias (Rambo, 1956);</p> <p>*pradarias e matagais dos Pampas ondulados (Hueck, 1972);</p> <p>*<b>Relevo:</b> planícies com coxilhas (suaves) contínuas ou não;</p> <p>*sangas próximas desaguam no arroio Cati;</p> <p>*<b>Geologia:</b> formação Serra Geral e intrusões da Formação Botucatu;</p> <p>* os sítios estão situados em encostas ou depressões do terreno;</p> <p>* em locais planos, próximos de cursos d'água;</p> <p>* área com concentração de areais, solo em processo de erosão;</p> <p>* paisagem dominada pelo Cerro da Panela.</p>

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base em Ribeiro et al. (1994).

**Quadro 8. Sistematização dos principais temas abordados na obra. Temas à direita, e elementos argumentativos, contextuais e conceituais à esquerda.**

Pesquisas Arqueológicas efetuadas no Oeste do Rio Grande do Sul (Campanha - Missões) (1969) pg. 13-21	
Cerâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>*foi estabelecida duas fases arqueológicas cerâmicas;</li> <li>*poucas amostras cerâmicas;</li> <li>*fase Icamaquã (tradição Tupiguarani);</li> <li>*fase Ibirapuitã (sem tradição / associada ao meio campesino).</li> </ul>
Lítico	<ul style="list-style-type: none"> <li>*foi estabelecido um Complexo arqueológico pré-cerâmico;</li> <li>*Complexo Itaqui (61 sítios arqueológicos);</li> <li>*artefatos lascados por percussão;</li> <li>*confeccionados a partir de núcleos, lascões e lâminas;</li> <li>*matéria-prima: arenito fritado, basalto e calcedônia;</li> <li>*raspadores, facas-raspadores, lâminas-facas, lascas com evidência de uso, talhadores, pontas-de-projétil, percutores, bifaces e boleadeiras.</li> </ul>
Sítio arqueológico	<ul style="list-style-type: none"> <li>*foram localizados 81 sítios arqueológicos;</li> <li>*sítios do tipo habitação e em campo aberto.</li> </ul>
Localização	<ul style="list-style-type: none"> <li>*Oeste do Rio Grande do Sul;</li> <li>*próximo às confluências dos rios Ibicuí-Uruguai e Ibirapuitã-Ibicuí;</li> <li>*parte das regiões de Missões e Campanha.</li> </ul>
Ambiente	<ul style="list-style-type: none"> <li>*extensos cursos d'água / matas de galeria / planícies onduladas pelas coxilhas, região de campo limpo;</li> <li>*afioramentos rochosos com gramíneas que disfarçam a composição da superfície das coxilhas;</li> <li>*coxilhas com seixos (locais com abundante matéria-prima rochosa).</li> </ul>



Schmitz et al (1967:56) afirma que “embora pareça haver diferenças regionais, as características gerais são comuns”. Na pesquisa de Santa Vitória do Palmar/RS, os autores trazem a informação de que o local “parece ter sido da família charrua” (1967:57) nos primeiros séculos após a conquista. Outra observação interessante de Schmitz et al (1967:60), é que “[...] Parece que os cerritos e os sítios abertos contêm materiais idênticos.”

Schmitz (1973) enfatiza que desde 1967 três áreas da região baixa e alagadiça do sudeste do Rio Grande do Sul estão em estudo, com objetivo de estabelecer um quadro geral das culturas que são encontradas nos locais<sup>17</sup>. O autor apresenta os métodos que foram utilizados para o quadro cronológico das culturas das regiões em questão.

De forma mais ampla o projeto de Schmitz (1973:105) consiste em identificar as diferentes unidades<sup>18</sup>, já que segundo ele foram observadas *“la existencia paralela de culturas, la evolución diferente de las culturas, contatos entre las culturas y superposición unas sobre otras.”*

O autor acredita que com o estabelecimento de uma cronologia que posicione as culturas em um determinado período de tempo e área possibilite um estudo sobre similaridades e diferenças na evolução das unidades, evolução, contatos superposições e migração de grupos humanos.

As fases e tradições dentro da perspectiva da pesquisa referem-se às indústrias cerâmicas, líticas ou ósseas que definem limites territoriais. Por isso a cronologia associada às unidades e as áreas são pensadas como um tipo de armação inicial para a pesquisa arqueológica proposta por Schmitz (1973).

Nos trabalhos de campo, segundo Schmitz (1973) há possibilidades de se encontrar várias sugestões de sucessões de elementos culturais, pois a variedade de sítios, desde os que apresentam cerâmicas ou não, e levando-se em consideração a elaboração da cerâmica<sup>19</sup> – que o autor caracteriza como mais elaborada e menos elaborada, representam inúmeras oportunidades sugestivas, e assim em *“todos estos casos puede conseguir elementos para fijar lo que viene antes de lo que viene después.”* (Schmitz, 1973:107).

---

<sup>17</sup> Áreas: margem esquerda do baixo rio Camaquã e costa ocidental da lagoa dos Patos – município de Camaquã, parte meridional da Lagoa dos Patos – município de Rio Grande e uma área entre a Lagoa Mirim e o Oceano no município de Santa Vitória do Palmar.

<sup>18</sup> Unidades (componentes, fases e tradições) – ver página 97.

<sup>19</sup> Schmitz (1973) especifica que as cerâmicas menos elaboradas são as mais simples, sem decoração ou que possuem apenas decoração plástica. Já as mais elaboradas são para o autor as de formas complexas com pinturas policromas.

No trabalho de estabelecer sequências dentro de uma mesma cultura, ou até mesmo para diferenciar unidades culturais, Schmitz (1973) explica que existem métodos que fornecem uma cronologia relativa, como é o caso do método de James Ford (1957), o qual foi dissipado na América do Sul pelos pesquisadores B.J. Meggers e C. Evans em 1970. Porém, a fim de obter uma sequência exata, o autor alerta sobre a necessidade de se realizar métodos por carbono e termoluminescência. Todos os métodos mencionados foram utilizados para fixar a cronologia e a sequência cultural da área onde estão os sítios do município de Rio Grande.

O contexto arqueológico no qual os montículos (erodidos ou não) se inserem no Sudeste do Rio Grande do Sul está indissociavelmente conectado aos terrenos alagadiços, baixos, drenados por lagoas ou até mesmo banhados. Ao adentrar esse contexto ambiental, Schmitz (1973) explica que onde as altitudes são mais elevadas, ou até mesmo nos arredores dos terrenos baixos ou alagados encontram-se vestígios das pretéritas aldeias dos horticultores, diagnosticadas pela evidência de cerâmicas da tradição Tupiguarani. Outro contexto sugerido por Schmitz (1973) leva em consideração um terceiro tipo de sítio arqueológico, o qual alterna elementos, sejam eles ambientais ou tecnológicos.

*“[...] em distintas localidades, em terrenos bajos, pero no anegadizos, pueden ser encontrados mezclados materiales de varias tradiciones indígenas y materiales de divilizados, que dan la impresión de resíduos de campamentos temporarios posteriores a la ocupación portuguesa.” (Schmitz, 1973: 107)*

A partir de um ponto de vista onde as características da cultura material recebem uma comparação de acordo com a percepção dos pesquisadores, primeiro são apresentados aspectos de materiais líticos encontrados na região Sudeste do RS. Estes sítios são diferenciados por **não** apresentarem cerâmica em seus níveis.

**Quadro 9. Material Lítico encontrado em cada local (Camaquã, Rio Grande e Santa Vitória do Palmar).**

<b>Local</b>	<b>Material Lítico</b>
Camaquã	Pontas pedunculadas, com ombros e aletas.
Rio Grande	Restos de alimentação, instrumentos de ossos e raras lascas de pedra.
Santa Vitória do Palmar	Restos de alimentação, instrumentos de ossos e raras lascas de pedra.

Fonte: Quadro construído pela autora, com base nos dados dispersos em Schmitz, 1973.

Nos três municípios que fazem parte da região de estudo, apareceram sítios arqueológicos com cerâmica da tradição Vieira. Caracterizada por ser uma cerâmica simples, e diferente para cada uma das zonas onde aparece, ela foi encontrada acima dos estratos sem cerâmica. Além disso, não predominam decorações, sendo que quando aparecem são expressões de digitado<sup>20</sup> suave ou impressões suaves, incluindo a de cestaria. De contornos simples em suas formas, não apresentam pontos angulares, e raramente são encontrados vestígios de pintura vermelha.

A fim de compreendermos a configuração adotada por Schmitz (1973), observamos a maneira com que são agrupados os sítios arqueológicos relacionados aos seus elementos técnicos (líticos e cerâmicos), e ambientes no qual estão inseridos.

**Quadro 10. Elementos dos contextos e sua relação com a ocorrência em cada tipo de sítio associado à cultura material.**

↓ Elementos do contexto	Tipos de sítios arqueológicos		
	Montículos ou superfícies erodidas	Sítios da tradição Tupiguarani	Sítios com cultura material mesclada
<b>Cerâmica</b>	*Cerâmicas da tradição Vieira ( <b>com diferenças entre si que não puderam ser avaliadas</b> ).	*Cerâmicas da tradição Tupiguarani; *Os estratos onde se encontra cerâmica são pouco espessos.	*Cerâmicas (mescladas) da tradição Vieira, Tupiguarani, Portuguesa e outras; *material lítico anterior à Conquista (pontas pedunculadas com ombros ou aletas).
<b>Ambiente (terrenos)</b>	*Locais baixos, alagadiços; dependentes de água das lagoas e dos banhados.	*Locais altos, ou nas imediações de terrenos baixos; *Locais altos, arborizados.	*Terrenos baixos, não alagadiços.

Fonte: Quadro construído pela autora, com base nos dados dispersos em Schmitz, 1973.

Para organizar a seriação da cerâmica dos sítios pesquisados, foram calculadas as porcentagens de cada elemento cerâmico, que dentro da perspectiva histórico-cultural representam a passagem do tempo, e que foram utilizadas, portanto, como base para a criação de tipos (Schmitz, 1973).

<sup>20</sup> Segundo La Salvia e Brochado (1989), a expressão decorativa é um elemento unitário que compõem uma decoração, a qual consiste, pois em uma repetição da expressão. A decoração plástica, portanto, é o resultado de uma modificação tridimensional da superfície de uma vasilha ainda durante a etapa de modelagem. O digitado possui a depressão como expressão decorativa, que consiste na impressão da polpa do dedo calcada verticalmente ou perpendicularmente sobre a superfície cerâmica.

**Quadro 11. Categorias de análises cerâmicas (decoração e presença de antiplástico) para a criação de tipos.**

Características/Elementos úteis para a criação de tipos				
Sem Decoração		Com Decoração		
Antiplástico				
1º grupo: Areia muito fina, clastos e grânulos pequenos.	2º grupo: Grânulos e clastos grandes.	Digitada (suavemente) – na superfície externa.	Impressão de cestaria ou esteira.	Impressões (diferentes) regulares e densas.

Fonte: Quadro construído pela autora, com base nos dados dispersos em Schmitz, 1973.

A partir da observação das categorias estabelecidas<sup>21</sup> pelos arqueólogos na década de 70, Schmitz (1973) cria duas fases para a tradição Vieira. As características mencionadas por Schmitz são descritas de um ponto de vista que pré-determina a cerâmica encontrada no município de Rio Grande como incipiente, pois conforme a decomposição apresentada no quadro abaixo podemos verificar a redução das características da cultura material, (e assim também do contexto e do grupo pretérito que ocupou o sítio e que confeccionou a cerâmica) a termos que situam o interlocutor em uma construção contextual (arqueológica e histórica) pobre e simplista. Schmitz na condição de habilitado cria um ritual de linguagem que está implícito no jogo de palavras e noções. O preenchimento dos argumentos dado por Schmitz para a tradição Vieira é partilhado pelos interlocutores.

O autor não admite que os fragmentos de cerâmica Vieira e de cerâmica Tupiguarani pertençam ao mesmo contexto, por isso os fragmentos com decoração plástica corrugada<sup>22</sup> foram atribuídos a um período de tempo posterior à ocupação da área por grupos pescadores, momento este que é atribuído aos grupos Tupi-Guarani.

**Quadro 12. Definições estipuladas para a criação da Fase Torotama e fase Vieira da tradição Vieira para Rio Grande. As categorias observadas estão representadas nas células numeradas.**

Fases da Tradição Vieira para Rio Grande - RS				
Fase Torotama				
1.Antiplástico	2.Espessura das paredes	3.Forma	4.Queima	
Areia fina	Grossa (bruta)	Assimétrica	Mal cozida	
Fase Vieira				
1.Antiplástico	2.Decoração	3.Forma	4.Espessura das paredes	5. Coloração

<sup>21</sup> No texto original de 1973, P.I. Schmitz se refere a essas categorias como **elementos cerâmicos** ou **características úteis**.

<sup>22</sup> O corrugado tem como expressão decorativa a dobra, que é a ação do dedo sobre a superfície cerâmica, pressionando e arrastando a argila úmida com intenção de se formar uma crista (acúmulo de argila) semilunar. (La Salvia e Brochado, 1989).

Areia fina	Antiplástico Grosseiro	Digitada	Impressão de cestaria	Outras impressões	Regular	Fina	Escura
------------	------------------------	----------	-----------------------	-------------------	---------	------	--------

Fonte: Quadro construído pela autora, com base nos dados dispersos em Schmitz, 1973.

A fase Vieira da tradição Vieira foi organizada de modo a contemplar três grupos de fragmentos cerâmicos, que são conhecidos na bibliografia arqueológica como subfases: Vieira I, Vieira II e Vieira III. As subfases Vieira I e II foram definidas segundo alguns critérios que estão na base de diferenciação do que venha a ser útil ou não dentro da percepção dos pesquisadores que as criaram. A partir da localização dessas bases conceituais é possível perceber o preenchimento de um determinado conceito/noção ou argumento e de seu posterior esvaziamento, em outros trabalhos arqueológicos, para que por fim seja abandonado.

**Quadro 13. Fase Vieira, Subfases e as categorias de análise.**

Fase Vieira		
Subfase:	Vieira I	
Antiplástico	Decoração	Cronologia
*diminuição do antiplástico Areia fina; *aumento do antiplástico Grosseiro	*aumento (lento) dec. Digitada; *pequena porcentagem dec. Cestaria ou esteira.	A.D.200 (início) A.D.900 (fim)
Subfase:	Vieira II	
Antiplástico	Decoração	Cronologia
*pequena porcentagem ou ausência do antiplástico Areia Fina; *predomínio do antiplástico Grosseiro.	* Digitada; *ausência ou pouca dec. Impressão de Cestaria e outras.	A.D. 900 (início) Contato com Tupiguarani (fim)
Subfase:	Vieira III - (presença de cerâmica Tupiguarani)	
Antiplástico	Decoração	Cronologia
*aumento do antiplástico Areia fina; *diminuição do antiplástico Grosseiro.	*Digitada (diminuição); *ausência ou pouca dec. Impressão de Cestaria; * aumento Outras Impressões	2ª Década do século XVIII – Implantação da Colônia Portuguesa (fim)

Fonte: Quadro construído pela autora, com base nos dados dispersos em Schmitz, 1973.

A filiação étnica para a área em estudo do município de Rio Grande/RS, segundo os argumentos discursivos de Schmitz (1973) seria dos índios Minuanos.

*“Los indios de la zona, conocidos en aquel instante como Minuano, fueran bautizados por los colonizadores portugueses, que los utilizaron para guardar los fuertes de Jesús María en Río Grande, construído para defender la entrada de la Laguna, y después el pequeño flerte de San Miguel, en la parte meridional de la Laguna Mirim, actualmente em territorio uruguayo.”* (Schmitz, 1973:111)

É marcante a relação estabelecida entre a noção de evolução das culturas humanas associadas ao uso de antiplásticos e decorações. O autor não expõe outros elementos que indicariam uma evolução apesar de afirmar que “[...] *paralelamente con la cerâmica evolucionam otros elementos de los sítios, pero los datos no están suficientemente elaborados para enumerarlos aqui.*” (Schmitz, 1973:111).

Faz-se necessário compreender as categorias e visão de mundo estabelecida para a definição da Tradição Vieira para o Sul do Brasil, afim de que possamos na sequencia apreender as associações que relacionam-se através do constante preenchimento e esvaziamento do argumento realizadas por Mentz Ribeiro (1984-1994) para o sítio da Figueira (Quaraí-RS), bem como por outros pesquisadores para outras áreas da região platina. Para isso precisaremos retomar os escritos de Brochado concernentes ao ano de 1984, no qual ele escreve sua tese de doutoramento “*An ecological modelo f the spread of pottery and agriculture into eastern South American*”<sup>23</sup> pela Universidade de Illinois em Champaign-Urbana orientada por Donald W. Lathrap.

No capítulo sete de sua tese de doutoramento, José Brochado desenvolveu temas referentes aos complexos cerâmicos da região do Prata. O autor aborda os seguintes temas: A tradição cerâmica de Palo Blanco, o Estilo entrerriense, o Estilo dos Ribeireños Plásticos, Los Marinos e las Tejas, e a Subtradição Vieira. Alguns dos temas são importantes para a compreensão das percepções que recaíram sobre as primeiras interpretações do sítio da Figueira.

Antes, porém, lembremos o meio geográfico no qual o sítio da Figueira está inserido, próximo da fronteira uruguaia, e do local onde foi definido o Complexo Itaqui, portanto o sítio está localizado nas proximidades do local que foi considerado o elo entre a cultura Altoaranaense e a cultura campesina do Sul. Mentz Ribeiro associou alguns dos resultados das pesquisas de Miller (1969) com o contexto do sítio da Figueira. A cerâmica recebeu uma interpretação que por ora a enquadra dentro da Tradição Vieira, ora a enquadra dentro da fase Ibirapuitã.

Brochado (1984) chama a Subtradição Vieira, uma tradição arqueológica que está diretamente relacionada à Tradição Palo Blanco, e ligada aos Cerritos encontrados na costa atlântica do Uruguai e sul do Brasil. O autor interpreta os Cerritos como uma adaptação tardia ao ambiente e a oferta de mariscos em relação aos sambaquis.

---

<sup>23</sup> “Um modelo ecológico da propagação da cerâmica e agricultura no Leste da América do Sul” (tradução livre).

Os Cerritos são encontrados próximos a lagoas costeiras e cabeceiras, diferentemente dos sambaquis que são encontrados nas regiões costeiras e, portanto, representam a adaptação anterior da costa. O autor explica o processo de adaptação através dos resquícios ósseos encontrados nos sambaquis e nos Cerritos. Nos Cerritos a quantidade de ossos de peixes prevalece, enquanto que nos sambaquis se notou a presença abundante de mariscos.

Os amontoados pré-cerâmicos geram um questionamento cronológico aos pesquisadores, que a partir de datações de C14 construíram três fases (Chuí, Lagoa e Piraçã).

**Tabela 11. Tabela com as subfases da Tradição Arqueológica Vieira.**

<b>Subfases</b>	<b>Data</b>	<b>Tratamento de superfície/Decorações</b>	<b>Observações:</b>
<b>Vieira I</b>	1 – 1000 d. C.	Lisa; perfuração à dedo	
<b>Vieira II</b>	1000 – 1.300 d. C.	Pontilhados; incisões com unhas, impressões com espátula; ondulações; impressões de cestaria formando faixas próximo da borda.	Técnicas copiadas das cerâmicas Guarani; impressões de cestarias oriundas das cerâmicas Taquara.
<b>Vieira III</b>	1300 – 1100 d. C.		A maioria dos sítios arqueológicos caracterizam-se por estarem em locais abertos. Os locais são atribuídos historicamente aos Minuanos e Charruas.

Fonte: Tabela construída pela autora com base nos dados de Brochado (1984)

Abaixo dos níveis onde se encontram as cerâmicas, nos montículos, as fases pré-cerâmicas estão associadas aos “quebra-coquinhos” ou “pedras com covinhas”, mãos-de-pilão, lâminas, moedores, etc. Ainda podem ser encontradas boleadeiras e pesos de rede, no caso da fase Lagoa. (Brochado, 1984).

Segundo Brochado (1984) a cerâmica Vieira indica que as áreas foram reocupadas tardiamente. Assim o pesquisador explica que a subtradição Vieira estaria

relacionada a Tradição Palo Blanco, como uma cerâmica relativamente precoce e que teria sido adotada pelas populações correspondentes às fases pré-cerâmicas que viviam na sequência do Médio Rio Uruguai.

Os vestígios cerâmicos que foram encontrados em sítios arqueológicos localizados a Leste da Lagoa Mirim (fase Cerritos) foi comparada com a cerâmica da Tradição Palo Blanco e concluiu-se que as formas e dimensões são as mesmas, incluindo o orifício perto da borda.

A oeste da Lagoa Mirim os pesquisadores definiram a fase Ceibos, na qual vasilhas sub globulares e/ou cilíndricas mais profundas eram produzidas. Brochado (1984) menciona que muitos achados superficiais são difíceis de “colocar”, - interpretamos que sejam difíceis de enquadrar dentro da fase Ceibos, pois alguns Cerritos foram considerados como sendo do período histórico pela constatação da presença de vestígios ósseos de gado bovino, cerâmica Guarani e materiais europeus.

No extremo sul da Lagoa dos Patos, a cerâmica da fase Torotama difere apenas em relação ao antiplástico, sendo esta temperada com areia muito fina.

Brochado (1984: 187) refere-se a fase pré-cerâmica Itaqui no Médio Uruguai e sugere que a cerâmica da subtradição Vieira tenha sido utilizada pelos grupos humanos que habitaram o local naquele período (após cerca de 7.000 a. C.).

O autor explica que o antiplástico da cerâmica Vieira com areia grossa poderia ter aumentado ao longo do tempo, e apresenta uma sistematização cronológica das subfases desta cerâmica através de três datações de carbono, relacionadas também aos níveis sucessivos da redução das lagoas costeiras.

A fase Bajoru foi definida para alguns sítios abertos onde ocorrem dunas consolidadas. Para o autor há nesses sítios uma mistura da cerâmica Vieira III com cerâmica Guarani e cerâmica europeia. Brochado (1984) utiliza fortemente a bibliografia publicada por Naue et al.1968, Schmitz e Brochado 1972, Brochado 1973 e 1974 e Becker e de Cebey 1978 para justificar indiretamente a filiação étnica da cultura material encontrada nos sítios de campo aberto, onde a cerâmica em muitos casos aparece associada à cultura material Guarani e europeia.



## CAPÍTULO 3

### 3.1 Metodologia e hipótese interpretativa da cerâmica do sítio Areal – Quaraí/RS

“Por detrás da permanência enganadora de um vocabulário que é o nosso, é necessário reconhecer, não objectos, mas objectivações que constroem de cada vez uma forma original. Como afirma de maneira elegante P. Veyne [...] ‘neste mundo, não se joga xadrez com figuras eternas, o rei, o bispo: as figuras são aquilo que delas fazem as configurações sucessivas no tabuleiro’”.  
(CHARTIER, 2002:65)

#### 3.1.1 Metodologia

A coleção cerâmica do sítio Areal que se encontra armazenada na reserva técnica do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (LEPA) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) é constituída por 599 fragmentos. Além disso, uma porção de aproximadamente 19 gramas de cerâmica totalmente fragmentada (esfarelada/pó) e dois antiplásticos compõem a coleção. O sítio do Areal possui uma grande quantidade de materiais líticos, os quais foram coletados em três etapas interventivas. No entanto, o material lítico não será contemplado nessa pesquisa, estando este em processo de análise por outro pesquisador.

A fim de realizarmos a análise para a coleção cerâmica do sítio Areal optamos por dispor toda a coleção na mesa de análise primeiramente, sem classificações ou separações prévias de tipos de fragmentos, as quais comportam os mais variados critérios que se possa relacionar em uma análise cerâmica.

Traços de coloração diferentes em relação à pasta cerâmica de seus 599 fragmentos. Esta observação geral e ampla é incipiente, mas importante, de um ponto de vista que busca não só analisar e compreender a cultura material individualmente, mas de um conjunto. Os fragmentos cerâmicos devem ser compreendidos de uma maneira um pouco diferenciada dos materiais líticos, pois durante o processo de formação do sítio arqueológico, as cerâmicas tendem a fragmentarem-se perdendo assim sua forma original, cabendo ao arqueólogo uma tentativa de reconstituição, quando possível, mas de imprescindível visão contextual enredada pelos diversos fragmentos (juntamente com os outros elementos do sítio arqueológico, outros artefatos (ou resíduos), o ambiente, e registros diversos).

A cerâmica durante o seu processo de confecção tende a agregar argila sobre argila, além de elementos como antiplásticos, banhos, engobos, barbotinas, corantes

utilizados nas pinturas, e outros elementos que aos nossos olhos podem estar invisíveis de imediato, pois se trata de elementos simbólicos dos grupos de indivíduos que confeccionaram um vasilhame. Assim vários elementos encontram-se sobrepostos, sejam eles visíveis ou invisíveis para nós. Para observar e revelar indícios do processo de confecção, queima, pintura, decoração e elementos simbólicos são necessários critérios, segundo a bibliografia arqueológica. Nesta pesquisa teceremos a nossa análise utilizando alguns critérios apenas, pois a tentativa aqui é de compreender a materialidade dentro de sua expressão mais original, e não a enquadrando de antemão à uma tradição arqueológica, ou classificação simplista que a deixe inerte dentro de suas possibilidades, pois quando analisada sob uma visão de conjunto nos possibilita a revelação de ações práticas humanas e não apenas elementos técnicos que robotizam o processo de confecção de artefatos. Assim, buscamos privilegiar uma visão humana, a nossa no presente, e uma tentativa de compreensão da humanidade passada que confeccionou, utilizou e descartou materiais.

Em 1999, a equipe do LEPA coletou as cerâmicas do sítio Areal seguindo uma metodologia que organiza a disposição dos materiais dentro do assentamento, utilizando para isso o GPS com o qual foi registrada uma UTM central. A partir de um ponto escolhido, foi delimitada uma área, onde se estabeleceram quadrantes (1, 2, 3 e 4). Esta configuração pôde ser disposta também no laboratório, durante a nossa etapa subsequente da primeira observação, mais ampla. Assim, podemos compreender, mesmo que de maneira pormenorizada a disposição das concentrações de materiais cerâmicos relacionadas às concentrações de materiais líticos e termóforas, juntamente com a paisagem circundante, e a inserção desse contexto com o contexto mais amplo, local e regional.

As concentrações de cerâmicas receberam um número que corresponde dentro da metodologia de campo à uma Unidade (ver Anexo B).

**Tabela 12. Tabela demonstrativa das concentrações cerâmicas, representadas pelas Unidades, seus respectivos Quadrantes e número de fragmentos (Sítio Areal/RS-Q. 18)**

Sítio Arqueológico Areal (RS-Q.18) /Quaraí-RS - Coleção Cerâmica LEPA-UFSM				
Tabela de quantificação dos fragmentos por Unidades e Quadrantes				
Quadrante	Catálogo	Unidade	Nº de Fragmentos por Unidade	Total por Quadrante
1	335	30	1	280
		34	1	
		35	2	
		36	1	
		37	2	
		48	220	
		317	3	
		318	4	
		319	2	
		321	18	
		368	18	
		375	8	
		223	1	
2	335	224	1	229
		289	227	
3	--	--	0	
4	--	--	0	
<b>Total de fragmentos</b>				<b>509</b>

Tabela quantitativa (por quadrante) construída pela autora com base na análise da cultura material da coleção cerâmica do sítio da Figueira/Areal – Quaraí/RS. A totalidade de fragmentos da coleção (599) não está relacionada devido à falta/destruição do registro na peça.

### 3.2 Coleção A (LEPA-UFSM)

De acordo com a análise, observou-se a presença de três grupos de vestígios cerâmicos, os quais foram classificados seguindo alguns critérios perceptivos de conjunto. Os agrupamentos de fragmentos indiciam a hipótese de que cada grupo seja partes constituintes de uma vasilha, uma vez que diversas remontagens foram realizadas no interior de cada grupo de vestígios.

Estabelecemos para cada grupo uma nomenclatura que ficou organizada da seguinte maneira: Vasilha 1, Vasilha 2 e Vasilha 3.

### 3.2.1 Vasilha 1

Os fragmentos foram agrupados de acordo com a textura e aparência das paredes dos fragmentos. Além disso, os estigmas de quebra e/ou fraturamento da vasilha foram minuciosamente observados, possibilitando assim remontagens. Os grupos de fragmentos, de acordo com o número de catálogo e a unidade foram analisados, o que possibilitou uma visualização do Quadrante ao qual pertenceram durante o trabalho de plotagem no ano de 1999, o que agregou ainda mais a hipótese de pertencerem à mesma vasilha.

O número de unidades (peças/fragmentos) agregadas ao conjunto Vasilha 1 totalizam sessenta e seis (71) fragmentos, e o número de remontagens possíveis até o momento foram de sete (7), sendo que na remontagem A, quinze (15) fragmentos compõem a remontagem, e as restantes (remontagens B, C, D, E e F), são compostas por dois (02) fragmentos.

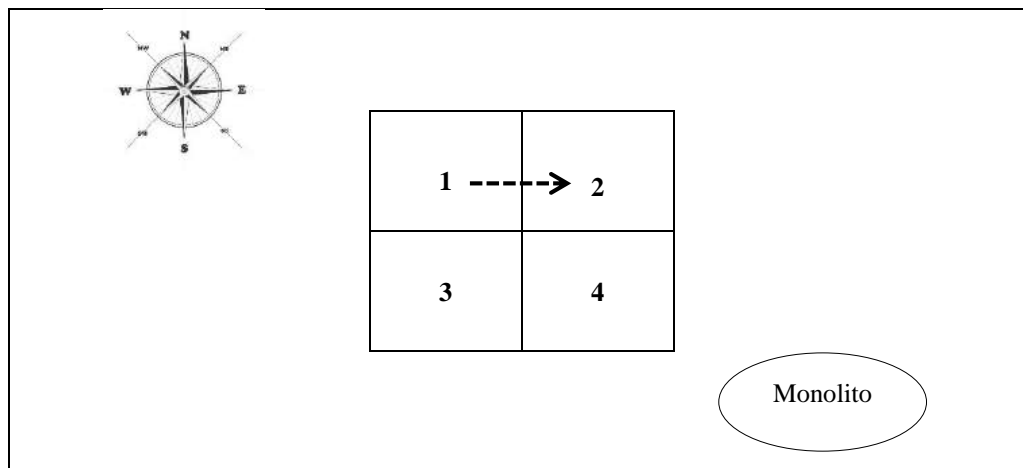
**Quadro 14. Quadro com os números individuais e/ou de concentrações dos fragmentos cerâmicos do primeiro agrupamento, denominado Vasilha 1.**

Sítio Arqueológico	Catálogo	Unidade	Quadrante
Sítio do Areal/ Sítio da Figueira/ Complexo Areal	335	375	1
		368	1
		289	2
		224	2

Quadro elaborado pela autora, com base na análise dos fragmentos do agrupamento Vasilha 1

De acordo com a observação da dispersão dos fragmentos entre os Quadrantes 1 e 2, conclui-se que houve o deslocamento de materiais arqueológicos dentro da área plotada, no decorrer do tempo, dando assim uma localização aproximada de onde a vasilha foi abandonada ou descartada. De acordo com a metodologia de campo, observa-se que os fragmentos da Vasilha 1 sofreram um deslocamento de Oeste para Leste no terreno.

**Figura 22. Representação esquemática dos Quadrantes estabelecidos na metodologia de campo (sítio do Areal – 1999).**



Fonte: Elaborado pela autora de acordo com a sobreposição de dados de campo.

O esquema acima representa sinteticamente a metodologia de campo (1999), uma divisão por quadrantes, dentro dos quais foram realizadas as plotagens de materiais arqueológicos em concentrações ou individualmente, identificadas pelo número de sua unidade. De acordo com a dispersão dos materiais e a sequência dos quadrantes, optamos em trabalhar com a hipótese de deslocamento de materiais do Quadrante 1 para o Quadrante 2, levando-se em consideração a inclinação do terreno, bem como o escoamento das águas da chuva. No esquema optou-se por referenciar a localização e sentido aproximados da coleta (sítio da Figueira) em relação ao Monolito existente no sítio.

Os fragmentos pertencentes a este primeiro grupo possuem resquícios de uma pintura ocre, que se apresenta sensivelmente preservada. Sobre a técnica de confecção observamos que os estigmas de quebra ou fratura das paredes cerâmicas não indicam que a confecção se deu por acordelamento, uma vez que não verificamos a presença de negativos e positivos de roletes ou indícios dessa técnica nas partes centrais da pasta que compõem os fragmentos.

A marca de quebra dos fragmentos é irregular. A técnica de confecção empregada passa por uma etapa onde a argila agregada ao vasilhame é repuxada em um sentido transversal, de cima para baixo, ou da abertura da vasilha para a sua base. Alguns fragmentos apresentam marcas de porções de argilas que foram agregadas conforme a necessidade para finalizar o acabamento da vasilha.

Considerada por alguns dos primeiros pesquisadores como uma cerâmica “grosseira”, podemos inferir sobre a percepção e visão de mundo destes, onde se a cerâmica não apresentar claramente seu processo de confecção explícito, como é o caso das cerâmicas Guarani, que apresentam uma técnica definida e com características bem marcantes, o restante dos achados cerâmicos eram consideradas como grosseiras, mesmo que o conjunto de características receba uma nomenclatura, seja ela moldada, modelada ou torneada.

Assim, acreditamos que a técnica utilizada pelos (as) artesãos (ãs) que confeccionaram a vasilha 1 seja a modelagem, através da agregação de placas de argila ou porções de argila de diferentes tamanhos, variando conforme a necessidade e o objetivo final. Os fragmentos apresentam antiplásticos de diferentes tipos de minerais rochosos: hematitas, quartzo, arenito e calcedônia. Todas essas matérias primas encontram-se à disposição no sítio arqueológico. Entre a coleção lítica, várias peças possuem as mesmas matérias primas encontradas como antiplástico na Vasilha 1, com exceção da hematita (óxido ferroso).

A hematita possui coloração de traço vermelho, e pode estar representando a coloração avermelhada que observamos nos fragmentos. Não podemos afirmar com precisão, se o óxido ferroso foi empregado na cerâmica com função de antiplástico para a sustentação do vasilhame e plasticidade da pasta cerâmica, ou com intenções de agregar uma coloração, através de um mineral que servia como corante vermelho para os grupos pretéritos. A vasilha 1 será inserida dentro do contexto cerâmico mais amplo, ou seja, relacionada aos outros vasilhames (Vasilha 2 e Vasilha 3) que serão descritos na sequência.

Ainda que levemos em consideração o contexto circundante, as características específicas e as particularidades não serão desconsideradas, pois as ações e práticas humanas podem se revelar de uma maneira heterogênea, e não de acordo com um padrão. Embora, de acordo com diversos estudos saibamos que as normas e regras para a confecção cerâmica existam, também sabemos que existe a *agency* entre os indivíduos de um grupo, ou entre indivíduos e artefatos.

Segundo Alfred Gell (1998), a noção de *agency* está relacionada às intenções e consciências aos objetos que os povos atribuem na prática. Gosselain (1999) realiza um estudo sobre o processamento de argila e símbolos na África Subsaariana, pois o

pesquisador pensou haver uma conexão, que ele chama de *symbolic knot*<sup>24</sup>, que relaciona prescrições sociais e simbólicas para a cerâmica. Portanto, as proibições constituem uma parte indissociável do ofício do oleiro, e violar um tabu pode afetar a etapa do processo de fabricação (técnico), o qual pode servir como uma metáfora para explicar aspectos da experiência humana e estruturas de certos ritos de passagem. Na maioria dos casos as proibições estão relacionadas às mulheres artesãs e se referem à relação sexual, menstruação e gravidez.

*“[P]otting involves a number of changes. It takes formless matter and shapes it. It transforms, through the operation of heat, from wet to dry, soft to hard, raw to cooked, natural to cultural, impure to pure. Broken pot can be reground and incorporated into new pots to show the reversal of time. Pots lend themselves to abrupt fracture to mark isolation, destruction, ‘a clean break’. They are above all vessels and so may be used to refer to all manner of bodily cavities – heads, wombs, bellies, rectums. They lend themselves readily to discussion of spirit, conception, essence and the like. (Gosselain, 1999:207 e 208 apud Barley, 1984:99)”<sup>25</sup>*

**Figura 23. Remontagens agrupamento Vasilha 1.**



Foto: Vanessa Milder.

<sup>24</sup> Nó simbólico (tradução livre)

<sup>25</sup> “**Envasamento** (grifo nosso) envolve uma série de mudanças. Pegar uma matéria sem forma para dar forma a ela. Ela se transforma através da operação do calor, do molhado ao seco, e do macio para o duro, cru para cozido, natural ao cultural, impuro a puro. Vaso quebrado pode ser retificado e incorporado em novos vasos para mostrar a inversão do tempo. Os vasos se prestam à ruptura abrupta para marcar o isolamento, a destruição, ‘uma ruptura limpa’. Eles estão acima de todos os recipientes e por isso pode ser usado para se referir a todos os tipos de cavidades corporais – cabeças, seios, ventres, reto. Eles se prestam prontamente a discussão de espírito, a concepção, a essência e similares.” (BARLEY, 1984: 99 apud GOSSELAIN, 1999:207 e 208). – Tradução livre

**Figura 24. Remontagem A do agrupamento Vasilha 1 (parede externa).**



Foto: Vanessa Milder. Acervo: Coleção arqueológica do sítio do Areal/Quaraí-RS, armazenada no Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas –LEPA/UFSM (Santa Maria/RS).

**Figura 25. Remontagem A do agrupamento Vasilha 1 (parede interna).**



Foto: Vanessa Milder. Acervo: Coleção arqueológica do sítio do Areal/Quaraí-RS, armazenada no Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas –LEPA/UFSM (Santa Maria/RS).



Figura 26. Primeiro grupo de fragmentos cerâmicos (Vasilha 1). As letras A, B, C, D, E, F, G e H indicam as remontagens do primeiro agrupamento.



Acervo: Coleção arqueológica do sítio do Areal/Quaraí-RS, armazenada no Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas –LEPA/UFSM (Santa Maria/RS). Foto: Vanessa Milder.

**Figura 27. Fragmento Vasilha 1 (detalhe do antiplástico – arenito).**



Foto: Vanessa Milder

### 3.2.2 Vasilha 2

Os fragmentos foram agrupados de acordo com a textura e aparência das paredes dos fragmentos. Além disso, os estigmas de quebra, fraturamento e/ou de queima da face externa das paredes da vasilha foram minuciosamente observadas, possibilitando assim remontagens. Os grupos de fragmentos, de acordo com o número de catálogo e numeração individual ou de concentração foram analisados, o que possibilitou a visualização do Quadrante ao qual pertenceu durante o trabalho de plotagem no ano de 1999, o que agregou ainda mais a hipótese de pertencerem à mesma vasilha.

No agrupamento Vasilha 2 foram realizadas cinco remontagens, sendo uma delas composta por três fragmentos de borda, e as restantes indicando que faziam parte, possivelmente da parede do vasilhame.

Na face externa de muitos fragmentos observou-se que existem marcas escurecidas, podendo indicar que a vasilha pode ter sido exposta ao calor do fogo. Alguns fragmentos apresentam sensíveis resquícios de uma pintura avermelhada (desgastada), deixando margem para as manchas escurecidas (talvez oriundas da exposição ao fogo), sejam marcas do processo técnico de cozimento da argila, após sua

secagem, e não oriundo de uma utilização para cozimento de alimentos, hipótese que ainda não podemos descartar.

De acordo com a análise observou-se que em média 308 fragmentos compõem o agrupamento Vasilha 2 (na sua grande maioria pertencentes à Unidade 48 do Quadrante 1). Além disso, cerca de 150 destes pertencem à Unidade 289 do Quadrante 2, e se encontram muito erodidos, medindo cerca de 0,5 cm cada um, e portanto não foram inseridos dentro do agrupamento vasilha 2, devido ao comprometimento em afirmar sua procedência, tendo em vista que se encontram em alto grau de fragmentação. Porém, em um plano secundário, estes fragmentos podem ser pensados como sendo partes da vasilha 2, de acordo com o padrão da pasta e do tratamento de superfície.

**Figura 28. Segundo grupo de fragmentos cerâmicos (Vasilha 2). As letras A, B, C e D indicam as remontagens do segundo agrupamento. (Remontagens Maio/2016)**



Acervo: Coleção arqueológica do sítio do Areal/Quaraí-RS, armazenada no Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas –LEPA/UFSM (Santa Maria/RS). Foto: Vanessa Milder.

As observações sobre a técnica de confecção indicam que a Vasilha 2 foi confeccionada através da modelagem ou agrupamento de placas ou porções de argila. Não foi evidenciado nenhum negativo ou positivo, ou outro elemento técnico oriundo



da técnica de acordelamento, uma vez que a pasta cerâmica em seu interior se apresenta repuxada transversalmente, o que lhe dá uma característica peculiar e diferente em relação às cerâmicas acordeladas.

Além disso, devido ao grande número de fragmentos e as remontagens de proporções medianas foi possível observar marcas de instrumentos utilizados por artesãos (oleiros), os quais foram utilizados ao que tudo indica durante uma das etapas técnicas.

As marcas de incisões em alguns fragmentos podem indicar o fechamento de uma secção da parede, ou seja, pela técnica de modelagem agregava-se argila na construção de um vasilhame, porém as vasilhas poderiam ser construídas através da união de secções (partes da vasilha) e para a união das secções utilizava-se um instrumento pontiagudo para unir a argila ainda úmida e modelável. Além de um fechamento para as secções, as incisões poderiam decorar (de acordo com o olhar do observador ou do artesão), atribuindo a estas cerâmicas uma característica peculiar.

**Figura 29. Remontagem cerâmica (Unidade 48) do Areal/Quaraí-RS. No detalhe, linhas paralelas de incisões (parede interna). Possível demarcação do limite de uma secção.**



Foto: Vanessa Milder.

**Figura 30. Remontagem A – no detalhe indício de um limite de secção da placa de argila. A olho nu é possível visualizar uma marca de incisão adentrando a face interna da parede.**



Foto: Vanessa Milder.



**Figura 31. Outras remontagens. À esquerda, possível remontagem correspondente à base da Vasilha 2. À direita, remontagem de parede (que possivelmente ficou exposta às intempéries, no terreno)<sup>26</sup>.**



Foto: Vanessa Milder

**Figura 32. Remontagem (paredes) agrupamento Vasilha 2.**



Foto: Vanessa Milder.

<sup>26</sup> A observação sobre o fato de que algumas cerâmicas do mesmo agrupamento (vasilha 2), possuam tons e texturas alteradas, em relação umas às outras, é entendida aqui como sendo devido à ação das intempéries sofridas por alguns fragmentos. Cerâmicas com estas diferenças, foram remontadas, o que demonstra o grau de exposição dos diferentes fragmentos, ou até mesmo à alteração durante a queima (processo técnico).

**Figura 33. Sequência da remontagem C, em Junho/2016. Aparência das paredes externas da remontagem pertencente ao agrupamento Vasilha 2 – Sítio arqueológico da Figueira – Areal.**



Foto: Vanessa Milder.

**Figura 34. Sequência da remontagem C, em Junho/2016. Aparência das paredes internas da remontagem pertencente ao agrupamento Vasilha 2 – Sítio arqueológico da Figueira – Areal.**



Foto: Vanessa Milder



Figura 35. Remontagem de Borda. Junho/2016.



Foto: Vanessa Milder.

Figura 36. Fragmentos com incisões. Trabalha-se com a hipótese de que as incisões pertençam a face interna da vasilha, uma vez que possuem uma suave curvatura, que pode ser melhor detectada a partir da observação da face alisada (possivelmente a face externa da vasilha).

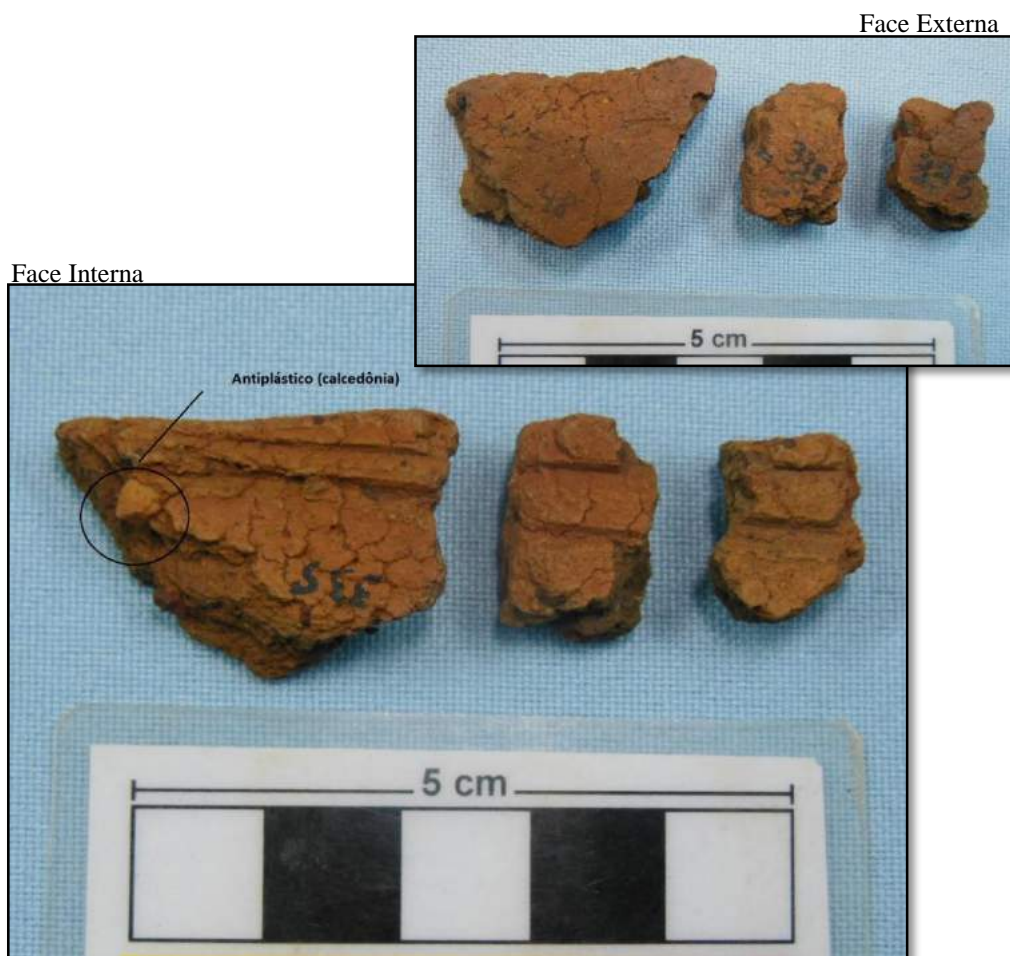


Foto: Vanessa Milder.



### 3.2.3 Bordas (16 fragmentos) – agrupamento de fragmentos Vasilha 2

Os fragmentos de borda apresentam aspectos que colocam-as em conexão com o agrupamento de fragmentos Vasilha 2. As marcas de ressecamento e aspecto “trincado” da superfície interna e externa (Figuras 34 e 35) das paredes dos fragmentos, possuem aspectos similares aos demais fragmentos da Vasilha 2.

Algumas bordas apresentam uma textura mais polida<sup>27</sup>, que apresenta-se heterogênea em uma escala mais ampla de observação. O desgaste, ressecamento e as várias ações do tempo foram decisivas para destruição de importantes características dos fragmentos. O solo arenoso do sítio, bem como o clima (com vento/chuvas), permitiram o aceleração do processo de degradação das superfícies, umas vez que o vento associado com a areia causa um processo de retrabalhamento paulatino das rochas e outros elementos com grau de dureza menor. Alguns fragmentos possuem marcas de um instrumento que foi utilizado para alisar a argila ainda úmida próximos da borda (ver Figura 30).

Esse detalhe também se observa no agrupamento Vasilha 2, provavelmente na secção do meio do vasilhame (ver Figura 31). Além disso, alguns fragmentos apresentam manchas escurecidas que poderiam ter sido causadas por exposição ao fogo (isso ocorre tanto em alguns fragmentos de borda, quanto em fragmentos de parede do agrupamento vasilha 2 - ver Figura 34).

**Figura 37. Fragmento de borda. Coleção cerâmica do sítio da Figueira-Areal.**



Foto: Vanessa Milder. Acervo: LEPA-UFSM.

<sup>27</sup> Processo que geralmente é feito com seixos rolados (molhados com saliva ou água), cocos, palha de milho, frutos, sementes, conchas, cabaças, etc., deixando marcas bastante visíveis e resultando em uma superfície polida, em alguns casos brilhosa. (LIMA, 1986:176 apud MILLER; ROCHA, 2012:119).

**Figura 38. Face interna da remontagem B do agrupamento Vasilha 2 (Bordas). No detalhe, marcas de instrumento utilizado durante uma das etapas do processo técnico.**



Foto: Vanessa Milder.

### 3.2.4 Vasilha 3

Os fragmentos foram agrupados de acordo com algumas características que indiciam que estes fazem parte de uma mesma vasilha. Quanto à espessura das paredes observou-se que os fragmentos de borda medem 11 mm, enquanto algumas paredes apresentam 9 mm de espessura, demonstrando assim um aumento da espessura partindo de baixo para cima, provavelmente deixando o vasilhame com a borda mais espessa em relação ao restante do corpo da vasilha.

O número de fragmentos do agrupamento Vasilha 3 é de trinta e dois (32), e foi possível realizar duas remontagens, sendo a remontagem A composta por seis fragmentos e a remontagem B por dois fragmentos.

Foi possível observar em alguns fragmentos do agrupamento Vasilha 3 uma aplicação de engobo<sup>28</sup> de aproximadamente 1 mm, na face interna e externa, sendo este mais claro que a pasta que constitui o interior das paredes. As marcas do processo de alisamento do engobo ainda estão em bom estado de conservação (ver Figuras 40 e 41), embora alguns fragmentos encontrem-se erodidos (esfarelando-se) e muito fragmentados. Sobre o engobo verificou-se a aplicação de uma pintura avermelhada, na face interna e externa, indiciando que provavelmente o Vasilhame 3 não foi utilizado para cocção de alimentos. Esse dado indica que o vasilhame pode ter sido utilizado para

<sup>28</sup> Termo especificado no Glossário.

fins ritualísticos, o que indica uma controvérsia em relação às conclusões de Jardim (2003) e Milder et al (2002), quando estes pesquisadores definem e encerram uma função aos vasilhames (panela para cozimento de alimentos para grupos da etnia Charruas).

A técnica de confecção dos fragmentos é a modelagem. Descartamos a técnica de acordelamento, uma vez que não foi observada nenhuma marca de rolete (positiva ou negativa), nem sequer algum indício de cordel no interior da pasta. A quebra dos fragmentos é irregular, deixando à mostra em algumas peças uma sobreposição repuxada de argila em um sentido transversal para baixo (ver Figura 42 a e b), ou seja, o artesão repuxou a argila ainda úmida para baixo, dando forma ao vasilhame. Após a queima a marca de repuxamento permaneceu.

**Figura 39. Face externa fragmento Vasilha 3.**



Foto: Vanessa Milder



**Figura 40. Face interna fragmento Vasilha 3.**



Foto: Vanessa Milder.

**Figura 41. (a e b). Detalhe do interior dos fragmentos cerâmicos – técnica de modelagem (Vasilha 3). Sítio da Figueira – Areal.**

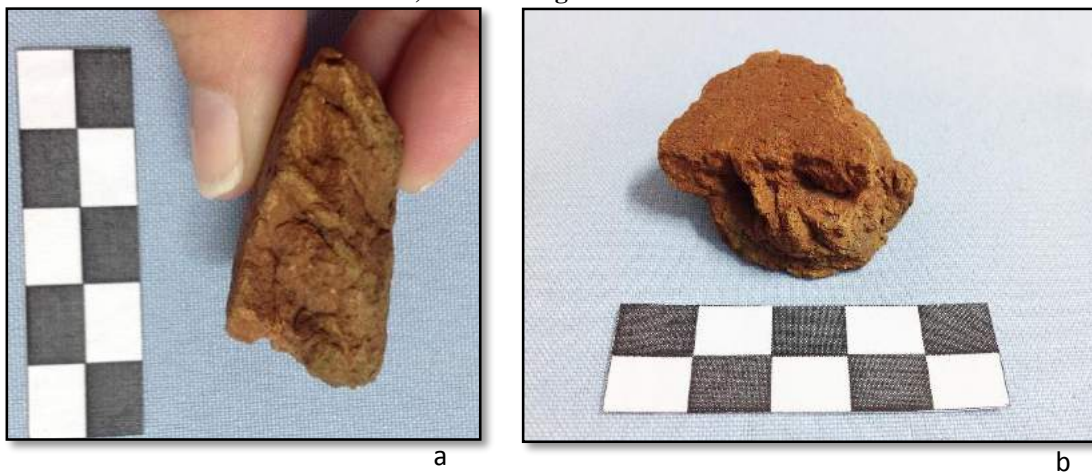


Foto: Vanessa Milder.

Figura 42. Terceiro grupo de fragmentos cerâmicos (Vasilha 3). As letras A e B indicam as remontagens do terceiro agrupamento.



Acervo: Coleção arqueológica do sítio do Areal/Quaraí-RS, armazenada no Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas –LEPA/UFSM (Santa Maria/RS). Foto: Vanessa Milder.

## CAPÍTULO 4

### 4.1 Formas de pensamento na Arqueologia a partir da perspectiva da História Intelectual (História Cultural)

*“[...] las tipologías, como cualquier otro producto social, no escapan a la lucha ideológica; no son construcciones inocentes y neutras sino dispositivos de poder. El pensamiento tipológico, es también una teoría política.”*  
(GNECCO; LANGEBAEK, 2006:9)

Delimitamo-nos aqui a analisar e trabalhar com o contexto arqueológico e discursivo no qual o sítio da Figueira está inserido, levando-se em consideração, assim, os contextos, conceitos e áreas geográficas mencionadas nas diferentes obras selecionadas e relacionadas nos capítulos anteriores. Portanto, não devemos ampliar, de uma maneira imediata e incipiente as construções ou observações teóricas desta pesquisa à totalidade regional ou nacional. Estamos realizando uma correlação que sugerimos ser pensada localmente, ou seja, geograficamente estamos falando do Areal / Quaraí, embora as conceituações extrapolem a área geográfica. Pois autores buscam conceitos aqui e ali.

Há uma concentração conceitual oriunda de diferentes locais e intelectualidades que nos mostram uma trajetória da construção histórica de uma determinada representação do contexto arqueológico. Aqui estamos contemplando a coleção cerâmica do sítio da Figueira – um objeto de estudo da Arqueologia, e a construção discursiva (um mapa conceitual) - um objeto da historiografia, pouco estudado pela Arqueologia, mas que se relacionam a partir do momento em que a nossa percepção as inserem dentro da crise historiográfica que busca questionar a organização das verdades dominantes asseguradas pelos paradigmas.

Não estamos seguros do lugar que esta pesquisa ocupa no campo da Arqueologia, uma vez que cada campo científico (História, Arqueologia, Sociologia, Antropologia, Filosofia, etc.) possui suas unidades de observação, seus objetos, ferramentas e metodologias. No campo científico da História a pesquisa parece estar localizada na História Intelectual, enfatizando a História Cultural como mais apropriada, segundo as definições de Robert Darnton.

*“[...] para Robert Darnton, a história intelectual [...] compreende [...] a história das ideias (o estudo dos pensamentos sistemáticos, geralmente*

em tratados filosóficos), a história intelectual propriamente dita ( o estudo dos pensamentos informais, das correntes de opinião e das tendências literárias), a história social das ideias ( o estudo das ideologias e da difusão das ideias), e a **história cultural**<sup>29</sup> ( o estudo da cultura no sentido antropológico, incluindo as visões do mundo e as mentalidades coletivas)[...]” (CHARTIER, 2002:24-25)

Assim, diante da grande quantidade produções científicas sobre os contextos arqueológicos da região platina (entorno de Quaraí-RS) em diferentes locais, e pelas poucas pesquisas que contemplam a relação das práticas culturais, formas de dominação e a formação das identidades (conforme propõem Chartier, 2002) a partir de uma análise historiográfica, carecendo portanto de investigações precisas, sentimo-nos por hora limitados a realizar a devida conexão dos estudos teóricos sobre as diferentes construções discursivas. Pensamos que esta etapa pode ser a consequência do início dos estudos sobre a discursividade teória na Arqueologia.

Os conceitos que envolvem os discursos das diferentes obras filtradas nessa pesquisa são compartilhados pelos pesquisadores e por campos científicos, mas também sofrem um processo de luta interdisciplinar. O objetivo dessa luta foi garantir uma posição hegemônica, através da linguagem.

Assim podemos compreender o mapa conceitual também através da posição ocupada por um grupo dentro de um campo científico. O grupo torna a terminologia hegemônica e consagra-se, adquire a condição de habilitado. A partir dessa etapa de consagração, que pode ser pensada como um ritual social de linguagem<sup>30</sup>, cria-se uma posição hegemônica dentro de um campo intelectual.

A partir da visão de mundo construída e representada lexicalmente, baseada nas percepções de agentes que fazem parte do grupo dominante sobre determinada pesquisa, e também observadas materialmente na cerâmica a partir da criação de categorias e subcategorias que comprovam o real, fazendo as unidades de observações aparecerem, forma-se o mito.

A reatualização de um mito ao longo do tempo está sujeito a modificações e transformações, e como não entraremos na pesquisa sobre obras da atualidade de uma maneira profunda, limitar-nos-emos a propor uma reflexão futura sobre os mitos da atualidade sobreviventes e reformulados na Arqueologia.

---

<sup>29</sup> Grifo nosso

<sup>30</sup> Maingueneau, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Editora da Unicamp – Pontes, Campinas/SP, 1997.



Cabe aqui salientar a importância de observar o que implica realizar uma pesquisa bibliográfica que busca traçar a trajetória teórica de uma representação na história. Como podemos agregar à História e a Arqueologia através da percepção das visões de mundo? As construções discursivas tornam rígidas as representações, portanto, merecem serem revolvidas, apesar do grande período de tempo que estão no mercado intelectual arqueológico.

\*\*\*

Durkheim (1989) ao expor um dos objetivos da sociologia, diferenciando-os dos objetivos ou problemas colocados pela história ou pela etnografia (conhecer ou reconstruir as formas antigas da civilização), afirma que a sociologia “tem como objetivo explicar uma realidade atual, próxima de nós [...] capaz de tocar nossas ideias e nossos atos: essa realidade é o homem” (Durkheim, 1989:29).

Segundo Durkheim (1989), a durabilidade da instituição humana tem por base a natureza das coisas, portanto não poderia repousar sobre o erro e a mentira. Em todas as religiões acredita-se que haja elementos essenciais em comum, não se referindo a sinais aparentes (características exteriores e visíveis), se bem que os sinais exteriores de uma crença podem (e Durkheim afirma que necessariamente existem) sugerir “**representações** fundamentais e [...] atitudes rituais [...] apresentam por toda parte, o mesmo significado objetivo [...] esses elementos permanentes [...] constituem o que existe de eterno e de humano na religião” (Durkheim, 1989:33).

A homogeneidade dos movimentos (comportamento, conformismos e estereótipos) dos grupos primitivos, que Durkheim se refere como “sociedades inferiores”, traduz o seu pensamento do coletivo. Segundo Durkheim (1989:34) “posto que todas as consciências são arrastadas nos mesmos redemoinhos, o tipo individual quase se confunde com o tipo genérico. Ao mesmo tempo que tudo é uniforme, tudo é simples.”.

\*\*\*

Afim de que possamos compreender a construção das visões de mundo dos autores selecionados no primeiro e no segundo capítulo dessa pesquisa é necessário primeiramente compreender através do discernimento as construções primeiras de uma representação, ou do que viria a ser uma representação para as ciências sociais e humanas.

Partindo do ponto em que a crise de legitimidade recaiu sobre o debate historiográfico europeu nos anos 50 e 60, portanto, de uma consequente tentativa de



superação de um “complexo de inferioridade em relação aos instrumentos de análise e de verificação utilizados pelas ciências da natureza.” (CERUTTI, 1998:233).

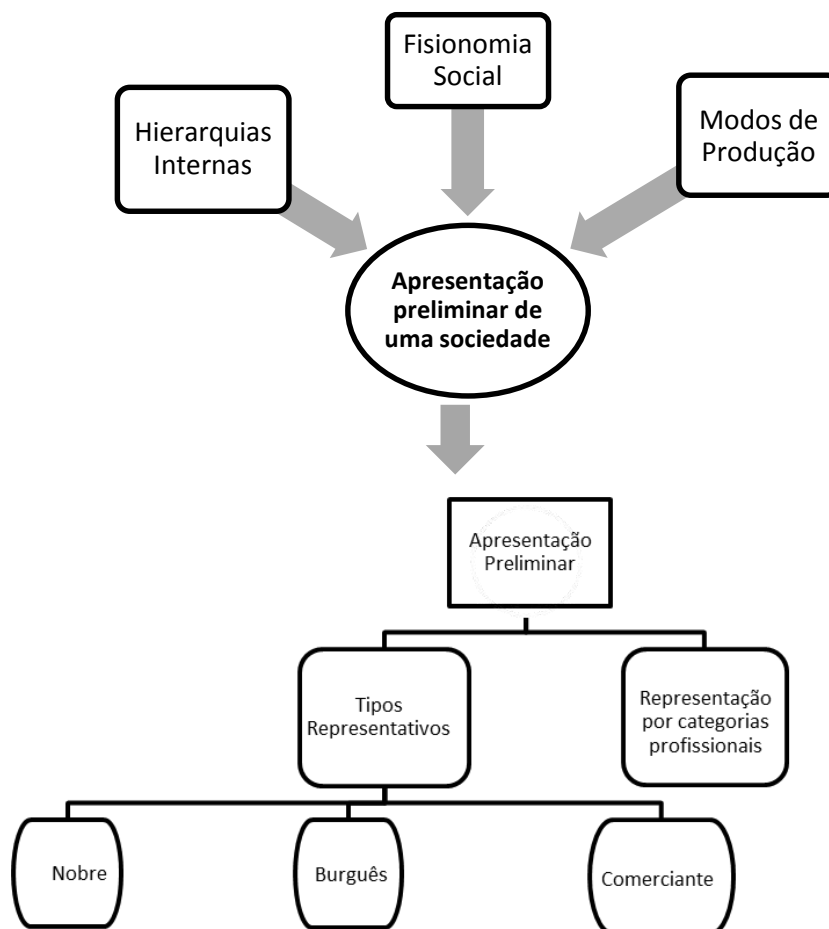
“Com efeito, se a adoção da quantificação como modo de organização e de leitura dos dados foi maciça, foi, entre outras coisas, para conseguir uma garantia de credibilidade das hipóteses de trabalho. Através das “leis numéricas”, constituíram-se a ambição de elaborar uma disciplina enfim ‘científica’. [...] Os exemplos mais típicos dessa atitude se encontram entre os ‘cliometricistas’ nos Estados Unidos, mas também na Europa, e sobretudo na França, onde por muito tempo se definiu o objeto da pesquisa histórica através da constituição de séries – quer se trate de objetos, de gêneros alimentícios, de preços ou de indivíduos.” (CERUTTI, 1998:233)

A organização dos fatos históricos e das análises da cultura material que convergem para o discurso pioneiro da arqueologia e suas tradições arqueológicas representam, portanto, o que se conhece por classificação socioprofissional, segundo o que Cerutti (1998) se refere em seu artigo sobre as construções das categorias sociais, se tratar de uma leitura das realidades sociais que são neutras apenas na aparência.

#### **4.2 As categorias socioprofissionais como um modelo para construção de categorias para as tradições arqueológicas**

Se nos estudos tradicionais das sociedades do Antigo Regime são apresentados alguns dados referentes a determinados setores da população, e através deles pode-se pensar nas descrições de tipos representativos das diferentes ordens sociais e também nas categorias profissionais, este modelo estabelece também algumas bases para se pensar a construção das categorias relacionais para as tradições arqueológicas, mudando apenas o foco das coordenadas essenciais para se alcançar através das classificações a imagem das sociedades pré-coloniais.

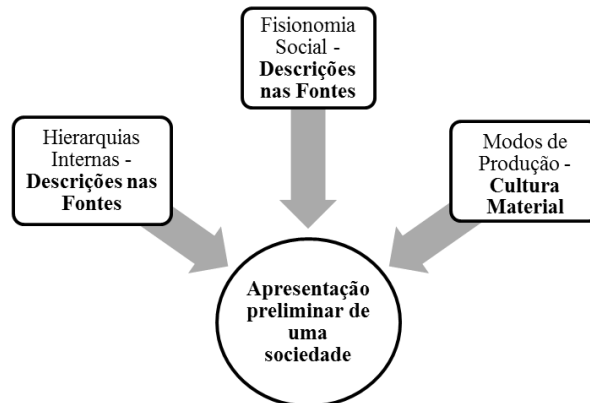
Figura 43. Esquema para compreensão das construções de categorias.



Construído pela autora com base nas informações de CERUTTI (1998). Representa uma transposição de ideias para pensar as categorias estabelecidas para as tradições arqueológicas.

Acima, apresentamos um esquema segundo o qual as categorias são construídas, a partir do qual é possível desenhar uma imagem sobre as orientações econômicas, hierárquicas e de estratificação social de uma sociedade/comunidade ou grupo humano. Esquema construído pela autora com base nas informações de CERUTTI (1998).

**Figura 44. Construção de categorias para representar uma sociedade.**



Esquema hipotético para as construções das categorias sociais e tecnológicas estabelecidas para a construção das tradições arqueológicas. Elaborado pela autora.

**Quadro 15. Grupos étnicos e a representação destes através das tradições arqueológicas.**

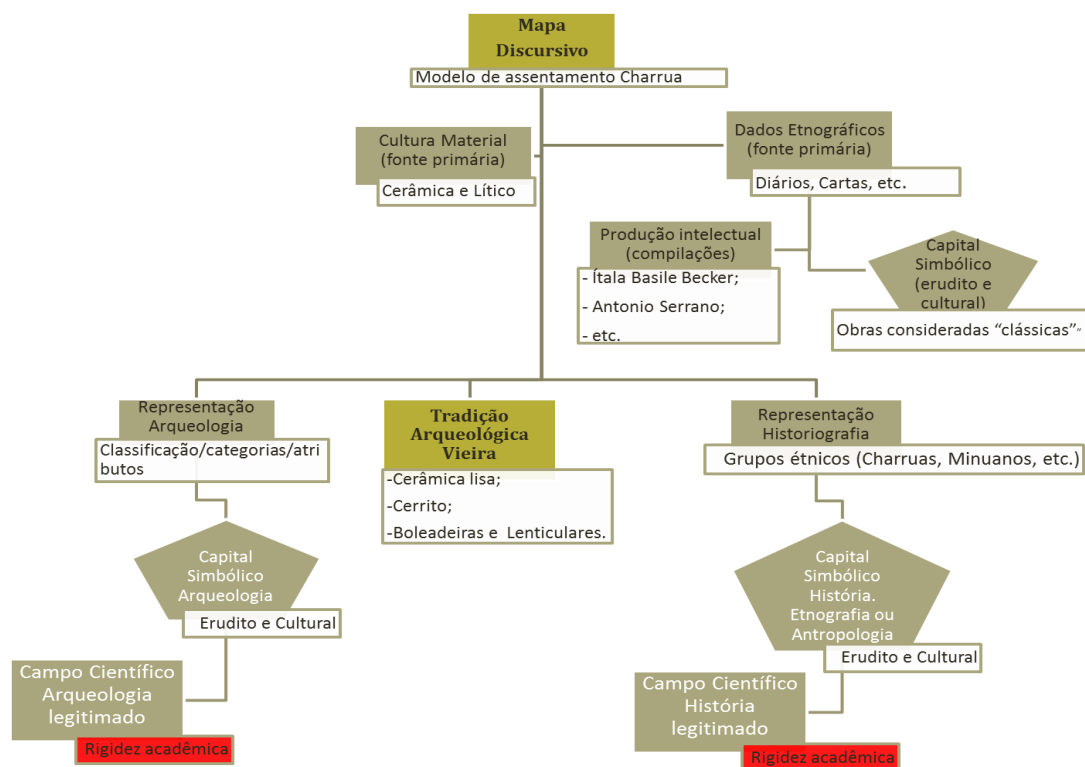
Apresentação preliminar	
Tipos representativos – grupos étnicos	Representação por categorias tecnológicas
-Minuanos	-Tradição Vieira
-Charruas	-Tradição Vieira
-Guarani	-Tradição Tupiguarani

Lítico

Cerâmica

Construído pela autora com base nas análises textuais e com a adaptação do modelo apresentado por Cerutti (1998).

**Figura 45. Representação esquemática da construção social do capital simbólico neste estudo de caso.**



Fonte: Construído pela autora com base nas análises textuais.

Os tipos representativos podem ser interpretados com caráter dual, uma vez que podem caracterizar diferentes grupos étnicos ou retratar diferentes culturas (tradições arqueológicas). Cada grupo étnico recebe certo número de características, que podem ser as feições humanas (estereótipos), as localizações geográficas, etc., oriundas das descrições e relatos contidos em fontes primárias e localização de sítios arqueológicos (como é o caso do trabalho de Antonio Serrano). As classificações para as categorias tecnológicas (tradições arqueológicas), por sua vez, subdividem-se em subcategorias relacionadas, a partir da criação de atributos observáveis na cultura material.

Em muitos casos, algumas obras selecionadas que estão decompostas no capítulo dois dessa pesquisa, utilizaram a metodologia de análise para as coleções cerâmicas levando-se em consideração os atributos construídos e, portanto percebidos por um determinado grupo de pesquisadores. Os mesmos atributos, em muitos casos, ainda são utilizados como padrão para medir o grau de pertencimento a uma determinada tradição arqueológica.

O modo como as categorias foram elaboradas gerou um desconforto acadêmico nos anos 90 dentro do campo científico arqueológico. As categorias e atributos receberam críticas, e assim houve um abandono mediano de algumas nomenclaturas, definições ou ideias. Os trabalhos da atualidade não receberam uma análise sobre seus argumentos e conteúdos nesta pesquisa, porém nota-se que de maneira reatualizada, assim como em um mito, que as categorias e atributos são retrabalhados sob novas nomenclaturas, ou seja, sob novas formas, porém com mesmos sentidos.

A criação das tradições arqueológicas, as quais contemplam atributos pré-formulados e aceitos como naturais, levam o pesquisador a definir grupos de artefatos relacionados a identidades de grupos étnicos, em uma aparente descrição neutra. Os pesquisadores concordam com o instrumento que lhes foi colocado, a taxinomia que então representa a realidade. A problemática recai sobre os critérios compreendidos pelos pesquisadores, e o distanciamento da experiência e prática dos indivíduos ou grupos de indivíduos.

Na literatura arqueológica, principalmente a partir dos anos 90, muitos pesquisadores reforçaram a insuficiência das classificações e/ou comparações.

As categorias que foram criadas para definir o pertencimento de uma determinada coleção arqueológica se mostraram na prática incapazes de dar conta da diversidade de contextos arqueológicos e históricos, bem como das particularidades da cultura material, portanto, a representação adotada pela arqueologia que considera válida a classificação e inserção dentro das tradições arqueológicas que temos hoje definidas, e que foram originadas no interior do PRONAPA, torna-se inepta, pois força à homogeneidade (quando esta muitas vezes não existe), dentro de uma análise artefactual de um determinado sítio arqueológico, assim como gera um processo de comparação entre os contextos, podendo prejudicar a revelação de uma determinada história.

Precisamos levar em conta que a classificação que aplicamos para as coleções arqueológicas, dissimula atores sociais da história pretérita e também especificidades que fazem parte da diversidade de tecnologias e aspectos da cultura material. A criação de falsos atores sociais não tem sido muito explorada dentro das produções e pesquisas históricas e, portanto, acreditamos ser fundamental que haja um espaço para debater as construções que estão interiorizadas e enraizadas em nós.

As nomenclaturas utilizadas não representam a realidade, pois não foram adotadas e escolhidas de um ponto de vista neutro (o qual não existe), mas sim de um

ponto de vista em que a verdade deve aparecer<sup>31</sup>, e que o pesquisador tem a tarefa de revelar o que sempre existiu. Segundo Cerutti (1998), a ideia de classificação tem por função ordenar a realidade.

A classificação em tradições arqueológicas (ou outras classificações) é um modo de representação que reduz as diferenças observadas não só nas coleções arqueológicas, mas em qualquer objeto de análise histórica.

A produção de grupos homogêneos reduz a nossa preocupação com o individual, assim criamos realidades e nos sentimos confortáveis e seguros, pois estamos fazendo a verdade aparecer.

#### **4.3 Mapa de associação de ideias: uma análise discursiva como proposta para o entendimento das interpretações (construções) históricas e arqueológicas para a cerâmica pré-colonial do sítio da Figueira/Areal-RS.**

As tabelas, quadros e/ou textos apresentados entre as páginas 105-121 e 170-172 desta pesquisa representam a primeira fase de construção de agrupamentos que realizamos após a leitura das publicações referidas como “obras escolhidas”. Realizamos agrupamentos que têm por objetivo a identificação de categorias.

No processo de unitarização procedemos em duas etapas, a primeira já mencionada, e a segunda fase de construção colocada conjuntamente nas páginas citadas.

Em cada uma das publicações evidenciamos categorias, as quais identificamos nas tabelas como tópicos ou sub-tópicos ou que simplesmente receberam uma numeração localizada do lado esquerdo das mesmas.

As obras de autoria de José J.J.P. Brochado (1984), e de Pedro I. Schmitz (1973) passaram pelo mesmo processo de leitura, mas achamos mais conveniente isolar as categorias observadas trazendo uma sequência de texto juntamente com algumas tabelas devido a necessidade de inserir a revisão de literatura que julgamos também necessária. As outras obras também receberam uma revisão nesta pesquisa, mas devido às nossas escolhas referentes à localização do Areal, foram contempladas no primeiro capítulo.

**1ª fase da unitarização:** Antes de evidenciarmos o agrupamento de categorias, que são formadas pela associação de elementos, consideramos a marcação de categorias *a*

---

*priori*, as quais não elencamos graficamente. Essas categorias de primeira ordem dizem respeito ao objetivo das publicações, e se ramifica ao longo de qualquer texto científico. Podemos melhor identificar tais categorias através das nossas leituras e interpretações. Segundo a técnica de Mary Jane Spink podemos identificar o objeto marcador – que corresponde às perguntas que norteiam o texto, as primeiras respostas – que corresponde as respostas para os questionamentos científicos, a explicação aprofundada – correspondendo às explicações das associações, ou esclarecimentos, e assim por diante, conforme o olhar do leitor, não havendo portanto um número fixo de categorias, nem uma predeterminação.

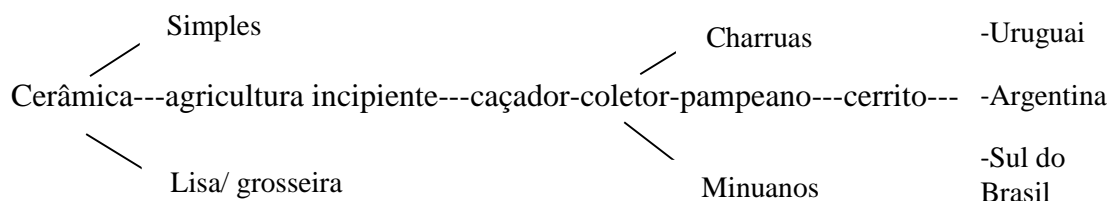
**2ª fase de unitarização:** Nesta etapa representamos graficamente as categorias que foram identificadas nas publicações. Cada publicação recebeu uma análise individual que gerou sínteses representadas pelas tabelas ou quadros.

Através do agrupamento dos temas e seus desdobramentos produzimos as nomenclaturas, que juntamente receberam os agrupamentos de ideias dos textos, que são os elementos associativos, ou seja, o agrupamento dos significados de cada nomenclatura identificada. Embora as publicações não apresentem sempre categorias idênticas, podemos observar que trazem elementos em comum. Essa observação foi realizada a partir de um ponto de vista que possui como elemento norteador a cerâmica pré-colonial, pois este é o elemento chave e palpável da nossa pesquisa. É a partir dos questionamentos sobre a cerâmica que tecemos outros objetivos que tem por intuito a compreensão da construção discursiva para o sítio cerâmico (pré-colonial) da Figueira/Areal.

As categorias que isolamos e que serão utilizadas nesta pesquisa são: cerâmica, cerrito, sítio arqueológico e ambiente. As outras categorias poderão ser utilizadas em segundo plano, caso seja necessário a contextualização, ficando assim em aberto a análise discursiva sobre os materiais líticos, paisagem e também a cerâmica, pois nosso objetivo não é fechar a discussão, mas sim provoca-la.

Conforme os elementos e informações que coletamos nas publicações e suas devidas associações, construímos um mapa a fim de compreender como o argumento é construído. Para isso utilizamos expressões significativas ou as categorias que observamos, e não os trechos inteiros dos textos. No mapa associativo podemos compreender a linha ideológica de um determinado pesquisador.

**Figura 46. Mapa associativo de ideias e conceitos representando um capital simbólico largamente utilizado e incorporado nas publicações.**



Construído pela autora, com base nas análises dos textos científicos selecionados/revisados, com ênfase nos elementos discursivos.

#### **4.4 As cadeias argumentativas das construções discursivas sobre o sítio da Figueira: a trajetória conceitual de Pedro Augusto Mentz Ribeiro**

Até agora, a interpretação construída para o sítio arqueológico da Figueira, não está fora da linha de pensamento que considera que tanto o contexto, quanto a coleção cerâmica possuem um denominador comum que se relaciona com a tradição arqueológica Vieira (entre outras tradições considerando-se o material lítico e gravuras rupestres), pois houve uma homogeneização e comparação referente às classificações dos materiais arqueológicos do entorno (Complexo Itaqui no Sudoeste do RS e algumas zonas arqueológicas do Uruguai e Argentina). Relacionar grupos étnicos ou tradições arqueológicas nos deixaria tranquilos em relação à criação de um modelo de assentamento, pois as estruturas conceituais estão prontas, restaria apenas ordenar os dados. Mas na prática as evidências do sítio do Areal deixam margem para outras interpretações que não necessariamente concordam com as prenoções estabelecidas para cada tradição, fase ou subfase arqueológica.

O fator que desestabiliza a amarração teórica no que concerne ao sítio da Figueira pode ser compreendido através de algumas constatações, entre outras:

- a) o sítio da Figueira foi considerado pelos primeiros pesquisadores como sendo um sítio do tipo cerrito;
- b) nos sítios arqueológicos conhecidos como cerritos, pode haver ocorrência de cerâmica nos níveis superiores dos montículos, indicando que as cerâmicas foram, portanto, utilizadas em um período mais recente da história (Neolítico), momento em que os grupos tornaram-se mais sedentários e necessitavam armazenar e cozinhar seus alimentos;



c) os fragmentos cerâmicos indicam que o grupo que habitou o Areal se utilizou da tecnologia cerâmica para cozinhar seus alimentos;

d) a relação entre cerrito e cerâmica lisa e “grosseira” estipula uma classificação, a tradição arqueológica Vieira, a qual se corporifica através dos atributos selecionados na cultura material;

e) materiais líticos (boleadeiras e lenticulares) são artefatos que aparecem em cerritos e que fazem parte dos elementos mencionados nas fontes primárias (relatos de viajantes, Diários, etc.), consagrados na literatura histórica e arqueológica e que são largamente utilizados;

f) As boleadeiras são instrumentos líticos que foram utilizados principalmente por grupos que habitavam a região do Pampa - Charruas, Minuanos e outros;

As constatações a e b são na prática diferentes, pois o sítio da Figueira não é um sítio do tipo cerrito, uma vez que não possui construções de montículos de terra, nem está sobre uma duna. O sítio encontra-se em uma área em processo de arenização. Assim, nos questionamos sobre a rigidez da tradição arqueológica Vieira, ao determinar que somente em cerritos ou dunas há ocorrência de cerâmicas lisas (caracterizadas por serem da tradição Vieira).

Assim inferimos algumas possibilidades:

1) O sítio da Figueira é um “cerrito” sem montículo. Para essa hipótese teríamos que retrabalhar o conceito de cerrito e as definições da tradição arqueológica Vieira, ampliando as noções pré-estabelecidas.

2) A afirmação de Ítala Becker, referenciada no capítulo dois dessa pesquisa, nos traz uma importante pista sobre a construção da tradição Vieira. Segundo nossas pesquisas, a autora se utiliza de dois dados etnohistóricos, os quais são agregados por ela de forma indutiva, criando assim uma representação da função das vasilhas cerâmicas, ou seja, seriam teoricamente utilizadas para o cozimento de alimentos. No entanto, as fontes não trazem informações sobre a utilização das cerâmicas para cozimento, mas sim contextos que as colocam como elementos encontrados junto aos enterramentos dos indígenas. A partir da hipótese que contempla as cerâmicas como ajuares funerários, o entendimento dos vestígios de argila no sítio da Figueira/Areal podem redirecionar a interpretação do contexto arqueológico local, uma vez que detectamos a presença de pintura vermelha em alguns fragmentos (enquadrados anteriormente dentro da tradição Vieira, a qual teoricamente não possui pintura).

Miller (1969b) ao se referir a fase Ibirapuitã afiliada ao Complexo Itaqui, afirma que “Em dois banhados, restos de enterramentos jaziam sob matacões, acompanhados por pequenos potes fragmentados.” (MILLER, 1969b:17). Conforme já mencionado nessa pesquisa o Complexo Itaqui foi comparado ao Complexo do Areal pelo arqueólogo Mentz Ribeiro.

A comparação das tecnologias cerâmicas e líticas, e a busca dos arqueólogos por padrões tecnológicos, bem como seus enquadramentos em tradições e fases, encobrem dados, cria representações e falsos atores sociais para a história. A perspectiva sobre a utilização das cerâmicas em contextos funerários não recebeu uma análise privilegiada, ficando os dados que sugerem essa versão, em um plano secundário.

Assim, notamos que a busca por padrões tecnológicos encobre as práticas pretéritas que desvelamos nas fontes documentais ou nas percepções dos arqueólogos (pouco exploradas), que em alguns casos podem coincidir com aspectos pouco explorados da cultura material. A procura de brechas nos textos e nos documentos nos permite no presente trabalhar alguns vícios de origem, como conceitos com cargas negativas sobre os ameríndios, ao mesmo tempo em que reivindicamos um retorno reflexivo às pesquisas anteriores, contemplando o entendimento das representações originárias do discurso, antes de criarmos novas histórias no presente.

Além disso, Ítala Becker utiliza a informação contida nas fontes sobre a produção do *cazabe*, utilizado na alimentação dos Minuanos, o que a induz a pensar que o grupo indígena cozinhava seus alimentos em vasilhas cerâmicas. É importante frisar que os dois dados etnohistóricos que a autora utiliza são mencionados em contextos diferentes. Primeiro, sobre a vasilha junto a uma sepultura, encontra-se no relato (fonte primária) da perseguição do *Cuerpo de Blandengues de la frontera de Montevideo* a um grupo de indígenas, que segundo as informações do documentos são Minuanos<sup>32</sup>, embora Eduardo F. Acosta y Lara esteja se referindo a Guerra dos Charruas.

Segundo, sobre a produção do *cazabe*, que encontra-se no relato de Beneditino A.J. Perenetty, onde este informa alguns dados gerais de indígenas que ele viu, portanto não se trata de um dado que compreende a totalidade dos costumes, mas de um grupo, “*se aproximaba um grupo de ocho o nueve indios, hombres y mujeres. [...] Los que yo*

---

<sup>32</sup> “*Sobrellevando las contrariedades de una empresa llena de peripécias, llegaron el 4 de Mayo á la costa del Cuareim, donde encontraron cuatro tolderías de indios Minuanes, quienes, apenas divisaron á los españoles, pusieron en fuga, ganando el monte.*” (ACOSTA Y LARA, 1961:164)

*he visto estaban bien conformados; [...]”* (PERNETTY, B. In ACOSTA Y LARA, 1961:246)

*“El hallazgo de una olla junto a una sepultura (186) podría inducir a pensar de que también cocinaban alimentos, posiblemente el cazabe hecho de mandioca por las mujeres. (187) Em las áreas ocupadas por los Minuanes em tempos pré-históricos es abundante la cerâmica, que los arqueólogos denominaron de Tradición Vieira.”* (BECKER, 1982: 141)

A cerâmica encontrada no sítio da Figueira, está enquadrada dentro da tradição arqueológica Vieira, mas seu contexto difere do contexto ambiental que esta tradição obrigatoriamente força.

Muitos fragmentos das Vasilhas 2 e 3 possuem pintura interna, inferindo assim que possuem uma margem contrária ao que foi estabelecido por alguns pesquisadores, no que concerne a função das vasilhas no passado, ou seja, não necessariamente foram utilizadas para cocção de alimentos. Nossa análise sugere que elas possam ter sido utilizadas em situações de caráter ritualístico.

Assim, ao invés de utilizarmos as categorias criadas para enquadrar o sítio e a cultura material dentro das tradições, sugerimos que a revelação material guie o pesquisador, uma vez que não podemos delimitar padrões para a prática, uma vez que cada pessoa vive e experimenta o mundo de diferentes maneiras. Neste sentido, não estamos afirmando que cada grupo ou pessoa acredita ou realiza diferentes ações em todos os lugares, em diferentes períodos, mas que nas ações e práticas humanas existem desvios que dependem muito da essência do humano e de suas necessidades, sejam econômicas, biológicas ou espirituais.

A relação estabelecida entre cerâmica simples, cerritos e Charruas não dá conta do contexto arqueológico do sítio da Figueira, uma vez que não existe cerrito, a cerâmica caracteriza-se como lisa, mas nem por isso insere-se dentro de uma classificação “simples” e, além disso, possui pintura interna, deixando uma margem para uma reinterpretação do contexto arqueológico e histórico. Atribuir a cerâmica ao grupo étnico Charrua, devido a relação contextual que envolve alguns tipos de materiais líticos deixam a amarração teórica muito vaga, uma vez que não podemos voltar no passado para confirmar tal hipótese.

A leitura sobre os processos históricos do passado, tem sido pensados a partir das estruturas sociais que foram criadas, portanto aqui estamos buscando apontar alguns eixos que buscam nos revelar a origem de determinadas construções discursivas dentro da nossa pesquisa para a região do Areal (Quaraí). Não temos o objetivo de elencar

todos os pontos estruturais que tornam a estrutura metodológica e teórica como naturais para as nossas pesquisas. Este trabalho deve ser realizado em vários locais e em diferentes contextos, porém poucos pesquisadores tem se debruçado sobre a hermenêutica da condição histórica nas produções acadêmicas da Arqueologia.

Nesse sentido, ao abordarmos as construções discursivas, buscamos observar a agregação e o compartilhamento da solidariedade social referente à taxonomia dentro das produções científicas selecionadas nessa pesquisa. Os conceitos compartilhados dentro das perspectivas dos autores dão sentido à uma história que considera os denominadores comuns a verdades.

Ao abstrair-se das experiências e das práticas, afastamo-nos não só dos indivíduos, mas também da análise que contempla as particularidades da cultura material. Essas particularidades nos falam sobre práticas pretéritas. Se considerarmos apenas os critérios já estabelecidos, podemos tranquilamente continuar a utilizar os enquadramentos das tradições arqueológicas. Se este caminho nos causa um mal-estar, precisamos sair de nossa zona de conforto para pensar as construções de segunda ordem dentro das pesquisas históricas e arqueológicas.

Do contrário, estaremos reatualizando nosso mito moderno, ao compartilharmos do sentimento de solidariedade, aqui representada pela corrente de pensamentos e conceitos utilizados para pensar os sítios arqueológicos (formado pela agregação das tradições arqueológicas e suas ramificações e dos grupos étnicos relacionados aos seus costumes – ambas as informações para a criação desses grupos foram retiradas de fontes documentais. Os dados retirados não são questionados, apenas utilizados como um capital cultural simbólico e incorporado.).

#### **4.5 O encadeamento dos argumentos**

No segundo capítulo dispomos tabelas construídas durante o processo de leitura e análise de alguns textos escolhidos, as quais isolam aspectos conceituais, contextuais (arqueológicos e históricos), com intuito de evidenciarmos os elementos que encadeiam os argumentos discursivos utilizados por Mentz Ribeiro, Milder, Jardim e outros pesquisadores. A partir das tabelas construídas da segunda fase de unitarização, elencamos abaixo alguns elementos associativos que estão vinculados às noções para a cerâmica Vieira, Cerritos e Charruas.

**Quadro 16. Características atribuídas às cerâmicas da tradição Vieira.**

Argumentos: cerâmica Vieira	- Simplicidade;
	- Primitiva;
	- Inicial/incipiente;
	- Grosseira, simples, lisa.

Construído pela autora com base na discursividade textual dos trabalhos científicos mencionados nesta pesquisa.

**Quadro 17. Características atribuídas ao sítios arqueológicos do tipo “cerrito”.**

Argumentos: “Cerritos”	- Lugar de cerâmica Vieira;
	- Lugar de áreas pantanosas, alagadiças;
	- Lugar de sepultamentos;
	- Agricultura incipiente.

Construído pela autora com base na discursividade textual dos trabalhos científicos mencionados nesta pesquisa.

**Quadro 18. Características atribuídas aos índios Charruas.**

Charruas (Fontes Históricas)	- Caçador-coletor;
	- Identidade nacional uruguaia;
	- Cavaleiros, destemidos, corajosos;
	- Moravam em pântanos.

Construído pela autora com base na discursividade textual dos trabalhos científicos mencionados nesta pesquisa.

De acordo com o encadeamento dos argumentos, podemos compreender, de uma maneira sistematizada e, baseada em dados que foram retirados da discursividade - estes observados a partir de um ponto de vista do presente (o qual busca compreender a construção social da representação para a cerâmica do sítio da Figueira/Areal, a partir das perspectivas históricas e arqueológicas) – observadas nas produções científicas. Abaixo, relacionado no quadro (Quadro 19), reunimos elementos associativos que encadeiam e perpassam pela representação dada ao sítio em estudo (sítio cerâmico). O

capital simbólico conquistado em lutas (lutas simbólicas dentro do espaço social do campo científico arqueológico, que buscam hegemonizar nomenclaturas e noções – onde se estabelecem também os métodos analíticos e, por conseguinte, formas de alcançar resultados que já vêm empacotadas e que forçam atributos a se adequarem às categorias já construídas - anteriores (publicações concernentes aos sítios arqueológicos pesquisados e conceituados em países vizinhos e no próprio Sul do Brasil)).

**Quadro 19. Encadeamento de argumentos e o capital simbólico incorporado ao sítio da Figueira/Areal.**

Sítio do Areal/Figueira (RS – Q.18)	Cerâmica simples: -Vieira – cerritos; -Vieira – Charrúas (fonte etnohistóricas).
	Cerrito: lugar de cerâmica simples;
	Charrúas: caçador-coletor do Pampa com cerâmica simples (fontes etnohistóricas).

Construído pela autora com base na discursividade textual dos trabalhos científicos mencionados nesta pesquisa.

A criação de uma identidade nacional uruguaia compreende uma complexa rede de significados, onde Charruas, Minuanos, artefatos, documentos e outros elementos integram o imaginário da população, além disso, os grupos étnicos representam o espírito de liberdade, a resistência contra os opressores e a luta pela independência. (HILBERT, 2009).

Segundo Hilbert (2009), a imagem dos Charruas foi cuidadosamente construída através de componentes selecionados nas fontes documentais (textuais, artefatuais, iconográficas) que sustentam diferentes discursos não uniformes, nem unânimes.

Figura 47. Charge de cavalerie Gouaycourous [Voyage pittoresque et historique au Brésil [...]] (Volume 1) /1834 – Jean Baptiste Debret].



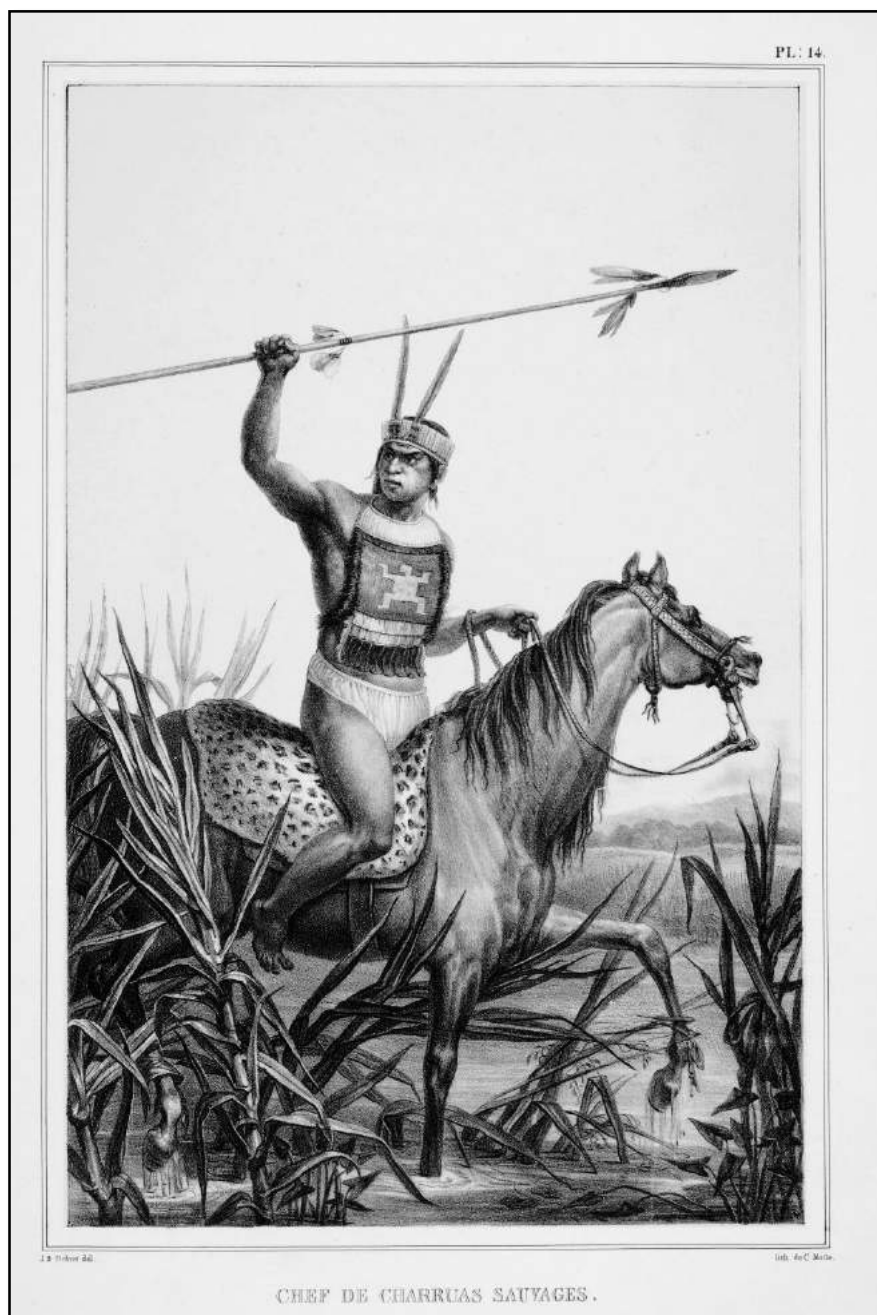
Fonte: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/624510032>. Acesso em 11/12/2016 às 14horas e 05 minutos.

Figura 48. Ensaio de classificação aborígine. Os Charruas estão inseridos no ramo Guaicurús do Sul, segundo Porto, 1943:29)

GRUPO RACIAL	RAMOS	NAÇÕES	TRIBUS OU PARCIALIDADES	PROVÍNCIA ETNOGRÁFICA
GÊ.....	Autóctone	Caágua	Caaguaras	Província de Ibiçá
	Guaianases (Gualachos ou Coroados)	Ibirajara	Caamoguaras Caatiguaras Carioguaras Tebiquiguaras Piraiubiguaras Talaçupeguaras Ieiquiguaras Ibianguaras Guaibiguaras	
			Tapes Arachanes	
Guaranizados	Tape	Caroguaras Tabacanguaras		
MBAYA.....	Guaicurús do sul	Chaná	Guenoas Chanás Mboanes Iaros Charruas Minuanos	Província do Uruguai.

Fonte: PORTO, Aurélio. “Capítulo I: Primitivos habitantes do Rio Grande do Sul” e “capítulo III: Florescimento dos sete povos”. In: História das Missões Orientais do Uruguai, Rio de Janeiro: Impr. Nacional, vol. 1, 1943, pg.29.

Figura 49. Chef de Charruas sauvages. *Debret, Jean Baptiste, 1768-1848*  
(Paris: *Firmin Didot Frères, 1834*)



Fonte: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/624510028>. Acesso em 11/12/2016 às 14horas e 10 minutos.



## CONCLUSÃO

A cerâmica do sítio da Figueira/Areal foi inicialmente compreendida através de comparações com outras coleções cerâmicas de assentamentos que localizam-se relativamente próximos à região em estudo (Quaraí-RS). A partir da percepção de que foi realizado um estudo comparativo entre a tecnologia cerâmica, o ambiente e o resultado de diversas combinações entre visões de mundo, tem-se desde então, as mesmas conclusões sobre a cerâmica do Areal, assim as primeiras impressões permanecem inalteradas – uma situação que nos possibilitou enxergar uma problemática que associa interpretação e cultura material. Dessa maneira, o objeto de pesquisa aqui não é apenas a cultura material, mas a representação e a construção social elementar de um artefato (a partir do ponto de vista dos pesquisadores).

A partir do pressuposto exposto acima, procuramos não afirmar que as hipóteses estejam erradas, mas que ao longo dos anos tem-se contado repetidamente a mesma história, a qual pode estar ocultando detalhes importantes para se compreender, pelo menos em parte, o cotidiano e/ou alguns aspectos dos indivíduos que utilizaram, confeccionaram ou relacionaram-se em qualquer nível com as cerâmicas, no passado, naquele local.

É importante frisar que como se trata de uma pesquisa que possui como fontes os vestígios materiais do passado e as percepções dos arqueólogos e historiadores, todos os detalhes que sejam intrínsecos à cultura material são resquícios importantes, pois são poucos, antigos, finitos (a cerâmica pode degradar-se) e podem desaparecer com a ação do tempo ou do próprio homem. Essa última observação refere-se unicamente ao fato de não termos conseguido localizar a coleção cerâmica coletada por Mentz Ribeiro. Infelizmente há muitos anos a coleção está como uma “agulha num palheiro”.

Para compreendermos como a interpretação para o sítio do Areal foi pensada, caímos inevitavelmente em um problema de caráter científico, que são as produções dos textos confeccionados por pesquisadores e que foram divulgados através de eventos em instituições que, na época do início dos estudos arqueológicos e históricos eram e ainda são importantes frentes da pesquisa arqueológica no Brasil e em países vizinhos.

Quando nos deparamos com as várias publicações sobre o tema da cerâmica na região Oeste e Sul do RS, Nordeste da Argentina e Leste do Uruguai, além de selecionarmos alguns dos textos, porque a quantidade de publicações é muito vasta, não suportando assim o espaço de uma pesquisa de mestrado, podemos perceber ao longo

desses dois anos e conforme fomos imergindo nas ideias e hipóteses sugeridas, que o encadeamento de argumentos entre os diferentes textos, de diferentes autores poderiam nos indicar os caminhos das percepções do mundo arqueológico e, portanto, o consequente entendimento das construções discursivas sobre os sítios arqueológicos pesquisados.

A percepção do encadeamento de argumentos relacionado às localizações dos sítios arqueológicos (que eram próximos, assim como os arqueólogos), foi fundamental para conseguirmos avançar não somente nesta pesquisa, mas no entendimento da escolha de um objeto de pesquisa. Aos poucos compreendemos que a cerâmica talvez não estivesse sendo tratada cognitivamente como um artefato/cultura material ou vestígio, mas sim como uma forma suspensa a ser preenchida.

Essa inversão da percepção nos direcionou a isolar nos textos que selecionamos, alguns argumentos (que podem ser as categorias de observação e/ou semelhanças observadas no contexto arqueológico e histórico), que nos mostram que a cerâmica da tradição Vieira, fase Ibirapuitã (Complexo Itaqui), *Ibiqueña* (Antonio Serrano), Palo Blanco e outras possuem elementos em comum (segundos os seus criadores – e aqui estamos nos referindo aos criadores de representação e não aos caçadores-coletores, embora eles também sejam criadores de representação), e por isso há de se tentar compreender através de um mapeamento conceitual, dos textos e dos autores, qual é a linha de pensamento seguida por Mentz Ribeiro (1994), Milder (2000) e outros, para que possamos entender também a perpetuação da representação científica e inicial para a cerâmica do Areal.

O discurso sobre a Tradição arqueológica Vieira, sua construção e representação apresentam-se em uma única direção, a que busca uma estrutura real no mundo. Assim como outros elementos científicos da época (anos 60), os produtos incorporados de determinadas estruturas sociais “e o reconhecimento da legitimidade mais absoluta não é outra coisa senão a apreensão do mundo comum como coisa evidente [...] que resulta da coincidência quase perfeita das estruturas objetivas e das estruturas incorporadas.” (Bourdieu, 1989:145).

A cultura material ao ser re(analisada) sem levar em consideração a visão de mundo e as percepções científicas arqueológicas do poder monopolizador dos anos 60 até os anos 80 na arqueologia brasileira, sugere, conforme implícito por Iriarte (1997) e Femenías (1990), que as interações que podem ser percebidas na materialidade devem ser explicadas e não apenas problematizadas.

Nos anos 90, apontou Iriarte (1997), as pesquisas se restringiram basicamente a sínteses e análises de coleções, contrariamente ao que ocorria nos anos 70 e 80. Nessas décadas havia uma perspectiva de que a mudança/transformação cultural ocorreu devido a diferentes migrações e graças à difusão das características culturais dos períodos cerâmicos da região amazônica. Assim houve um consenso em se interpretar as semelhanças entre as culturas como “*evidencia de contacto e interacción*” (Iriarte, 1997: 355).

Apesar da problemática colocada sobre a interação entre os grupos indígenas pretéritos pelos pensadores da arqueologia tradicional, o tema não foi explicado com boas argumentações, o que tornou a explicação frouxa e simplista. Reconhecendo a contribuição dada pelos arqueólogos sobre as escalas de análises que utilizaram “*para examinar la estabilidad, el intercambio y el cambio cultural em la Cuenca inferior del Río de la Plata*” (Iriarte, 1997: 356), Iriarte discute os padrões de interação e a influência cultural cerâmica na área litorânea uruguaia-argentina do Rio Uruguai. O autor, atenta sobre a complexidade do panorama pré-colonial do período tardio e do momento de contato, quando se deu a introdução da cerâmica na área.

Foi pensando nessa complexidade sugerida por Iriarte, que acreditamos que a presente pesquisa, ao contemplar os discursos publicados em revistas científicas durante as elaborações e construções das tradições arqueológicas ao redor dos anos 60, 70 ou 80 no Brasil, revela o sucesso da tentativa de legitimidade científica recebido por esses discursos, o que impôs desta maneira uma visão de mundo construída a partir de percepções que são diferentes das percepções dos grupos que desenvolveram a cerâmica que foi classificada como sendo oriunda da tradição Vieira. O monopólio conceitual influenciou diretamente o campo científico arqueológico de países vizinhos, como Uruguai e Argentina ou vice-versa.

Compreendendo que existem diferentes campos de produção simbólica, e aqui estamos trabalhando com os campos científicos da Arqueologia e da História em primeiro plano, e Antropologia e Etnologia em segundo plano durante os anos 60 e 70, discriminam-se as diferentes perspectivas gerais desses campos (os diferentes campos científicos podem pesquisar os mesmos temas e assim há um cruzamento de interesses), mas também se observa a tensão que existe entre os mesmos.

Retomando a questão colocada na introdução desta pesquisa: *A tradição arqueológica Vieira pode ser um mito?*, chegamos a conclusão que pode ser caracterizada como tal, uma vez que esta fala, é uma criação dos arqueólogos. A

cerâmica Vieira, como podemos perceber, para o estudo de caso do sítio do Areal apresenta características que não entram nas inexistentes categorias da tradição arqueológica Vieira. Apenas decidiu-se, em determinado momento da pesquisa, que por serem diferentes e por não apresentarem características fortemente marcadas (como é o caso da cerâmica Guarani- roletes), foram consideradas, classificadas e esquecidas dentro de uma terminologia. Não condiz com a materialidade. As cerâmicas “ditas da tradição Vieira” (no sítio do Areal) são palpáveis, observáveis, portanto, elas não estão em um patamar distante porque são diferentes ou inclassificáveis. Elas apenas são diferentes do que estamos acostumados a classificar, mas não é por isso que jogaremos mais uma coleção dentro da tradição arqueológica Vieira, a qual parece mais uma colcha de retalhos, onde são costuradas as noções que não sabemos construir ainda. Noções estas que não são nossas, elas não são do presente, pois, pertencem à grupos do passado. A tradição Vieira é uma representação muito mal construída na arqueologia brasileira.

A Tradição Arqueológica Vieira foi construída teoricamente a partir de um capital cultural incorporado que é um poder sobre um campo, e nesse caso o campo da Arqueologia, mas também “sobre o produto acumulado do trabalho passado” (Bourdieu, 1989:134). Portanto as propriedades atuantes (o poder ou o capital) dentro do campo arqueológico naquele contexto histórico (anos 60, 70) dão poderes e determinam probabilidades de ganhos, ocasionando a determinação de uma posição no espaço social.

Foi possível compreender que o conhecimento científico arqueológico entre os anos 60 e 90, no que tange aos complexos cerâmicos da região Sul e Sudoeste do Rio Grande do Sul, e regiões específicas do Uruguai e Argentina, esteve conectado através da utilização de terminologias e conceitos. No caso analisado, noções conceituais dos termos cerrito, tradição Vieira e os diversos elementos que constituem estas noções são constantemente reviradas, causando assim o preenchimento e o esvaziamento do argumento quando utilizadas de maneira prática em pesquisas empíricas, seja para intervenções de campo, diretamente sobre o sítio arqueológico, bem como em laboratório, aplicados para a cultura material durante a etapa de análise.

Duas relações podem ser pensadas a partir dessa reatualização constante de argumentos: ou as noções estão dispostas de uma maneira muito dinâmica, e assim tornam-se maleáveis/flexíveis, dando suporte ao pesquisador para que as aplique conforme sua necessidade nos diferentes sítios e nas diferentes coleções. Ou na segunda

relação possível, há uma tentativa de homogeneização do conhecimento arqueológico, bem como uma tentativa de forçar um modelo de assentamento para a região com forte intuito de demonstrar similaridades e conexões entre os grupos humanos que habitaram, no passado, as áreas que hoje são os sítios estudados.

Na primeira relação teríamos uma dinamicidade entre os grupos, pois ao preencher e esvaziar argumentos, os pesquisadores estariam demonstrando a intensidade diferencial das culturas que habitaram as regiões em estudo. Porém, a partir dessa conclusão os científicos estariam na contramão do conceito de tradição, essencial às suas pesquisas.

Na segunda relação a homogeneização de características dos sítios arqueológicos e da cultura material traz consigo implicitamente não só a ideia de cultura estática e definida através de tradições e fases para os grupos pretéritos, mas também é reconfortante para os pesquisadores, pois estabelece de antemão o enquadramento de um sítio arqueológico e de sua cultura material no modelo pré-estabelecido. Cabe lembrar que em muitos estudos, as variações nas análises não eram tomadas como importantes, assim a variabilidade e elementos que fugiam aos padrões eram desconsiderados.

A nossa percepção no presente possui uma perspectiva de *agency* dos agentes construtores de tradições e de cerâmicas pré-coloniais. Desta maneira, sugerimos de início que além de problematizar e contextualizar as construções discursivas sobre tradições arqueológicas (o que já foi realizado muito intensamente pela geração dos anos 90), uma releitura, (re) interpretação, (re) análise das coleções e contextos arqueológicos, e uma teoria do discurso possam mostrar desvios e sobreposições de percepções, mas principalmente revelações da cultura material, que possam estar relacionados com tal problemática e que contribuam para a nossa visão de mundo atual, a qual também se faz por representações.

Mentz Ribeiro (1994) e Milder (1999) coletaram vestígios cerâmicos da mesma área, em períodos distintos e devido ao especial interesse de ambos os pesquisadores pelos materiais líticos, os vestígios cerâmicos foram pouco estudados, ou receberam análises superficiais que não contemplam sua expressão dentro do sítio da Figueira/Areal, uma vez que sempre ficam em segundo plano, representando uma preocupação secundária no contexto. As coleções cerâmicas do sítio da Figueira/Areal estão depositadas em dois laboratórios de arqueologia, o CEPA-UNISC e o LEPA-

UFSM. Porém a coleção que está armazenada no CEPA-UNISC não foi localizada, o que nos impossibilitou de realizar uma análise.

Os vestígios das coleções mencionadas nunca receberam uma análise relacional, no entanto diante da situação, apresentamos resultados inéditos oriundos da análise da coleção cerâmica que está localizada no LEPA-UFSM, contrapondo com os resultados obtidos por Jardim (2003), bem como com as análises realizadas por Mentz Ribeiro (para a coleção não localizada). As produções científicas de Jardim e Mentz Ribeiro representam até o momento os únicos trabalhos desenvolvidos para a cerâmica do Areal, carecendo, portanto, além de revisões de cunho teórico e prático, uma pesquisa que privilegie aspectos que extrapolem as categorias observáveis na cerâmica e a visão ampla do contexto arqueológico.

Ao tentar montar um modelo interpretativo para o sítio do Areal, Jardim (2003) reconhece os vestígios líticos e cerâmicos como elementos espaciais, os quais proporcionariam “inferências sócio-econômicas” (Jardim, 2003:5). Baseado em dados etnográficos não referenciados ou de ampla contextualização regional, o autor cria um modelo de assentamento para os grupos caçadores-coletores, sugerindo explicitamente que o sítio do Areal foi habitado no passado por indivíduos da etnia Charrua.

Assim, o autor relaciona o número de famílias ao número de unidades sócio-produtivas, principalmente com relação às concentrações de termóforas, que juntamente com o curto distanciamento dos fragmentos cerâmicos, corrobora para o autor, a hipótese de que o sítio foi utilizado como acampamento temporário por cinco a sete famílias.

A partir de uma nova análise observou-se a presença de três grupos de vestígios cerâmicos, os quais foram classificados seguindo alguns critérios perceptivos de conjunto. Os agrupamentos de fragmentos indiciam a hipótese de que eles sejam partes constituintes de uma mesma vasilha, uma vez que diversas remontagens foram realizadas no interior de cada grupo de vestígios.

Estabelecemos para cada grupo uma nomenclatura que ficou organizada da seguinte maneira: Vasilha 1, Vasilha 2 e Vasilha 3, contrapondo desta maneira a hipótese de Jardim (2003), que organiza espacialmente o contexto através das concentrações de termóforas e fragmentos cerâmicos dispersos dentro do sítio, além de utilizar um capital cultural acumulado e não problematizado representado no discurso legítimo e consagrado na historiografia.

Observamos que alguns dos fragmentos que compõem o conjunto Vasilha 3 possuem uma pintura vermelha fragilmente preservada em suas paredes externas e internas, um dado que nos permite no presente perceber a falta de percepção investigativa em Jardim (2003), com relação às particularidades da cultura material, o qual afirma através da análise geral contextual, que a presença de cerâmicas no sítio está relacionada com a economia do grupo.

Mentz Ribeiro realizou uma comparação contextual em relação ao ambiente e à cerâmica do Complexo do Areal e do Complexo Itaqui, pesquisado por Eurico Miller. O ambiente, o relevo e a tecnologia cerâmica, que destoa da tecnologia cerâmica da tradição Tupiguarani, foram elementos fundamentais para que Ribeiro associasse as cerâmicas do Areal como sendo da fase Ibirapuitã. Nos sítios que Miller pesquisou, três elementos foram detectados na análise que realizamos, e possuem encadeamento com o discurso de Ribeiro: os banhados, as dunas móveis e devido à fase Ibirapuitã ser ceramista comportando pontas de projétil.

Para os 249 fragmentos da primeira coleção cerâmica do Areal, Ribeiro identificou que em 21 deles há marcas de roletes (positivas e negativas), porém a técnica de confecção predominante é o modelado. Além disso, percebe-se visivelmente que Ribeiro estava preocupado em classificar a cerâmica conforme a orientação do manual “Terminologia arqueológica para a cerâmica” (1966, 1967 e 1976). Na categoria que busca analisar a superfície e a decoração, é mencionado que nos fragmentos em que foi possível observar, não foram constatadas decorações, mas que algumas superfícies pardacentas havia tonalidades. Ribeiro questiona se os banhos que possivelmente identificou nos fragmentos poderiam ser um engobo em ambas as faces (paredes). Mas a ideia não foi levada adiante.

Na coleção cerâmica analisada na presente pesquisa, que possui 599 fragmentos observamos a técnica de confecção modelada em todas as peças, além de encontrar resquícios de pintura avermelhada nas paredes internas e externas.

A pergunta que elaboramos após compreender a análise de Ribeiro associada à análise que realizamos para a coleção que está no LEPA-UFSM, é por que as cerâmicas do Areal e do Complexo Itaqui (fase Ibirapuitã) foram entendidas pelo pesquisador como próximas? As duas coleções cerâmicas do Areal foram coletadas no mesmo sítio, em períodos diferentes. De acordo com as análises e com as interpretações de Ribeiro podemos perceber que se trata de dois conjuntos que possuem as mesmas características

porque fazem parte do mesmo sítio arqueológico e no passado eram parte das mesmas vasilhas, algumas delas com pintura avermelhada nas paredes externas e internas.

A relação entre as “dunas móveis” também é um indício da constatação de Ribeiro em relação à similaridade dos sítios. A referência que Miller faz aos “banhados” encadeia outra sugestão para Ribeiro, o fato de a cerâmica do Areal pertencer à tradição Vieira. Deste ponto em diante abrem-se novas hipóteses para realizar estudos comparativos, por esse motivo o autor também aponta a semelhança entre a Vieira, a Ibicueña, e a cerâmica encontrada por Taddei.

Vários elementos são sobrepostos e combinados. A cerâmica Ibicueña é tratada como a cerâmica dos Charruas e Minuanos e esse elemento complementa a hipótese de Ribeiro para o Areal. Nas pesquisas posteriores, Milder et.al (2000, 2002) insere outro dado que fecha ainda mais as possibilidades de interpretação, afirmando que o sítio é um cerrito.

Como podemos observar, o encadeamento de argumentos se faz lentamente com objetivo de consolidar a hipótese de que o Areal era um local onde índios Charruas ou Minuanos (pampeanos) habitavam e que eles possuíam uma cerâmica incipiente, grosseira, sem decoração e estavam assentados sobre um sítio do tipo cerrito.

Nossa perspectiva leva em consideração um possível contexto ritualístico envolvendo as cerâmicas, o monolito com gravuras rupestres e por que não uma possível relação com a oferta e abundância de matérias primas para a confecção de instrumentos líticos, uma vez que eram essenciais para a caça. O nosso enfoque sobre a interpretação do sítio da Figueira/Areal busca trazer um indício sobre a relação entre os vestígios sem desprezar o que a materialidade cerâmica expressa.

Por outro lado, buscamos realizar uma análise da engenharia de alguns textos que selecionamos por serem essenciais para o entendimento do tema que propomos, uma análise da cadeia argumentativa nas produções acadêmicas sobre o sítio do Areal em Quaraí-RS.

O mercado arqueológico possibilitou o uso de conceitos ao longo dos anos, onde instalaram-se diferentes perspectivas, diferentes agentes e representações. Verificamos que os argumentos preencheram-se e esvaziaram-se nas interpretações dos contextos arqueológicos, e muitas vezes foram utilizados com desvios, representando uma utilização adaptativa conceitual para os lugares e objetos arqueológicos.

A adaptação conceitual buscava trazer à cena os elementos já construídos dentro das teorias, portanto a percepção do pesquisador nunca estava fora dos elementos



constitutivos das tradições arqueológicas, o que de fato causou uma situação desafiadora para os pesquisadores que buscam compreender as interpretações das antigas publicações.

O uso e desuso dos conceitos como colocado anteriormente, sofria um processo de preenchimento e esvaziamento, porém havia limites, ou seja, as interpretações nunca fugiam da redoma pronapiana, embora muitos de seus colaboradores provavelmente tenham tido percepções que não entraram no rol descritivo dos artefatos e sítios estudados, mas que em parte podemos recuperar, através de uma análise que identifique as cadeias argumentativas entre textos de mesmo tema, período e/ou local.

A expressão “a verdade deve aparecer”, se refere ao fato de que a ciência cria nomenclaturas que remetem à determinadas características no objeto em estudo. Para o sítio do Areal definiu-se que este é do tipo cerrito (Cerrito do Arenal) e sua coleção cerâmica pertencente à tradição arqueológica Vieira. Através do desenvolvimento e análise dos registros foi observado que estas hipóteses devem ser descartadas, pois não há uma construção monticular no sítio em questão. Em relação às cerâmicas não evidenciamos que sejam da tradição Vieira, uma vez que esta tradição arqueológica não possui categorias específicas, sendo apenas considerada por arqueólogos como simples, lisa, grosseira e incipiente.

É importante reanalisar as coleções arqueológicas e buscar compreender as interpretações dos antigos arqueólogos na prática. Para isso, seguir a linha de pensamento de um pesquisador é fundamental, isso não quer dizer que você concorde com ele, mas que você o compreende. Desta maneira, reforço, como no início dessa pesquisa que nosso objetivo não foi de forma alguma ofender paradigmas, nem pesquisadores, mas sim compreender a construção social do pensamento arqueológico sobre a coleção cerâmica de um sítio arqueológico específico, localizado no Sudoeste do Rio Grande do Sul – o Areal.

## **APÊNDICE**

Quadro 5. Sistematização de categorias observadas na obra Arqueologia no Rio Grande do Sul (1967)

## APÊNDICE A

Arqueologia no Rio Grande do Sul (1967) pg.56-69 / II - Cômoros na região Sudeste e III - Sítios pré-cerâmicos na Campanha Sudoeste				
Tópicos	II - Cômoros na região Sudeste			III- Sítios pré-cerâmicos na Campanha Sudoeste
Sub-tópicos	A. Aterros em Santa Vitória (46 sítios/138 aterros)	B. Cômoros nas nascentes do Rio Negro (7 sítios/19 cômoros)	C. Cômoros na beira meridional da Lagoa dos Patos	(7 sítios localizados)
1.Cerâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>*encontrada na superfíciee até certa profundidade (nunca até a base);</li> <li>* também encontrada nas prospecções;</li> <li>* a cerâmica pode ser acidental;</li> <li>*divida em três tipos: Cerritos, Palmares e outro (inseguro);</li> <li>*cacos avulsos; Fase Cerritos (conjunto de todos os elementos da tabela).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>*do tipo Santa Vitória, porém encontradas em sítios abertos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>*pode ser interpretada como consequência do contato;</li> <li>* até 40 cm existe cerâmica característica (diferente da cerâmica de Santa Vitória);</li> <li>* é abundante;</li> <li>*cerâmica Vieira (também encontrada em dunas;</li> <li>*manufatura: acordelamento.</li> </ul>	
2.Lítico	<ul style="list-style-type: none"> <li>*lascas de quartzo;</li> <li>*lascas de basalto e granito;</li> <li>*resíduos de lascamentos irregulares (sem evidências de retoques ou utilização);</li> <li>*boleadeiras; machados;</li> <li>*polidores;</li> <li>*quebra-coquinhos;</li> <li>*seixos;</li> <li>*pontas de flecha com pedúnculo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* lascas de arenito;</li> <li>* pontas de flecha;</li> <li>*óssos de animais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>*seixos;</li> <li>* lascas de quartzo;</li> <li>*seixos com pequenas depressões semi-esféricas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>*matéria-prima: arenito;</li> <li>* sítios pobres com alguns implementos;</li> <li>* material lítico espalhado pelo campo;</li> <li>*boleadeiras;</li> <li>*lenticulares;</li> <li>*polidor;</li> <li>*lascas</li> </ul>
3.Cerrito	<ul style="list-style-type: none"> <li>*aterros indígenas;</li> <li>*pequenos Cômoros, praticamente circulares, oscilando entre 20-80 m de diâmetro, altura entre 30-300cm, geralmente sobre pequeno barranco;</li> <li>*Junto de arroios, banhados ou lagoas (nunca em campo seco);</li> <li>*Topo com plataforma (onde era a habitação);</li> <li>*Declive maior para o lado da água devido à inclinação do solo;</li> <li>*alguns circundados por 2 ou 2 valos;</li> <li>*alguns plataforma em anel na metade do declive;</li> <li>*em enchentes são pontos secos em regiões imensas;</li> <li>*aparecem isolados ou em grupos (aldeias);</li> <li>* próximos da água;</li> <li>*terra acumulada pela mão do homem.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>*montes de terra com um plano na parte superior</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>*cômoros - sítios arqueológicos representantes do tipo pampeano;</li> <li>* encontram-se isolados ou em grupos;</li> <li>* apresentam-se como calotas de base elíptica ou circular;</li> <li>* constituídos de solo arenoso (friável) de coloração cinza escura;</li> <li>* grande quantidade de ossos de peixes;</li> <li>*carvão e níveis de cinzas bem espessos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>*material lítico superficial;</li> </ul>
3.1 Forma		elípticas ou alongadas		

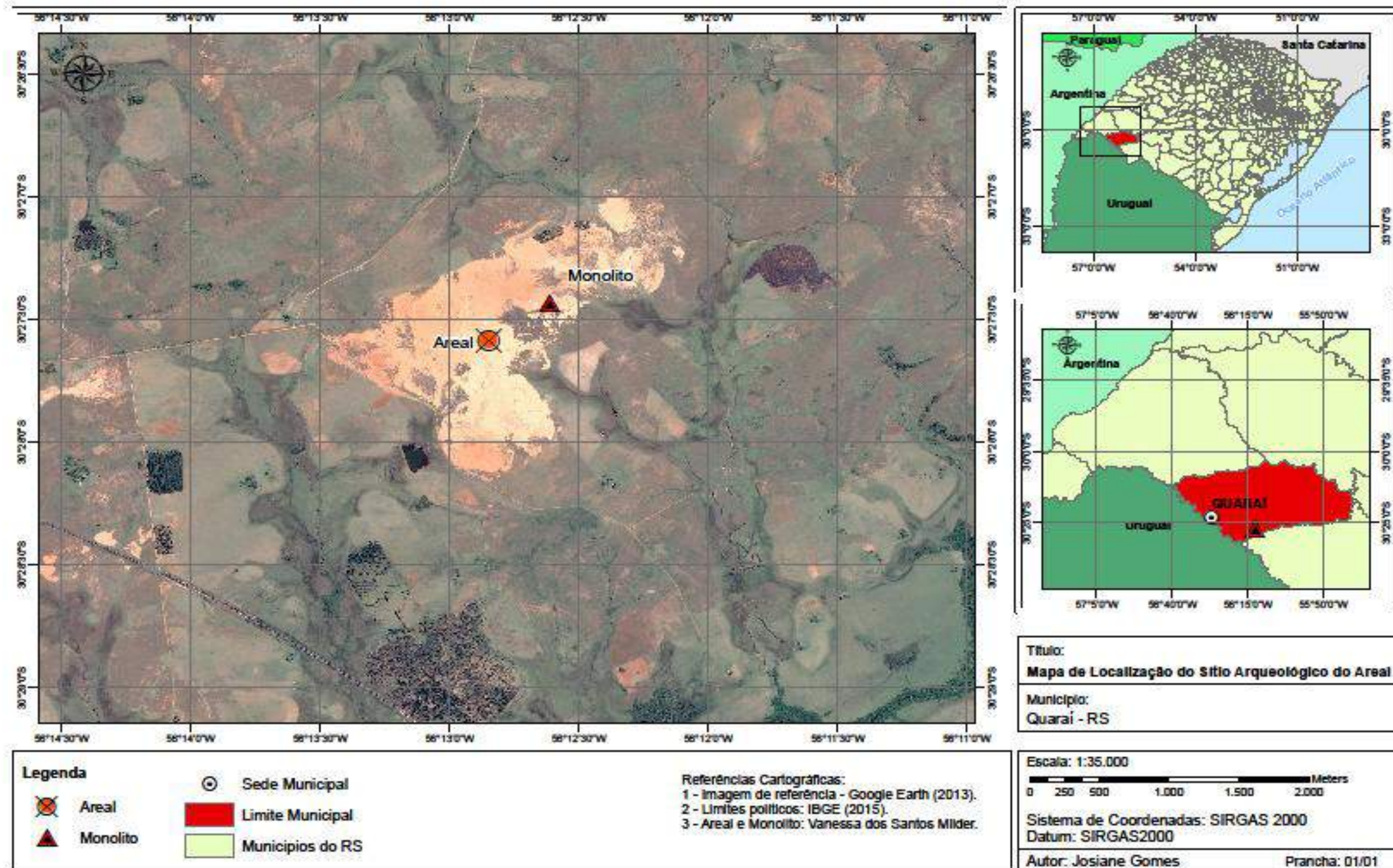
3.2 Altura		(inferior) 0,5m e 2,5m	1m - 2m	
3.3 Diâmetro		7m - 8m / 15 - 30 m (maior frequência)	25m - 100m	
3.4 Camadas	<p><b>1ª)</b> Gramíneas (superfície);  <b>2ª)</b> solo pardo escuro (praticamente homogêneo em todo o cerrito) , parcialmente arenoso em relação ao solo do campo dos arredores, com restos orgânicos (humos) e material arqueológico (carvão, ossos, pedras e cerâmicas);  <b>3ª)</b> solo do campo.</p>	<p><b>1ª)</b> 25-30 cm: terra cinzenta do campo;  <b>2ª)</b> 50 cm de terra preta (com carvão granulado ou não) junto com ossos de animais, lascas de arenito, pontas de flecha;  <b>3ª)</b> areia;  <b>4ª)</b> terra cinzenta.</p>		
4.Subsitência caçador-coletor-pescador	Fauna primitiva não muito abundante; * indícios de ossos de capivara;	Foram encontrados ossos de animais.		
5.Localização	<p>*Santa Vitória do Palmar ( a cidade fica numa faixa entre a Lagoa Mirim e o Oceano, e cortada pela Lagoa Mangueira.);  *Fronteira com Uruguai.</p>	<p>*nascentes do rio Negro e Ibicuí;  *banhados dos municípios de Dom Pedrito e Bajé.</p>	*lado meridional da Lagoa dos Patos (municípios de Rio Grande e Pelotas);	<p>*municípios de Quaraí e Santana do Livramento;  *a área está inserida dentro da bacia do Uruguai;  *a área é dominada pelos afluentes do Uruguai, o rio Quaraí e o Ibicuí;</p>
6.Ambiente	<p>*A paisagem é dominada pela planura;  * Grandes lagoas, pequenos arroios e inúmeros banhados.</p>	<p>*área inundável durante o inverno;  *terrenos alagadiços ou inundáveis;  *lagoas e pântanos formados pelos rios e seus afluentes;  *sangas, lagoas e pântanos temporários.</p>	<p>* os cômodos estão sobre terrenos planos;  *Solo: areia branca fina;  * terrenos sujeitos a inundação;</p>	<p>* região pertencente ao pampa;  * planície suavemente inclinada para o rio Uruguai;  *pontilhada por coxilhas tubulares no centro;  *drenada por cursos d'água em leitos rasos;  * coxilhas contínuas e interrompidas por cerros isolados;  * formação rochosa essencial: arenito;  * os sítios arqueológicos situam-se sobre ou perto de cerros (devido aos afloramentos de arenito);  próximos de sangas ou arroios e algumas vezes</p>

7. Vegetação	<p>*campos limpos, gramíneas baixas, capões de mato e vegetação arbustiva (junto a arroios, em ilhas e pontais da Lagoa Mirin);</p> <p>*Banhados de fundo arenoso (juncos, capim Santa Fé, palha de penacho);</p> <p>*Banhados de fundo limoso (aguapé);</p> <p>Palmar de butiás na margem oriental da Lagoa Mirin; na superfície (cabelo de porco, cardo, carrapixos, mata-cavalos, carqueja</p>	campo natural com carqueja, carquejinha, cardos, etc.	vegetação rasteira formando campos;	<p>próximos de matos;</p> <p>*<b>Vegetação:</b> campo gramináceo; áreas de mata na encosta do rio uruguai; capões, matas arbustivas pelo território;</p> <p>* <b>Fauna:</b> veado; capivara; paca; tatu; zorrilho; raposa, avestruz, marrecão; diversas aves.</p>
8. Fauna	*capivaras, veados, avestruzes, tatus, aves aquáticas e peixes.	peixes, capivaras, aves diversas.		

Fonte: Elaborado pela autora com base nas informações e dados da obra Arqueologia no Rio Grande do Sul (1967).



## APÊNDICE B



# **ANEXOS**

12/08/2016

Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos - Impressão

Ministério  
da Cultura

Sistema Nacional de Informações Culturais - SNIC

Cadastro Nacional de  
Sítios Arqueológicos  
CNSA / SGPA\*



- CNSA RS02570 -

**Nome do sítio:** Sítio do Areal**Outras designações e siglas:** RSQ 18**CNSA:** RS02570**Município:** Quaraí**UF:** RS**Descrição sumária do sítio:** É um sítio lítico localizado em área de desertificação. Coletou-se fragmentos de cerâmica da Tradição Arqueológica Vieira**Sítios relacionados:****Comprimento:** 90m**Largura:** 80m**Altura máxima:** 0m

(a partir do nível do solo)

**Área:** 7200m<sup>2</sup>**Medição** **Estimada** **Passo** **Mapa** **Instrumento****Unidade geomorfológica:** Interflúvio Quaraí**Compartimento topográfico:** Meia Encosta**Altitude:** 239m (com relação ao nível do mar)**Água mais próxima:** Rio Quaraí**Distância:** 200m**Rio:** Quaraí**Bacia:** Quaraí

Vegetação atual

- Floresta ombrófila estacional  
 Floresta campinarana  
 Capoeira  
 Savana (cerrado)  
 Savana-estépica (Caatinga)  
 Estepe  
 Outra: Campo

Uso atual do terreno

- Atividade urbana  
 Via pública  
 Estrutura de fazenda  
 Pasto  
 Plantio  
 Área devoluta  
 Outro:

**Propriedade da terra**  
 Área pública  
 Área privada  
 Área militar  
 Área indígena  
 Outra:

**Proteção legal**  
 Unid. de conservação ambiental  
 Em área tombada  
 Municipal  
 Estadual  
 Federal  
 Patrim. da humanidade

Categoria

- Unicomponencial  
 Multicomponencial  
 Pré-colonial  
 De contato  
 Histórico

**Tipo de sítios:** Cerrito - Acampamento**Forma:** Irregular**Tipo de solo:** Área Desertificada - Arenoso**Estratigrafia:**

**Contexto de deposição**  
 Em superfície  
 Em profundidade  
**Exposição**  
 Céu aberto  
 Abrigo sob rocha  
 Gruta  
 Submerso  
 Outra:

\* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.



12/08/2016

Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos - Impressão

Ministério  
da Cultura

Sistema Nacional de Informações Culturais - SNIC

Cadastro Nacional de  
Sítios Arqueológicos  
CNSA / SGPA\*

 **IPHAN**  
Centro Nacional de Arqueologia - CNA

- CNSA RS02570 -

Estrutura	Artefatos
<input checked="" type="checkbox"/> Área de refugio <input checked="" type="checkbox"/> De lascamento <input checked="" type="checkbox"/> De Combustão (fogueira, forno, fogão) <input type="checkbox"/> Funerárias <input type="checkbox"/> Vestígios de edificações <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras <input type="checkbox"/> Manchas pretas <b>Outras:</b>	<input checked="" type="checkbox"/> Lítico lascado <input type="checkbox"/> Lítico polido <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico <b>Outros vestígios líticos:</b> Raspador, percutor <input checked="" type="checkbox"/> Cerâmico <input type="checkbox"/> Sobre concha
<input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas <input type="checkbox"/> Círculos de pedra <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de Fossas <input type="checkbox"/> Fossas <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila <input type="checkbox"/> Palafitas <input type="checkbox"/> Paliçadas <input checked="" type="checkbox"/> Concentrações cerâmica - quant.:	

Material histórico:

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Arte rupestre:  Pintura:  Gravura:  Ausente:

**FILIAÇÃO CULTURAL**

Artefatos líticos:

Tradições: Caçador - Coletor

Fases:

Complementos:

Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos:

Tradições: Vieira

Fases:

Complementos:

Outras atribuições:

Artefatos rupestre:

Tradições:

Estilos:

Complementos:

Outras atribuições:

Datações Absolutas:

Datações Relativas:

Grau de integridade

 mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição

 Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo Erosão pluvial Atividades agrícolas Construção de estrada Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição:

**Medidas para preservação:** Coletas sistemáticas controladas com plotagem 3D. Todas as atividades arqueológicas foram registradas

Relevância do sítio

 Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local

 Registro Coleta de superfície Sondagem ou Corte estratigráfico Escavação de grande superfície Levantamento de grafismo rupestre

Nome do responsável pelo registro: Saul Eduardo Seiguer Milder

Data do registro: 30/12/1899

Ano do registro:

\* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

12/08/2016

Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos - Impressão

**Ministério  
da Cultura**

Sistema Nacional de Informações Culturais - SNIC

**Cadastro Nacional de  
Sítios Arqueológicos  
CNSA / SGPA\***



- CNSA RS02570 -

**Nome do projeto:** Projeto Salamanca**Documentação produzida (quantidade)**

<b>Mapa com sítio plotado:</b>	1	<b>Foto preto e branco:</b>	0
<b>Croqui:</b>	1	<b>Reprografia de imagem:</b>	0
<b>Planta baixa do sítio:</b>	0	<b>Imagem de satélite:</b>	0
<b>Planta baixa dos locais afetados:</b>	0	<b>Cópia total de arte rupestre:</b>	0
<b>Planta baixa de estruturas:</b>	0	<b>Cópia parcial de arte rupestre:</b>	0
<b>Perfil estratigráfico:</b>	0	<b>Ilustração do material:</b>	0
<b>Perfil topográfico:</b>	0	<b>Caderneta de campo:</b>	1
<b>Foto aérea:</b>	0	<b>Video / Filme:</b>	0
<b>Foto colorida:</b>	1	<b>Outra:</b>	0

**Bibliografia**

Referenciado em tese de doutorado do Prof. Saul E. S. Milder, intitulada "Arqueologia do Sudoeste do Rio Grande do Sul: Uma Perspectiva Geo-Arqueológica" - Novembro de 2000. USP/MAE

**Responsável pelo preenchimento da ficha:** Etiene Rousselet cadastro bibliogr. Arquivos IPHAN**Data:** 01/08/2008**Localização dos dados:** 12 SR IPHAN**Atualizações:**


---

 Assinatura

---

\* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.



Mapa dispersivo das Unidades Plotadas no sítio da Figueira - Areal.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, A. *The social life of things. Commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica. Teoria e método**. Bauru: Edusc, 2006

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pela província do Rio Grande do Sul (1858)**. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. **REVISTA USP**, São Paulo, n.44, p. 32-51, dezembro/fevereiro 1999-2000.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Trad. R. Buongiorno e P. Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BASILE BECKER, Ítala Irene. *El índio y la colonización: Charrúas y Minuanes*. Gráfica UNISINOS – Instituto Anchieta de Pesquisas. São Leopoldo, 1982.

BELLANCA, Eri Tonietti; SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Sítios arqueológicos e areas no Sudoeste do Rio Grande do Sul. In: **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, ano 02, número 04, 2003.

BICHO, Nuno Ferreira. **Manual de Arqueologia Pré-Histórica**. Edições Lda. Lisboa, Portugal, 2006.

BIGARELLA.J.J; ANDRADE-LIMA. D; RIENHS, J. Considerações a respeito das mudanças paleoambientais na distribuição de algumas espécies vegetais e animais no Brasil. In: **Anais da Academia Brasileira de Ciências**. Suplemento. Rio de Janeiro.RJ.V.47.1975.p 441-464.

BIGARELLA.J.J., BECKER, R.D., SANTOS, G.F. **Estrutura e origem das paisagens tropicais e subtropicais. Fundamentos geológicos- geográficos, alteração química e Física das Rochas, Relevo Carstico e Dômico**. Vol. 1 e 2. Editora da UFSC. Florianópolis - SC. 1994. 420 p.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Perspectiva, 1989.

BROCHADO, José Proenza. **An Ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South America**. Tese (Doutorado). Universidade de Illinois, Urbana-Champaign. 1984.

CABRERA PÉREZ, L., 1999. Funebria y sociedad entre los “Constructores de Cerritos” del Este uruguayo. In: López, J.M., Sanz, M. (Comps.), **Arqueología y**

**Bioantropología de las Tierras Bajas.** Universidad de la República. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Montevideo, pp. 63-80.

CAPDEPONT, I., H. INDA y L. DEL PUERTO. *En: Del mar a los salitrales. Diez mil años de historia pampeana en el umbral del tercer milenio.* pp. 41-50. Mar del Plata, Argentina. 2002.

CAPDEPONT, Irina; PIÑERO, Gustavo. *Vertisoles y cerámica indígena: un estudio de procedencia basado en DRX, sitio Guayacas (Paysandú, Uruguay).* *Revista del Museo de Antropología* 3: 13-20, Facultad de Filosofía y Humanidades – Universidad Nacional de Córdoba – Argentina, 2010.

CERUTTI, Simona. A construção das categorias sociais. In: **Passados recompostos: campos e canteiros da história.** RJ: Editora UFRJ/ FGV, 1998.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude.* Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHMYZ, Igor. Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica, dos **Cadernos de Arqueologia** ANO 1 – Nº1 do Museu de Arqueologia e Artes Populares. Paraná, 1976.

CIGLIANO, M.E.; SCHMITZ, P.I.; CAGGIANO, M.A. *Sitios cerâmicos prehispanicos em la costa septentrional de la província de Buenos Aires y Salto Grande, Entre Rios: Esquema tentativo de su desarrollo. Anales de la comision de investigaciones científicas – CIC. Separata de ANALES DE LA SOCIEDAD CIENTIFICA ARGENTINA. Tomo CXCII, Entrega III-IV, Setiembre-Octubre, 1971.*

COIROLO, Alicia Durán. *Prehistoria del Uruguay: Clasificación de las formas de los recipientes cerâmicos.* **Dédalo**, São Paulo, 28: 109-145, 1990.

DEBRET, J.B. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil.* t.1, v.1. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1972.

DIAS, A. S. *Novas Perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices par o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico.* **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.** Ciências Humanas, v. 2, p. 59-76, 2007.

DIAS, Adriana Schmidt 1994. **Repensando a tradição Umbu a partir de um estudo de caso.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** Tradução: Pereira Neto; revisão José Joaquim. – São Paulo; Ed.: Paulinas, 1989.

DUSEK, Val. **Filosofia da Tecnologia.** Edições Loyola. São Paulo, 2009.

DIAS, Adriana Schmidt et al. O discurso dos fragmentos: sócio cosmologia e alteridade na cerâmica guarani pré-colonial. In: **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 5-34, jul./dez. 2008.

ERCHINI, Carina. *Análisis cerámico del litoral Sureste del Río de La Plata, Uruguay. Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano - Series Especiales Nº1 (2). AÑO 2013.*

FEMENÍAS, Jorge. *Ceramica de los “cerritos” de Noreste de Uruguay y Sureste de Brasil, (discusión de los modelos resultantes).* Santa Cruz do Sul, Brasil. **Revista do CEPA**, V. 17, nº 20: 153-156, 1990.

GELL, Alfred. *Art and agency: an anthropological theory.* Oxford: Clarendon, 1998.

GNECCO, Cristóbal; LANGEBAECK, Carl Henrik. *Contra la tiranía tipológica en arqueología: una visión desde Suramérica.* Bogotá: Universidad de los Andes, Facultad de Ciencias Sociales, CESO, Ediciones Uniandes, 2006.

GONZÁLEZ RUIBAL, Alfredo. Hacia otra arqueología: diez propuestas. **Complutum**, Norteamérica, 23, dic. 2012. Disponible en: <<http://revistas.ucm.es/index.php/CMPL/article/view/40878>>. Fecha de acceso: 13 nov. 2016.

GONZÁLIEZ, R.A.; SCHMITZ, P.I.; CERUTI, C.N.; RIZZO, A. *Investigaciones arqueológicas em la zona de Goya (Corrientes) Argentina. DÉDALO – Revista de Arqueologia e Etnologia/ MAE - Universidade de São Paulo. Publicação semestral/anoVIII, nº15, junho, 1972.*

HILBERT, Klaus Peter Kristian. Arqueologia Pré-Histórica do Uruguai: uma revisão. In: **Estudos Ibero-Americanos – Volume XX, nº 1.** p.137 – 161. EDIPUCRS: Porto Alegre, Julho/1994.

\_\_\_\_\_. 1991. *Aspectos de la Arqueología em el Uruguay.* Ava Materialien 44. Verlag Phillip Von Zabern. Mainz am rhein. Alemania.

\_\_\_\_\_. ‘Cave canem!’: cuidado com os ‘Pronapianos’! Em busca dos jovens da arqueologia brasileira / Looking for the Brazilian archaeology. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi:** Belém, v.2, nº. 1, p.117-130, jan-abr. 2007.

\_\_\_\_\_. Charruas e Minuanos entre ruptura e continuidade. In: **Povos Indígenas – Volume 5 – Coleção História Geral do Rio Grande do Sul.** KERN, A.A.; SANTOS, M.C.; GOLIN, T. (Orgs.). Passo Fundo: Méritos Editora, 2009.

HODDER, Ian. *Interpretación en Arqueología. Corrientes Actuales. Crítica, Barcelona, 1994.*

IRIARTE, José. *Arqueología de las culturas cerâmicas del río Uruguay: retrospectiva y futuras direcciones. IN: Arqueología uruguaya hacia el fin del milênio. – Tomo I/IX Congreso Nacional de Arqueología. Colonia de Sacramento – Uruguay, 1997.*

JARDIM, Rodrigo Silva. **Sítio Areal/Quaraí: um estudo de longa duração na fronteira oeste do Rio Grande do Sul.** 2003. 68 f. Monografia (Especialização em História do Brasil) – Departamento de História, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

KERN, Arno Alvarez. *Le pré-céramique du plateau sud-brésilien*, Paris, Tese de doutoramento em Arqueologia, *Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales*, 1981.

LA SALVIA, Fernando e BROCHADO, José Proença. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Editora da Unicamp – Pontes, Campinas/SP, 1997.

MARION, Ricardo Pellegrin. **Um sítio arqueológico em meio aos areais de Quaraí/RS: uma proposta de interpretação espacial**. 2007. 52f. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

MILDER, Saul E. S. **Arqueologia do Sudoeste do Rio Grande do Sul: uma perspectiva geoarqueológica**. 2000. 174 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, USP, São Paulo, 2000.

MILDER, Saul E. S.; NETO, C. A. Z.; LEMES, L.; PEDROZO, A. V. Informe Preliminar sobre o estudo da cerâmica pré-colonial dos aterros do sul brasileiro. IN: **Anais VI Encontro de Iniciação Científica e II Encontro de Pós-Graduação/Universidade vale do Paraíba**, 2002.

MILLER, Eurico Th. Pesquisas arqueológicas efetuadas no oeste do Rio Grande do Sul (Campanha-Missões). **Publicações avulsas do Museu Emilio Goeldi**. Belém, nº13, p.13-30, 1969b.

MORAIS, J. L. **Perspectivas Geoambientais**. Tese (Livre Docência em Arqueologia). São Paulo: USP, 1999.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma História. In. JODELET, D. (org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MORAIS, J.L. **Perspectivas Geoambientais da arqueologia do Paranapanema Paulista. Tese de Livre Docência, MAE-USP, São Paulo, 1999.**

PINCH Trevor; BIJKER, Wiebe. *The social construction of facts and Artifacts: Or How the Sociology of Science and the Sociology of Technology might Benifit Each other*. In: PINCH Trevor; BIJKER, Wiebe. **The Social Construction of Technological Systems Cambridge**. The MIT Press, 1987.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (Orgs). **O historiador e suas fontes**. Editora Contexto, São Paulo, 2011.

PITKIN, H. F. “O conceito de Representação”. In: CARDOSO & MARTINS (org.). **Política & Sociedade**. Vol. 2. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1973.

POLITIS, G. *The Theoretical Landscape and the Methodological Development of Archaeology in Latin American*, *Latin American Antiquity*, 14(2):115-142, 2003.

PORTO, Aurélio. “Capítulo I: Primitivos habitantes do Rio Grande do Sul” e “capítulo III: Florescimento dos sete povos”. In: **História das Missões Orientais do Uruguai**, Rio de Janeiro: Impr. Nacional, vol. 1, 1943, pg.21-46 e 393-418.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. [1945] **Estrutura e Função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

RAMBO, Balduino. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. Editora: Unisinos, São Leopoldo (3ª Edição), 1994.

\_\_\_\_\_. **Viagens ao Sudoeste do Rio Grande do Sul**. Editora: UFSM, Santa Maria, 2014.

REIS, José Alberione dos. “**Não pensa muito que dói**” – **Um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira**. Tese de Doutorado – UNICAMP/IFCH/PPG, Campinas, SP, 2003.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz; FÉRIS, José Soloviy. Sítios com petróglifos na campanha do Rio Grande do Sul, Brasil. Santa Cruz do Sul, RS, Brasil. APESC – Gráfica Universitária. **Revista do CEPA**, vol.11, nº13, março/1984.

RIBEIRO, P.A.M.; FERIS, J.S; HERBERTS, A.L. Levantamentos arqueológicos da região do Areal, Quaraí, RS. In: *Arqueologia no Uruguai:120. Congresso nacional de arqueologia uruguaia*.8, Maldonado,1994.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História e o Esquecimento**. Editora Unicamp, 2007.

SCHMITZ, Pedro Ignacio. Cronologia de las culturas del Sudeste de Rio Grande do Sul, Brasil. **PRIMER CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (DEL URUGUAY)**. Fray Bentos, v. -, p. 105-117, 1973.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Pré-história do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Gráfica da UNISINOS, 2006.

SCHMITZ, Pedro Ignacio; BECKER, I. I. B. Arqueologia no Rio Grande do Sul. Estudos Leopoldenses. Série História, São Leopoldo, v. 5, n.5, p. 47-74, 1967.

SCHMITZ, P.I.; NAUE, Guilherme; BECKER, Ítala Irene Basile. Os aterros dos campos do Sul: a tradição Vieira. IN: **Pré – História do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/ UNISINOS. Pg. 107-132, 1991.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; BASILE BECKER, Ítala Irene. Aterros em Áreas alagadiças no Sudeste do Rio Grande do Sul e Nordeste do Uruguay. Anais do Museu de Antropologia. Imprensa Universitária – UFSC. Florianópolis, Santa Catarina, 1970.

SERRANO, Antonio. *Etnografía de la Antigua Provincia del Uruguay*. Paraná, 1936.



SPINK, M. J. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. Editora Cortez. Rio de Janeiro, 2013.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. A trajetória da natureza: um estudo geomorfológico sobre os areais de Quaraí – RS. Uma síntese. In: **Boletim Gaúcho de Geografia**, 17: 16-31, out., 1989.

\_\_\_\_\_. **A trajetória da natureza: um estudo geomorfológico sobre os areais de Quaraí – RS**. Tese de doutoramento /Departamento de Geografia USP, 1987.

TRENTIN, Romário; SANTOS, Leonardo J.C.; ROBAINA, Luís E.S. Compartimentação geomorfológica da bacia hidrográfica do rio Itu – Oeste do Rio Grande do Sul – Brasil. In: **Soc. & Nat.**, Uberlândia, ano 24 n. 1, 127-142, jan/abr. 2012.

## BIBLIOGRAFIA

- ACOSTA Y LARA, Eduardo F. La guerra de los Charrúas em la Banda Oriental. Período Hispânico. Impresores A. Monteverde y Cia. S. A. Montevideo, Uruguay, 1961, Capítulo XII:183.
- BATE, Luis F. *Culturas e modos de vida de los cazadores e recolectores en el poblamiento de America del Sur*. Revista Arqueologia Americana. Nº 2, 1990.
- BALFET, H. “Terminología de la cerâmica” en la Prehistoria. A. Leroi-Gourhan et alli, Ed. Labor, Barcelona, 1972, pp. 186-191, ill.
- BALFET, H.; FAUVET-BERTHELOT y MONZON, S. “Pour la normalisation de la descripton des poteries”, Ed. C.N.R.S., Paris, 1983, 107 p.
- BECKER, Í. B. Formas de enterramentos e ritos funerários em populações pré-históricas. Revista de Arqueologia, v.8, n.1, São Paulo, p. 61-74, 1994.
- BINFORD, L. R. Mortuary practices: their study and their potential. In: BROWN, J. A. (Ed.). Approaches to the social dimensions of mortuary practices. Memoirs of the American Archaeology Society, n. 25, p. 6-29, 1971.
- CONSENS, M. 2007. *Arte pré-histórico en Uruguay. Torre del Vigía Ediciones. Montevideo.*
- DIAS, Adriana Schmidt. Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: uma proposta interpretativa para a Ocupação Pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. **Tese (Doutorado em Arqueologia)**, USP, São Paulo, 2003.
- HODDER, Ian. The Past as Passion and Play: Çatalhöyük as a site of conflict in the construction of multiple pasts. In: MESKELL, Lynn (ed.). Archaeology under Fire: Nationalism, Politics and Heritage in the Eastern Mediterranean and Middle East. London: Routledge, 1998, pp. 124-139.
- KAPLAN, D. & MANNERS, Robert A. **Teoria do Cultura: Curso de Antropologia Moderna**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975.
- KELLOG, N. W. e SCHNEIDER, S. H. (1977). *Climate, desertification and Human Activities*. In: *Desertification, Westrew Press Bonder – Colorado – USA*.
- LOTHROP, S. 1932 Indians of the Paraná Delta, Argentina. Anals ofthe New York Academy of Sciences, Vol. XXXIII.
- MÜLLER FILHO, I. L. **Notas para o Estudo de Geomorfologia do Rio Grande do Sul**, Brasil. Publicação Especial n. 1. Santa Maria: Imprensa Universitária. UFSM. 1970.
- WILLEY, G. Y P. PHILLIPS. *Método y Teoría en la Arqueología Americana*. The University of Chicago Press. Chicago, 1958.

SHEPARD, A.O. “*Ceramics for the archaeologists*”. Ed Carnegie Inst. Of Washington, Publication nº609, 414 p.ill. 1961.

SOARES, André Luis Ramos. **Organização Sócio-Política Guarani: Aportes para a Investigação Arqueológica**. 1996 (Dissertação de Mestrado). PUCRS, Porto Alegre.

STARK, M. Technical choices and social boundaries in material culture patterning: an introduction. In: STARK, Miriam (Ed.). *The Archaeology of social boundaries*. Washington: Smithsonian Institution Press, p. 1-11, 1998.

TAINTER, J.A. *Mortuary Practices and the Study of Prehistoric Social Systems*. In: *Schiffer, M.B. (Ed.) Advances in Archaeological Method and Theory, vol. 1*. Nova York: Academic Press: 105-141, 1978.

TRIGGER, B. *Historia del Pensamiento Arqueológico*. Editorial Crítica. Barcelona, 2004.

## GLOSSÁRIO

**Antiplástico ou tempero** – Material que desempenha uma função importante na redução do encolhimento da cerâmica durante as etapas de secagem e de queima. Os antiplásticos mais utilizados nos fragmentos cerâmicos do sítio Areal são: quartzos moídos, arenito silicificado, grãos de areia irregulares e grande quantidade nódulos de hematita (óxido ferroso). Em uma das peças (nº48) foi observado que o antiplástico mineral é constituído pela formação rochosa da calcedônia e quartzo, uma matéria-prima disponível no local e também trabalhada para a confecção de peças líticas do sítio.

**Catalanense** – Indústria lítica da pré-história uruguaia descoberta por Antonio Taddei. Os sítios arqueológicos catalanenses localizam-se nas nascentes do arroio Catalan Chico (Departamento de Artigas), e caracterizam-se por serem de superfície e com grande quantidade de artefatos líticos. A indústria Catalanense está dividida em duas fases: uma mais antiga que possui grandes lascas, e outra mais recente com maior quantidade de objetos bifaciais. O elemento característico do Catalanense é o lascamento bifacial.

**Engobo** – Revestimento aplicado às paredes do vasilhame antes da queima. Consiste numa fina camada de argila diluída na água, abrangendo toda ou parte da superfície das peças.

**Indústria** – A partir de uma perspectiva tecnológica, refere-se ao artesanato lítico produzido por um grupo humano em um dado período da história. O conjunto de artefatos de uma indústria lítica é composto desde o menor fragmento de lasca até o mais elaborado instrumento.

**Plotagem** – No contexto da metodologia de campo escolhida pela equipe que realizou a intervenção e a coleta das estruturas do sítio da Figueira/Areal, o termo se refere a espacialização, ou seja, disposição espacial das informações em croqui/mapa/planta. Cada estrutura plotada é constituída por um artefato ou grupo de artefatos. As estruturas coletadas receberam números, que foram chamados de Unidades.

**Quaraiense/Cuaramense** – Indústria lítica sem pontas de projétil que pertence a tradição dos caçadores-coletores primitivos. Os sítios localizam-se no Norte do Uruguai (Departamento de Artigas), sobre as margens do rio Quaraí. O trabalho bifacial dos artefatos, como é típico para o Catalanense, não existe na indústria lítica Quaraiense, e vários indícios sinalizam em favor de uma grande duração desta indústria.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria Acadêmica  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3ª. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [proacad@pucrs.br](mailto:proacad@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br/proacad](http://www.pucrs.br/proacad)